DEZEMBRO 1906 N.º 18

Seroẽs

Salve!
Cordeaes saudaçoẽs de boas festas e de anno prospero enviam os Seroẽs aos seus collaboradores, assignantes e leitores, com calorosas protestas de gratidão pelo favoravel acolhimento que ha anno e meio sem interrupção lhe tem dispensado o publico de Portugal e Brazil.

Mil prosperidades caiam sobre cada um d'aquelles a quem os Seroẽs devem a sua.

BIBLIOTECA DE LISBOA

LIVRARIA FERREIRA
FERREIRA & OLIVEIRA L.DA
LISBOA
RUA AUREA, 132 a 138

Summario

MAGAZINE PAG.

SOLICITUDE MATERNA
Quadro de W. BOUGUEREAU ..... FRONTISPICIO

O NATAL NA ILHA DA MADEIRA
(4 illustrações e 1 vinheta) por JOÃO GOUVEIA 423

INSTANTANEO — POESIA
Por ALIPIO MACHADO 429

O CHAPÉO FEMININO DURANTE O SECULO XIX
(39 illustrações e 1 vinheta) por PINTO DE CARVALHO *(Tinop)* 430

GUERRAS COLONIAES — AS OPERAÇÕES MILITARES NO SUL DE ANGOLA EM 1905
(6 illustrações e 1 vinheta) por EDUARDO AUGUSTO MARQUES 441

COLOMBINA
(5 illustrações e um retrato do auctor) por JOÃO PENHA 454

INCOHERENTE — POESIA
Por CRUZ ANDRADE 458

A BIBLIOTHECA PUBLICA DO PORTO
(13 illustrações) por J. PEREIRA DE SAMPAIO (BRUNO) 45

SONETO
Por LADISLAU PATRICIO 468

BENITA, Romance Africano
(4 illustrações) por H. RIDER HAGGARD 469

A SYMPATHIA — DIA DE FINADOS — POESIAS
(3 vinhetas) por BULHÃO PATO 482

NAS TERRAS DOS AÇORES — A CULTURA DO ANANAZ
(6 illustrações) de RAPOSO DE OLIVEIRA 483

VIGO — POESIA
Por ALCANTARA CARREIRA 489

EPITHALAMIO — POESIA
Por D. JOÃO DE CASTRO 490

UM PASSEIO
(9 illustrações) por MARCELLINO MESQUITA 492

O TERCEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS «SERÕES»
(1 vinheta e 3 illustrações) 500

OS SERÕES DOS BÉBÉS — O CAPUCHINHO VERMELHO
(5 illustrações) imitado do inglez, de HILDA DAWDSON 504

ACTUALIDADES
(17 illustrações) 510

OS SERÕES DAS SENHORAS (30 illustrações)

CHRONICA GERAL DE MODAS — ASPECTOS DAS MODAS DE INVERNO .... pag. 90
OS NOSSOS FIGURINOS ..... » 92
CHAPEUS DE INVERNO ..... » 94
A NOSSA FOLHA DE MOLDES ..... pag. 95
LAVORES FEMININOS ..... » 98
CONSULTORIO DE LUIZA ..... » 101
NOTAS DE DONA DE CASA ..... » 103

A MUSICA DOS SERÕES

TAMBOURIN
De RAMEAU ..... 4 paginas

Correspondencia dos SERÕES

A MUSICA DOS SERÕES DO N.º 17

Por um equivoco, que em cousa alguma pode influir na consideração que nos merecem seus talentos, classificámos como *um distincto musico de provincia* o sr. Joaquim Ferreira da Silva, que com a sua formosa «Canção triste» mimoseou os leitores dos *Serões*. O nosso equivoco, filho de uma similhança de nomes, não tem porém importancia dentro do nosso meio musical, onde o illustre compositor é de sobra conhecido, pelo brilhantismo dos seus estudos e pelas gratas esperanças que a sua mocidade inspira aos amadores de boa musica. Em Lisboa nasceu e tem habitualmente vivido o sr. Ferreira da Silva. Esta rectificação não representa mais do que uma homenagem á verdade, e nunca uma desculpa, pois que de nem do mais leve vislumbre de aggravo nos póde n'um caso d'estes accusar a consciencia.

CONCURSOS PHOTOGRAPHICOS

Damos no presente numero a decisão relativa ao terceiro concurso photographico, e publicamos com summo gosto as tres photographias que mereceram premio. Nos numeros seguintes iremos successivamente publicando as que tiveram menções honrosas.

Chamamos a attenção dos amadores photographicos para o novo concurso que abrimos agora, e que esperamos terá um resultado tão brilhante como os realisados ate hoje.

AOS NOSSOS AMAVEIS COLLABORADORES

Não nos cansamos de pedir aos estimaveis escriptores e artistas, que nos honram com a sua collaboração, nos relevem o não podermos de prompto satisfazer a justa anciedade que teem na publicação das suas producções. Repetimos o que mais de uma vez temos dito: nem que os *Serões* tivessem o duplo ou o triplo da materia, poderiam andar a par com os innumeros artigos que diariamente lhe remettem. Isto, se por um lado nos lisonjeia pela confiança e benevolo acolhimento com que honram a nossa revista, por outro lado nos colloca muitas vezes em embaraços, receiosos de involuntariamente melindrar quem tão amavel é para comnosco.

A NACIONAL Companhia Portugueza de Seguros sobre a vida humana

CAPITAL 200:000$000 RÉIS

RAMO A. — Seguros de todas as cathegorias a premios semanaes, semestraes, trimestraes ou mensaes.

RAMO B. — Seguros populares — sem exame medico a premios semanaes desde **20** réis.

PEDIR TARIFAS E CONDIÇÕES

Rua do Alecrim, 7 — LISBOA

Quarto Concurso Photographico

ABERTO PELOS "SERÕES"

Apresentamos o programma d'este novo concurso, ao qual são exclusivamente admittidos

Photographos Amadores

aos quaes pedimos se compenetrem bem das condições de ordem esthetica a que teem de subordinar-se.

O thema do quarto concurso é o seguinte :

Uma paizagem de caracter accentuadamente portuguez, podendo ter figuras humanas ou de animaes, com um titulo adequado (nome do sitio ou outra indicação que caracterise a significação da paizagem).

São as seguintes as

CONDIÇÕES

1.ª — As photographias podem ser de qualquer formato, á vontade do concorrente, comtanto que o minimo seja 9 × 12 centimetros.

2.ª — As photographias premiadas serão publicadas nos «**Serões**» com o nome e residencia do concorrente. Alem d'isso a direcção dos «**Serões**» reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.ª — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos de publicação, ficará pertencendo aos «**Serões**».

4.ª — A direcção dos «**Serões**» não se compromette a devolver as provas que lhe forem remettidas, a não ser que para isso lhe enviem um enveloppe devidamente estampilhado.

5.ª — A decisão do jury, escolhido pelos «**Serões**», será definitiva.

6.ª — As provas devem ser enviadas á direcção dos «**Serões**» com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará d'esta pagina e se preencherá devidamente. Caso o concorrente prefira guardar o anonymo até resolução final do concurso, poderá enviar o boletim em sobrescripto fechado, tendo as palavras «Quarto concurso photographico dos Serões» e um lemma repetido nas costa da prova, ou o titulo da photographia por extenso. N'este caso, só se abrirão os sobrescriptos depois da decisão do jury.

7.ª — Haverá **tres premios,** sendo o primeiro de **10$000 réis;** o segundo **Uma collecção dos quatro volumes da primeira serie dos SERÕES;** o terceiro **Uma assignatura de um anno dos SERÕES,** a qual pode reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

QUARTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 DE MARÇO

Titulo da photographia : .....

Local em que foi tirada : .....

Nome e endereço da photographia : .....

.....

Declaração — *Declaro que não sou photographo de profissão e que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.*

Assignatura : .....

Endereço : Direcção dos SERÕES, Livraria Ferreira & Oliveira L.da, Rua Aurea, 132 a 138 — No verso do enveloppe a indicação : Quarto concurso photographico.

O impulso de enthusiasmo que me levou a crear uma marca de consagração ao grande portuguez e heroico capitão MOUSINHO D'ALBUQUERQUE, quando no seu regresso da Africa tanto fez vibrar o meu coração de patriota, para o que d'elle solicitei a auctorisação que me foi pelo seu proprio punho concedida, desperta agora de novo perante a apparição do magistral livro que sobre o extraordinario militar acaba de escrever o illustre escriptor EDUARDO DE NORONHA. É sob o influxo d'esse soberbo reviver dos feitos do aprisionador do Gungunhana que, lanço de novo no mercado esta historica e patriotica marca, sacrificando o meu lucro ao ponto de apresentar a um preço excessivamente barato, um typo de vinho velho licoroso que vale muitissimo mais. Será esta, parece-me, uma fórma de relembrar nas proprias horas de trabalho ou de prazer, o vulto que é preciso jamais olvidar emquanto exista um coração de portuguez.

Este vinho escrupulosissimamente escolhido e tratado, rotulado, engarrafado e encaixotado com esmero, competirá com qualquer dos que se vendem a preços muito mais elevados.

Aloysio A. de Seabra

Importação de ferragens, cutelarias, louças de ferro, fogões a gaz, alcool, kerozene e carvão, tintas, vernizes, oleos de linhaça e para machinas, cimento, telhas zincadas, arame farpado, chumbo, carrinhos de mão e outros artigos para construcções.

UTENSILIOS PARA COZINHAS

PASTA DENTIFRICA

HYGIENICA

Preparada na Pharmacia JULIO DO NASCIMENTO
RUA DA PRATA, 115 e 117
Unica que branqueia os dentes, desinfecta a bocca e fortifica as gengivas
Boião 500 rs. Bisnaga 200 rs.

GRANDE DEPOSITO
DE
Moveis de ferro e colchoaria
DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO

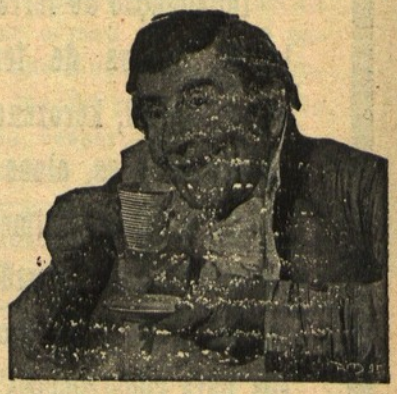
54, Praça dos Restauradores, 56
LISBOA

A BRAZILEIRA

Casa especial de café do Brazil
A. TELLES & C.ª
Rua Garrett, 120 (Chiado) e Rua Sá da Bandeira, 71 — PORTO
Telephone n.º 1:438
Café especial de Minas Geraes
BRAZIL
Torrado ou moido kilo 720

Todo o comprador tem direito a beber uma chavena de café gratuitamente

Recommendamos os deliciosos vinhos da casa Borges & Irmão, do Porto, dos quaes somos unicos depositarios em Lisboa, e chamamos a attenção para os vinhos verdes especialidade d'esta casa.



Chamamos a attenção para as condições dos annuncios, que inserimos na capa dos Serões.

Poock
Poock
Casa Clausen
Rio de Janeiro

PHONOGRAPHOS
E
CYLINDROS
IMPORTAÇÃO
DAS PRINCIPAES
CASAS DE
NEW-YORK
BERLIM
E
PARIS

SOCIEDADE PHONOGRAPHICA BRASILEIRA

REPRESENTANTE DO CENTRO PHONOGRAPHICO PORTUGUEZ

RUA DOS OURIVES Nº 109
RIO DE JANEIRO
AGENCIAS NO PARÁ E RIO GRANDE DO SUL

SEM RIVAL para a limpeza e conservação dos dentes.

DEPOSITO
Rua Nova do Almada, 81, e Rua do Carmo, 83
LISBOA

AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

DE

MOURA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRIPTORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇAO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.ª

LISBOA

RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios E. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELLI

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro	20$000	Registro	5$000
Rio de Janeiro e Estados	18$000	»	3$000
Centro Commercial	15$000		

Numero avulso: Capital 1$500. Estados 1$700. Numero atrazado 3$000

PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual	6$000
» com registro	8$000
Numero avulso	$600

Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos aos Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, auctorisarem-nos o registro mediante o augmento, em assignatura, da importancia de Rs. 3$000 para o interior e Rs. 5$000 para o exterior.

O assignante que, no correr da sua assignatura, mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. $500.

AO LEITOR. As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

Á Administração da Revista RENASCENÇA

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

IMPORTANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da **Renascença** — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 2 da Revista a Rs. 5$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22$000 o volume, e Rs. 40$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até á importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70 % em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.

DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

Sociedade de Seguros
Mutuos sobre a vida
terrestres-maritimos

SÉDE SOCIAL

AVENIDA CENTRAL, 125 (Rio de Janeiro)

FILIAL EM PORTUGAL

LARGO DO CAMOES, 11, 1.º

LISBOA

Serão attendidos todos os pedidos de tabellas de premio, prospectos e outras informações, quer sejam dirigidas á séde ou á filial.

GUINLE & C.

Engenheiros mechanicos, hydraulicos electricistas e empreiteiros

IMPORTADORES DE MACHINAS E MANUFACTURAS NORTE-AMERICANAS

Rua do Ouvidor, 64 B—Rio de Janeiro-Brazil

OFFICINAS E DEPOSITOS: 13, Rua Nova do Ouvidor, 13 e 89, Rua de S. Leopoldo, 89

FILIAES: Rua Direita n° 7, S. PAULO
Rua dos Andradas n.os 349 e 349 A, PORTO ALEGRE — **Agencias** Rua da Bahia, BELLO HORIZONTE e Rua Conselheiro Saraiva, 34, BAHIA

Telephone n.° 385

Endereço postal: Rio, Caixa 954 Endereço postal: S. Paulo, Caixa «Q» — Endereço postal: Porto Alegre, Caixa 64 — Bahia, Caixa 164
Endereço teleg. Rio, S. Paulo, Porto Alegre e Bahia «FUSE» — Codigos A. I., A. B. C., Liebers Especial e Western Union

UNICOS REPRESENTANTES NO BRAZIL DAS SEGUINTES FIRMAS:

General Electric Co. Apparelhos electricos para força e luz.

Pelton Water Wheel Co. Rodas de aguas turbinas, etc.

Mercedes Daimler. Automoveis.

Babcock & Wilcox Co. Caldeiras a vapor.

J. G. Brill Co. Trucks para carros e vagons.

The Chloride Electrical Stdrage Company Ltd. Accumuladores electricos.

A. L. Ide & Sons. Machinas a vapor "Ideal"

Chicago Pneumatic Tool Company. Machinas e ferramentas de ar comprimido.

Cleveland Twist Brill Co. Brocas americanas.

L. S. Starrett Co. Ferramentas finas.

John A. Roebling's Sons Co. Cabos e fios para transmissão de energia electrica.

Billiken Brothers. Construcções de ferro, aço, pontes, etc.

J. A. Fay & Egan Co. Machinas para trabalhar em madeira.

Lozier Motor Co. Motores e lanchas a gazolina.

American Locomotive Co. Locomotivas.

Cincinnati Tool Co. Ferramentas.

Goodell-Pratt Co. Ferramentas finas.

Globe-Wernicke Co, Mobilia de escriptorio.

Worthington Punping Engine Co. Bombas a vapor.

Mietz & Weiss. Motores a gaz e kerozene.

Otis Elevator Co. Elevadores electricos.

The Gutta Percha and Rubber Mfg Co. Artefactos de borracha.

Sherwin-Williams Co. Tintas preparadas e vernizes.

Swan & Finch Co. Lubrificantes.

International Paper Co. Papel para impressão.

Hall Signal Co. Signaes para estrada de ferro.

Standard Varnish Works. VERNIZES.

Hammond Typewriter Co. Machinas de escrever.

Victor Talking Machine Co. Gramophones e accessorios.

Eastman Kodak Company. Apparelhos photographicos.

CAXAMBÚ
AGUA DE
MESA

FABRICANTES DA ACREDITADA AGUA INGLEZA DE GRANADO

GRANADO & C.ª

Pharmaceuticos

Droguistas

Fabricantes

RUA 1.º DE MARÇO, 12

Caixa do correio, 12
End. Teleg. «GRANADO»

Grande Laboratorio Chimico e Pharmaceutico

A VAPOR

Rua Valle do Rio Branco, 27

Fornecem-se preços correntes

RIO DE JANEIRO

Obtem-se MAIS GRAÇA,
MAIS BELLEZA,
bebendo sómente
"SALUTARIS"
Depositarios:
ZENHA, RAMOS & Cia
RIO DE JANEIRO.

O Commentario

DESDE **1903** publica-se no Rio de Janeiro uma interessante e curiosissima **Revista,** original e util aos contemporaneos e aos futuros perscrutadores da historia da cidade.

E' espelho fiel de tudo que occorre na capital brazileira; tanto quanto possivel recordação do que ella foi; paginas de leitura magnifica no presente e no futuro.

Em seu genero foi a primeira que appareceu n'aquella cidade; e talvez, mesmo, não tenha semelhante n'outros centros populares. A sua acceitação tem sido immensa dentro e fóra do paiz. As suas illustrações, bem impressas, são sempre momentosas, de opportunidade.

São **96** paginas por mez, dando indice de quatro em quatro numeros: a sua collecção já consta, pois, de **9 volumes** de **350** a **380** paginas cada um.

O Commentario publica actualmente a 4.ª serie, principiada em Maio. Folgamos de recommendal-a.

E' revista da maior respeitabilidade: credito feito pela excellencia dos seus collaboradores, e pela superioridade dos conceitos que emitte

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Portugal e a guerra das nações — por Bruno (José Sampaio) — Livraria Chardron, Porto — Volume de 508 paginas, em que o insigne pensador formula as ideias sobre a situação politica de Portugal no mundo moderno.

Heroe (O) de Chaimite — por Eduardo de Noronha — Empreza de «O Primeiro de Janeiro», Porto — Vol. de 480 pag. Estudo apotheotico sobre a campanha que immortalisou o nome de Mousinho de Albuquerque — Prefacios do actual ministro da marinha, sr. Ayres de Ornellas, e do sr. Paiva Couceiro — Pode chamar-se uma epopeia patriotica em prosa.

Cantigas da minha terra — por Santos Luz — Lisboa 1906 — Folheto de 63 pag. — Collecção de trovas de caracter accentuadamente portuguez, cheias de melancholia e de voluptuosidade.

Halos — por Aurelio Dominguez — Bahia, 1906 — LXVII pag. — Poesias, na sua maior parte sonetos, de uma bella factura.

Sombras — por Presciliano Duarte de Almeida — Rothschild & Comp.ª, S. Paulo — Lindo vol. de versos de 183 pag. — Nova e valiosa contribuição do já riquissimo exercicio lyrico do Brazil.

A Aurora do Porvir — Publicação mensal, Recreativa e Instructiva. — Revista Illustrada — Anno III — n.os 29 e 30.

A Construcção Moderna — *Revista illustrada* — Anno VII — n.º 13.

Echo Photographico — *Jornal mensal de sport photographico* — Anno I — n.º 7.

La Lectura — *Revista de Sciencias y de Artes* — Año IV — Outubro de 1906 — n.º 70 — *Sumario:* Algumas consideraciones sobre la literatura hispano-americano: A proposito de un libro peruano — D. Juan Valera (La personalidad), etc. etc.

O Instituto — *Revista scientifica e litteraria* — Vol. 53 — n.º 10 — Outubro de 1906 — *Artigos principaes:* — Historia de Beneficencia Publica em Portugal — A Alliança Ingleza etc. etc,

A Semana Illustrada — 1.ª Serie — Lisboa 13 de Outubro 1906 — n.º 3 — *Artigos principaes:* — Divagando — Amor a concurso etc. etc.

Boletim Photographico — n.º 78 — Junho de 1906 — Setimo anno — *Artigos principaes:* Papeis de carvão — Luz de magnesio — Productos e material novo etc. etc.

Boletim Photographico — Julho de 1906 — n.º 79 — *Artigos principaes:* — Photographia estereoscopica — O Acido borico no banho fixador, etc. etc.

Actualidades — *Artes, Sciencias e Lettras* — Revista Illustrada — Publicação tri-semanal — Anno I — n.os 10, 11 e 12.

A Cidade e os Campos — Revista mensal illustrada — Anno I — n.º 6.

Alma errante — por C. de Pina Machado — Lisboa, livraria Ferreira & Oliveira, 1906 — Bella edição — Versos cheios de harmonia e sentimento.

Arte — Archivo de obras d'arte — n.º 23 — Porto — Director e gravador, Marques Abreu — Bella publicação artistica. Traz as seguintes gravuras: Flora, Conselheiro Castro Mattoso, Venus Anadegamena, com artigos interessantes.

A Semana Azul — *Publicação de luxo illustrada — Arte, Litteratura, Critica, Novidades* d'interesse e notas elegantes — Anno III — n.º 16.

Echo dos Fenianos e Girondinos — *Publicação mensal* — Anno I — Poreo — n.º 10 — Summario: Mez a Mez — Publicação Alegre — O meu senhor — Trovas do Povo — Sua excellencia, a cidade — Soneto — Soneto — O carnarval Portuense no seculo passado — Sonetos — Cartas do Seminario — Os esquecidos — Guerra Junqueiro — Marianna — De Lita.

El Despertar Hispano — *Publicacion semanal de caracter absolutamente independente* — Se occupa de Critica, Sociologia y variedades — Año II — n.os 8 e 9 — Buenos Aires.

Eça de Queiroz — questão de naturalidade — Porto, 1906 — com a gravura da lapide affixada na Povoa de Varzim — o fac-simile de uma carta do pae de Eça de Queiroz. Reivindicação de honra da naturalidade do grande romancista á Povoa de Varzim.

Horas de Ocio — *Revista semanal illustrada e litteraria* — Aano I — n.º 5 — Fundão.

Illustração Portugueza — n.º 38 — Edição semanal do «Seculo».

ANTHERO DE FIGUEIREDO

Recordações e viagens

SUMMARIO: Gosto de recordar — Na City — Três cemiterios italianos — Uma casa minhota — Na Franconia — Nas aguas de Capri — O Bom-Jesus-do-Monte — Entre Southampton e Vigo — Uma aldeia espiritual (Assis) — Lisboa — O mosteiro do Canigou — O Minho pesarôso — O Valle do Tet no Rossilhão — Unhaes da Serra — Davos-Platz — Uma tarde em Biarritz — Nos Avants — Um amigo da sua terra — Paginas de um «Bloc-notes» — Post-Scriptum.

Um volume in-8.º br..... 600 réis

FERREIRA & OLIVEIRA, L.da — LIVREIROS-EDITORES 132 — Rua do Ouro — 138 LISBOA

SOLICITUDE MATERNA

Quadro de W. Bouguereau

NA ILHA DA MADEIRA

Na Ilha da Madeira, tem o nome generico de *Festa* o periodo de tempo que decorre entre 24 de dezembro e 6 de janeiro, — Os Reis.

Este nome de *Festa,* simples e alegre, singello e grande, a nenhuma outra solemnidade se concede por ser esta realmente a maior, a que abraça toda a christandade no mesmo tempo, aquella emfim que sae do culto ritual dos templos e se estende ao culto em familia, erguendo um altar em cada casal: — A Lapinha.—

Lá, para o sul, em pleno Atlantico, na communhão da Natureza mais esplendorosa, os Ilheus costumam dar ainda toda a candura e caracteristicos primitivos aos festejos do nascimento do *Menino Jesus*, como se ouve então em todas as boccas.

São as velhinhas, myrradas pelo tempo mas ingenuas pela graça de Deus, que se encarregam de contar ás creanças, em meiga cantilena, o drama das palhinhas de Bethelem:

Meia noite dada,
Meia noite em pino,
Lo gallo cantava,
Chorava o menino.
E la mãe lhe disse
Mui cheia de dor:
—«Calae-vos, meu filho,
Jesus, meu amor;
Dormide no feno,
N'esta laja fria,
Qu' eu não tenho berço
Nem no furtaria»—

Ai, Senhor do Mundo,
Tão pobre que estaes,
Deitado no feno
E entre animaes.

E os anjos, de olhos muito abertos, escutam deliciados e repetem.

Meia noite dada
Meia noite em pino... etc.

O natal na Madeira é sobretudo a festa das creanças. Livres da Escola, são ellas que presidem ao amoroso arranjo dos presepios pelas mães. Os fructos, n'esses dias, andam á discrição das gulosas boccas infantis e todos os caprichos lhes são satisfeitos. Por toda a parte emfim, o Natal é o tempo das vaccas gordas, em que ha sempre, até nos mais humildes casaes, uma relativa abundancia, que faz abrir o riso, que dispõe bem, que dá saude!

O primeiro rebate do Natal, que tem o quer que seja de pagão, é o *critar* afflictivo dos porcos - a victima immolada - que esturge os ares na madrugada de 24 de dezembro. É o toque d'alvorada sangrenta que vem annunciar o proximo dia do nascimento da mais suave creatura que ainda existiu sobre a terra.

A festa do Natal anda pois intimamente alliada á matança dos porcos, e tanto, que o Natal e a morte do porco são synonymos na Ilha, isto por motivos que, de compridos, não cabem n'uma descripção que pretende ser impressionista e leve.

Termina a faina da matança, que tem muito

de pinturesco, ao romper o sol do dia 24, e começa então o segundo rebate, aquelle que mais se nota e que é um estralejar ininterrupto de bombas, de *trip-trapes*, mais o chiar dos foguetes que sulcam a atmosphera com azulados cordões de fumo.

Desde muito cedo, ha um desusado movimento pelas ruas do Funchal, em regra silenciosas e pacatas. Nas proximidades do mercado de D. Pedro V, Praça do peixe, Rua dos Tanoeiros, Chafariz, etc... estacionam as camacheiras e mulheres do Santo da Serra, caracteristicas pela sua estatura meã e redondeza, a venderem festões de alegra-campo — baraços de folhagem verde-escura — laranjas, nozes, ouriços de castanheiro, pequenos fetos, avencas, e mais a fructa que é uma especialidade *Camacha*, as maçãs sadias e appetitosas, que parecem ter com as vendedeiras o parentesco de primas... afastadas pelo menos.

Pelas locandas, onde a aguardente põe um cheiro particular a *fleugma*, que só ali se nota, ramalham estridentes as violas d'arame na sua monotonia de 3 notas, a acompanhar as trovas que os *villões* (1) se botam encostados ao balcão, onde brilham os *meios grogues* (2) que em breve se despejam e substituem.

A cantiga é sempre espontanea e continuação da antecedente.

UMA LAPINHA

(1) Nome generico que na Madeira se dá aos homens dos campos.

(2) Termo que determina a quantidade de aguardente, 5 cl.^{os} proximamente.

Duas trovas que nos recordam para exemplo:

Deixei em casa as cuécas,
Venho de calças compridas:
Compadre, guarde o dinheiro
Que eu pago agora bubidas.

Compadre, não se arrenegue;
Quem fala aqui em dinheiro?
As bubidas são de graça
Quando canta um caniceiro.

Vem a proposito das trovas dizer-se que, em geral, o Ilheu só canta quando bebe. Para o homem do campo, sobretudo, o vinho é a mola propulsora de todas as suas manifestações: a canção é vinho, o amor é vinho e até o trabalho é vinho porque sem elle não se trabalha. De resto, que culpa teem elles que a terra seja tão fecunda e excellente nos nectares do esquecimento e da alegria?

Na manhã de 24 de dezembro, as mães de familia vão pessoalmente dirigir a compra de viveres e guloseimas — por tradicional costume — rodeadas da pequenada, que mal dorme a sonhar com a desejada manhã. O mercado ás 6 horas regorgita de mamãs e de bébés, n'uma esturdia desuzada, sem exemplo, por entre cabazes de frescura e de appetite, que outra cousa não são os fructos amontrados.

Os olhares infantis parecem ficar encantados principalmente pelo oiro das laranjas, anciando todos pelo prazer, logo satisfeito, de as ver de perto, entre as mãositas.

Feitas as compras, variadas em extremo n'esse dia, espera-os em casa, onde começa a chiar na frigideira e a cheirar *divinamente* a tradicional carne de porco de vinho e alhos, que tem na Ilha um especial e conhecido sabor.

Almoço acabado, procede-se á construcção da Lapinha, que corresponde á arvore do Natal: o encanto das creanças.

Quasi decorre o dia n'esse arranjo carinhoso, por entre o chilrear dos bébés, que em tudo mexem e tudo querem saber, sempre a descascar a competente laranja, a partir nozes ou a dentar as maçãs, que por um pouco lhes não escondem o rosto quando as mordem com a boquita do tamanho d'um beijo.

A Lapinha é um altar. Sobre um supporte resistente assenta o presepio em forma d'encosta rochosa, d'ante mão construida com sóccos de cannas vieiras ligadas, em monte, que offerecem anfractuosidades inprevistas, sobre as quaes se assentam algumas camadas de papel molhado, que se adapta. Sobre esta construcção, que tem o nome de Rochinha, imitam-se ribeiras e quedas com arame prateado, dispõe-se pastores e ovelhas de barro, pequeninas arvores, estradas e praças liliputianas, casitas brancas, emfim, todo um ridente povoado n'uma encosta de montanha em miniatura.

UMA LAPINHA

Ao fundo o alegra-campo cobre a parede de alto a baixo, todo salpicado de flores de enceião, que destacam o seu amarello doentio de astros poentes no ceu de folhagem verde-escura.

Aos lados da Rochinha algumas cannas doces abrem pacificamente as palmas verdes-claras.

No alto, dominando meigamente, com a mãosita côr de rosa aberta em benção, o Menino Deus resplandece no seu trage singello feito da flor do linho.

Á noite, tocam os sinos, as egrejas resplan-

decem de luzes, os orgãos entoam canticos propheticos.

Vae começar a missa do Gallo, a missa que tem não sei que sympathia das mulheres que a ouvem em lagrimas: as que são mães, talvez, por se lembrarem do nascimento dos queridos filhos, que soffrem, que as fazem soffrer, que estão distantes ou mortos! As solteiras talvez, porque vagamente tudo isso adivinham atravez d'um olhar que as contempla amoroso por detraz d'uma columna ou do angulo sombrio e discreto d'uma capella.

As creanças, essas, já tontinhas com somno, abrem de quando em quando os olhitos espantados e perguntam se já veiu o Menino Jesus que acaba de nascer.

O dia de Natal contrasta muito com a vespera: é silencioso, recolhido e grave. Só de longe em longe se ouve estalar uma bomba ou algum foguete perdido.

As ruas ficam desertas, o ambiente mudo, e o mar, quasi sempre tranquillo, deserto de barcos.

*
* *

FREGUEZIA DO FAYAL

Com diversa apparencia apenas, mas com o mesmo fundo de candura, decorre o Natal nos campos da Ilha da Madeira.

A alma semi-primitiva dos camponezes poetisa e reveste de mais exterioridades o dia do nascimento de Jesus Christo. É o antropomorphismo que cresce na razão indirecta da intellectualidade.

Nas humildes choupanas, cobertas de palha, cheirando a linho e a saude, onde a mobilia consta de uma arca, um leito grosseiro e largo, uma commoda nos mais ricos, uma simples mesa de pinho nos mais pobres, ha n'esse dia um meticuloso asseio que enternece, e dir-se-hia que por milagre se alargou a sua exigua area, afim de installar pomposamente o Menino Deus na lendaria Lapinha.

Em casa espera-os a *cerimonia ritual* da canja e do calice do velho vinho, em cuja virtude pousam os votos de mutua felicidade.

Os velhos enxugam uma lagrima, recordando as dezenas de nataes que lhes nevaram as cabeças, gelando-lhes primeiro as illusões, depois a mocidade e finalmente a vida.

As mães lançam olhares ternos e anciosos sobre os fructos do seu ventre, evocando a Virgem para que os proteja e os faça á imagem do seu Bemdito Filho.

Os paes recordam a sua mocidade e tudo perdoam á mocidade dos filhos.

Ainda fica porém *terreiro* para as visitas e para a exhibição dos comicos (dois apenas), que representam um minusculo auto com geral agrado.

Depois das trindades, que echoam pelas serras e outeiros o seu lamento de appello á oração, ajoelha toda a familia deante do Menino para rezar o terço.

Se entre elles existe algum que saiba ler, ouvem-se então os versiculos do *Novo Testamento* e os passos de Christo, por entre exclamações enternecidas e admiradas das boas ve-

lhinhas, que quanto mais se approximam da cova mais crentes se tornam.

Terminadas as orações, recordam-se os ausentes, aquelles que um dia desappareceram no pequeno cemiterio, ou os que, n'uma manhã de sol, beijaram as mãos paternas e se sumiram na volta da estrada com destino ao Brazil.

Quinze dias... vinte dias de viagem sobre as aguas salgadas para lá chegar!

Quanta saudade, quantos arrependimentos e, sabe Deus, quanta fome na terra extranha, para aquelles que um dia abandonaram a casa de seus paes e se foram em busca de fortuna?

E lê-se a ultima carta: Um, está de saude, achou um patrão que o estima, manda algumas libras... Exultam os paes do trabalhador afortunado! Outro andou longo tempo sem trabalho, o clima é insupportavel, não póde, teve febres, quer voltar mas não tem recursos!... É a hora do sacrificio... vende-se a terrinha que fica ao pé da rocha; dá boas batatas, uns almudes de aguardente... O prior já falou n'ella, mostrou desejo de a possuir... vende-se, conclue-se o negocio.

O pobre pae derrama algumas lagrimas sobre a terra que regou com o seu suor, e volta para casa apertando com mão convulsa umas dezenas de *patacas* que leva na jaleca.

Eis o Natal d'alguns!

*

* *

É a hora de visitar as Lapinhas.

Organisa-se uma *companhia*, formada de dois comicos, um *villão* e um *preto*.

Trazem cabaças a tiracollo e um pequeno caco para donativos.

Entram em scena:

Villão: (avançando)

Eu venho da serra, de longe, cançado,
Por vel'o Menino deixei o meu gado.

Preto:

Tambem ió lá deixei tudo o que la tinha,
Só por vir agora ver esta Lapinha.

Villão:

Eu venho da serra, d'alem do penedo
Com meu machetinho folgar no folguedo.

Preto: (apontando o villão)

O bruto dos campos, olha a fidarguia (1)
Que vem da cidade trajando cerguia (2)

Villão:

Sou branco de raça, geração limpinha,
Vim vel'o Deus nado que está na Lapinha.

Preto:

Tu diz vens ver nado lo Deus na Lapinha,
Tu vens p'ra comer bacalhau e sardinha.

Villão:

Cal'te lá mau preto; tu m'o pagarás,
No anno que vem tu não falarás.

Em coro:

Meu Menino Deus do meu coração,
Amar-te sim sim, deixar-te não não.

Assim termina a ingenua *comedia*, que apenas por curiosidade pinturesca apontamos.

O dono da casa offerece a lobata pela distincção e amabilidade da visita, e enche seguidamente os copos grossissimos d'um vinho topaziado e fino.

Deixando e levando votos de ventura, partem os *actores*, seguidos do rapazio pelas estradas terreas, entre vinhas ou pinhaes, sob um ceo claro, escorrendo sonhos e mais sonhos, pelo crivo luminoso das estrellas que picam o azul.

É meia noite. A companhia ambulante terminou o seu giro pelos casaes.

As portas cerram-se, apagam-se as luzes e tudo dorme em silencio... mas não é raro, n'um ou n'outro casal onde ha raparigas, ouvir-se um ligeiro rumor... Abre-se uma janella, a mais alta, e apparece uma cabeça lyrica de moça, cujos olhos cheios de presagios parecem interrogar a mudez do ceo. Sobre o peitoril da janella brilha um copo cheio d'agua... A mão da moça, tremula, benze a agua tres vezes lentamente.

Dir-se-hia que vamos assistir a uma scena de magia. Murmura uma oração occulta, que

(1) Corrupção de fidalguia.
(2) Corrupção de Cerguilha, tecido grosseiro.

facilmente se adivinha. Honesta e boa, tem um amor no coração, um enlevo nos olhos e um *Manuel* na bocca!... e quer saber o que o futuro lhe reserva... Então, quebra um ovo na borda do copo e lança-o na agua. A clara do ovo, em parte coagulada, esboça dentro da agua uns arabescos, que os olhos avidos procuram decifrar.

Se fica um laivo branco que termina á tona d'agua n'uma bolha, é um mastro de navio .. é que o Manuel parte... é que o Senhor não escutou as suas orações... É o desespero! Se fica em fórma de corôa, é a sua grinalda de noiva... é a felicidade!

Emfim, todas as infinitas e mal distinctas formas que pode apresentar a albumina coagulada teem a sua interpretação n'essas febris imaginações de vinte annos.

*
* *

Dia primeiro de Janeiro.

É quasi sempre um d'esses magnificos dias de inverno — na Ilha — dia primaveril de serras claras, ceo profundo e mar de azeite.

Estralejam foguetes e bombas todo o santo dia, mas a noite, é a noite do Fogo por excellencia, a noite chimerica, que apenas se conserva na memoria como uma confusão de myriades de estrellas a cahir, a cruzar o espaço em correrias doidas.

Não temos conhecimento de que se faça em outra parte do mundo mais soberba apotheose ao anno novo que nasce. De resto, as condições naturaes e topographicas do Funchal, suburbios e encostas auxiliam e compõem á maravilha o quadro feerico da Noite do Fogo.

A cidade do Funchal, pousa n'um amphitheatro natural; nasce junto do mar, estende-se em curta planura e monta pela encosta em semicirculo, coroada de montes, formando um todo a que a arte não parece isenta.

É uma maravilha de scenario que seduz e encanta os olhos mais habituados ás bellezas naturaes.

A bahia, semicircular, é limitada pela ponta do Garajau e pelo «Ilheu», Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição.

Na linha d'agua, quasi, nasce a cidade ridente de casas brancas e de verduras saudaveis.

Á noite, apenas se adivinha a larga garganta pelas luzes que salpicam os caminhos naturalmente sobrepostos pela elevação em que a cidade se estende.

Na memoravel noite de Anno Bom, uma insolita illuminação apparece depois do crepusculo, annunciadora do enthusiasmo luminoso que ha de singrar o ceo ao bater da primeira badalada da meia noite.

As familias, cujas casas são melhor situadas

ILHA DA MADEIRA — SANTANNA

para disfructar o espectaculo, recebem outras, e entretêm a noite na paz do Senhor, entre libações do melhor vinho e do melhor licor, á espera da hora.

A meia noite approxima-se. O estralejar das bombas cresce, e todos correm ás janellas, aos eirados, aos planaltos...

Subitamente, longinquamente, a torre da Sé atira ao vento a primeira badalada... Então, como se a terra se abrisse e vomitasse faiscas de todas as côres, a cidade esplende coroada de luz.

São os foguetes de lagrimas, os foguetes electricos, que illuminam poderosamente trechos da cidade ridente. São os potes de côres vivas, as rodas de fogo, as mil formas luminosas que a pyrotechnia inventou para deslumbrar a vista, tudo isto entre o ruido ensurdecedor das bombas, dos *trip-trapes* e das granadas, que expludem ao alto como relampagos seguidos do trovão que se repercute pelos cem echos naturaes do amphitheatro.

Cinco minutos de demencia luminosa, reflectida pelo espelho do mar que dorme a somno solto.

Em cinco minutos tambem, as luzes apagam-se, os ruidos calam-se, o ceo fica sereno e mudo, a cidade adormece, e o novo anno começa a viver na tranquilidade radiosa d'essas paragens abençoadas.

João Gouveia

Instantaneo

A Antonio Bandeira

O sol cahia por detraz dos montes
Doirando os campos e doirando as fontes,
No extremo adeus...
Tinham seus raios uma tal doçura,
Que eu comparava á lyrial candura
Dos sonhos meus.

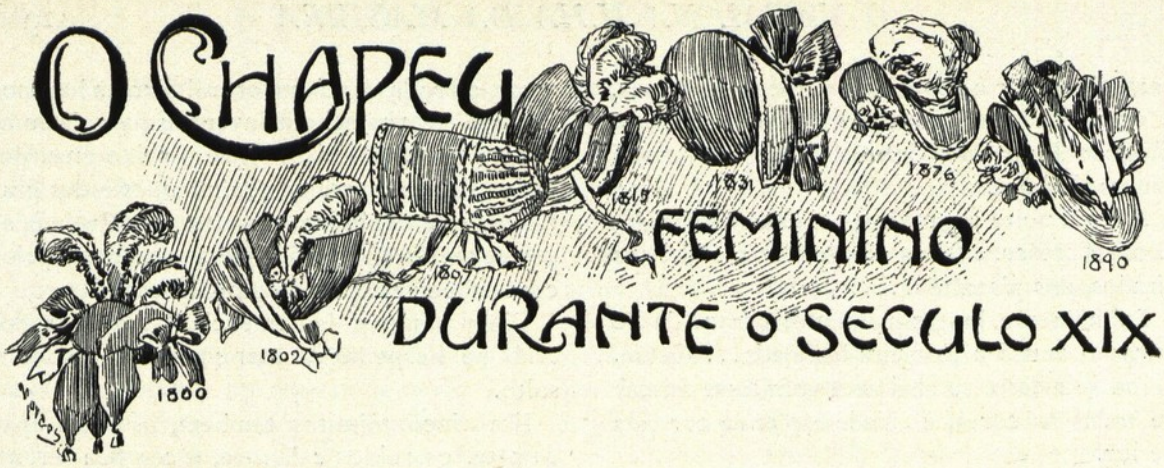
Ao longe echoavam, na mudez da estrada,
Os sons dolentes da canção magoada
De uma serrana;
E o sertanejo, ao recolher o gado,
Acompanhava no arrabil doirado
Bella tyranna.

As alvas garças, em nitente bando,
Passavam tristes, pelo azúl voando,
Desconsoladas...
E as juritys, nas solidões sosinhas,
Gemiam tristes como as creancinhas
Abandonadas.

Oh! paz bemdita que me cantas n'alma,
Ness'hora augusta, divinal e calma
D'Ave Marias...
Faz' de meus versos triumphaes psalterios,
Com que eu celébre teus subtis mysterios
Todos os dias.

Rio de Janeiro, 28-III-906.

Alipio Machado.



O chapéo é um Protheo que reveste todas as formas, disse Mercier no seu *Tableau de Paris*, em 1783. Effectivamente, desde os fins do seculo XVIII que o chapéo é um Protheo multiforme, que ora se alonga em capota desmedida sob o Directorio, ora toma proporções de barretina com os vestidos esguios do Imperio, ora se achata para comprazer ás importações inglezas de 1815, ora se eleva no cocuruto da cabeça para se abaixar até á raiz dos cabellos no dia seguinte, prestando-se, em todas estas mudanças, a centos de denominações, qual d'ellas mais burlesca ou mais patusca.

Os espiritos avisados e assisados notaram sempre que a moda é um eterno recomeço. Qualquer que seja o nome do chapéo: *Trianon*, *Lamballe*, *Gainsborough*, *Paméla* ou *Rembrandt*, o chapéo de 1797 é o de 1830, o de 1879 e o de 1890. A *Charlotte* phantasista das mulheres de Debucourt é o chapéo das *grisettes*, e o chapéo das elegantes *pschutteuses* é o chapéo das *gommosas*. Se dos chapéos derivarmos para outros artefactos, notaremos o mesmo phenomeno. Assim, o peitilho *à La Vallière* entrou novamente em moda no anno de 1820, as mangas do tempo de Catharina de Médicis rebrilharam em 1824 e em 1894, os tacões á Luiz XV readquiriram a sua voga no tempo de Napoleão III, as verdugadas reviveram na *crinoline*, os escarpins do Imperio e da Restauração voltaram na terceira republica, as altas sombrinhas de 1786 reappareceram em 1875, os tricornios á Luiz XV coroaram os cabellos frisados das mulheres de 1865 e de 1898, e os fins do seculo passado lograram a ventura de vêr a reimplantação da realeza do *lorgnon*, que, por seu turno, as *leôas* de 1830 haviam pedido ás damas vaporosas do seculo XVIII — esse immortal folhetim de Cythera. Razão tinha, pois, a insigne modista Bertin, quando dizia a Maria Antonietta, que a censurava por lhe ter confeiçoado um vestido segundo gravuras antigas:—«Só se encontra novidade no que está esquecido.» *Madame* de Genlis exprimia a mesma engenhosa verdade por meio d'estas palavras: — «Nossas modas assemelham-se mais ás modas de nossas avós do que ás de nossas mães.» E Worth, o creador de tantas obras-primas, chegou a uma nova esthetica da *toilette*, porque o seu modernismo se inspirou na Historia.

A Moda ainda não encontrou o seu Mommsen, o seu Grote ou o seu Herculano, embora os primordios da sua historia estejam esboçados no versiculo VII do capitulo III da Biblia. A historia da Moda não é uma coisa tão futil como parece ao commum dos mortaes, porque, para se ajuizar de uma epoca ou se aquilatar um povo, á mingua de annaes seguros, basta muitas vezes, não diremos a chronica integral das suas modas, mas o menor capitulo da historia das suas botas, das suas meias ou dos seus chapéos. Desde Eva, colhendo a sua primeira camisa n'uma figueira, até ás deusas Razão, passeiando a sua impudentissima nudez, e desde as cortezãs romanas, luzindo

a sua tunica de seda de Cos no tumulto empoeirado da Via Appia, até ás modernas lisboetas, expondo as suas *toilettes* na cinematographia risonha da Avenida, quantas relações curiosas a assignalar!...

Mercier affirma que lhe dera na tinêta de apontar todas as modas novas, mas que, no termo de oito dias, desistira da empreza, porque, accrescenta n'outra passagem, o parisiense muda, com a mesma facilidade, de systema, de ridiculos e de modismos. Com effeito, só uma penna que tivesse as azas de Mercurio poderia acompanhar os velocissimos cambiamentos da Moda, que, afinal de contas, é como Saturno — devora os proprios filhos.

Antigamente, havia menos mudanças nas modas, ou, por outras palavras, as oscillações da Moda, entre os seus dois polos, tinham menor amplitude. Hoje, porém, mudam com a rapidez de um catavento. Eis o motivo de Grosse dizer no seu magnifico livro *Les débuts de l'art*: — «A mudança das modas modernas não é um phenomeno physiologico, mas pathologico; é um symptoma e uma consequencia da nossa sobreexcitação nervosa e da nossa louca procura de excitantes, cada vez mais originaes e mais fortes.»

A Moda, para desenvolver todo o seu espirito inventivo, parece necessitar da instigação de uma mulher superior, quer seja uma soberana, quer seja uma cortezã. Este papel incitativo foi exercitado por Montespan, Fontanges, Maintenon, Pompadour e Dubarry, que evocavam a flor de belleza grega, de que se perfumava o seculo de Pericles. Depois das reaes comborças, surge uma rainha pelo sangue, pela formosura e pela mocidade, Maria Antonietta, e é em torno d'ella que a Moda espalha, a fluxo, todas as suas ninharias; ao finalisar o Terror, quem empunha o sceptro da Elegancia é a Tallien, a inspiradora dos tribunos e dos politicos; e, na manhã do seculo XIX, é ainda uma mulher de escol, a imperatriz Josephina, quem exerce a dictadura da *toilette*.

A observação dos factos levanos, portanto, ás seguintes conclusões: 1.ª, que a democracia é nefasta á influencia feminina; 2.ª, que existe uma realeza que nenhuma revolução póde derrubar — a da Moda.

No decurso do seculo XIX, a metropole franceza legisla em questões de distincção, tem a supremacia das elegancias, porque, na phrase conceituosa de *Madame* de Girardin, Paris é o arsenal das *toilettes*. Tambem é axiomatico que só as parisienses sabem adornar-se, ao passo que as outras mulheres se resignam a vestir-se. Sabemos egualmente que todo o mundo culto se encontra escravisado ás modas francezas, porque, se a belleza e a arte não teem patria, a graça tem uma, que é Paris. Ha ainda outro motivo determinante d'aquella escravisação, e é a superioridade do gosto, que ninguem pensa em contestar ás modernas athenienses, essas fascinadoras beldades que são animadas pela essencia de uma graciosidade superfina, em que o coquettismo de raça e a elegancia nervosa se alliam n'uma indefinivel expressão de vida intensa e multipla. Por isso Hanotaux, um perspicaz estadista francez, escreveu que a conquista do mundo se faz, talvez, mais seguramente pelo gosto do que pela força das armas. Em ultima analyse, o parisianismo na *toilette* é o titulo menos controvertivel das glorias, que o Destino outorgou á França.

O chapéo é o heroe da *toilette* feminina, é o primor de arte das modistas. Da mesma fórma que o penteado, tambem o chapéo

altera singularmente a physionomia. Nota-se que cada geração apresenta um typo diverso, o que se não póde attribuir a uma modificação da raça, mas simplesmente a um capricho da moda, a qual, variando o penteado e os chapéos, modela alternativamente a mascara humana e nos dá a nobre severidade das patricias da Renascença, as carinhas picantes do seculo XVII, a linha antiga das medalhas imperiaes, o rosto languido e sonhador das heroinas romanticas ou os ares masculinisados d'essas *leôas*, de que Musset foi o padrinho nominal. O chapéo feminino promana do masculino. Appareceu, pela primeira vez, no seculo IX, sob a forma de chapéo redondo de aba estreita, de accordo com a moda masculina do tempo. Mas este ensaio não teve exito, porque o chapeu feminino foi posto de banda e só tornou a apparecer timidamente no seculo XVI, revestindo a forma de um feltro de abas largas, levantadas atraz e formando uma viseira na frente, á qual se prendia uma especie de véo. Primeiro que o chapéo entrasse e se fixasse, de vez, na *toilette* da mulher, houve um largo compasso de espera, porque só dos começos do reinado de Luiz XIV em deante se tornou indispensavel esse objecto, que, em nossos dias, attingiu as alturas de uma maravilha de graça fremente.

As revolucionarias da Fronda usavam um feltro de aba erguida de um só lado e copa alta, com umas plumas bellicosas, á laia das *garçotas* que os portuguezes do seculo XVII traziam nos sombreiros. Reduzindo a copa e levantando as abas, chegou-se ao chapéo de tres bicos, de que a moda fez uma segunda edição em 1865 e uma terceira em 1898, e cujo aspecto nos recordava esse seculo espirituoso, de que Voltaire foi o folhetinista. No tempo de Luiz XV, os bonets sobrelevaram aos chapéos, que pouco se usaram, a não ser os de palha. Em 1750, os chapéos *á pastora* reentraram na côrte e obtiveram um tão assignalado triumpho, que, por um instante, os bonets foram constrangidos a abater suas bandeiras á vista dos triumphadores. A victoria, porém, foi passageira como o raio, porque os bonets retomaram o seu alto posto, até que as modas inglezas invadiram os costumes francezes, queremos dizer, no fim do reinado de Luiz XVI. N'este minuto historico, appareceram os chapéos *á Duqueza*, de forma alta e direita, abas largas e plumas ondulantes como fumo de leite, um digno ornato d'essas damas de perfil bourbonico, uma digna corôa da bella cabeça de Luiza de Saboya Carignan, princeza de Lamballe, que viria a voar nos turbilhões do cyclone revolucionario. Na epoca de que falamos houve um momento em que as morenas perderam o seu prestigio deante das loiras, assim como as loiras perderam depois deante das ruivas. A figura *sentimental* conquistava-se a todo o transe, chegando *Madame* d'Esparbès a fazer-se sangrar para adquirir a pallidez suspirada. A mesma coisa se conta do famoso Jorge IV, de Inglaterra, que se fazia sangrar tres vezes ao dia, para ir depois, descorado e fraco, enternecer os corações que elle esperava ganhar pela piedade.

1812

1800

1806

1801

Os chapéos participaram das exagerações d'aquella epoca, em que se condiçoava que todos os objectos de *toilette* fôssem pesados e volumosos. Houve o chapéo á *Malborough*, ornado de duas pennas brancas e uma violeta, o chapéo de setim *nakara*, de forma alta e guarnecido de fitas e um tufo de plumas brancas, o chapéo *á Theodora* e o chapéo *á*

Palais-Royal, os bonets *á Captivo* e de gaze de Italia, os capacetes á romana e *á Bellona*, etc. Assim como a Convenção Nacional decretava o triumpho, tambem a conspicua modista Bertin, o *ministro das modas*, decretava a celebridade no reino da Elegancia. O gosto artistico d'esta modista, cujas manufacturas chegaram a transpor as nossas linhas raianas e a mirar-se nos espelhos do Paço de Queluz, dava-lhe o ousio sufficiente para exclamar, ao sahir das antecamaras de Versailles: — «Estive a trabalhar com Sua Magestade!»

Em Lisboa, as *frânças* ou *secias* traziam cabelleira e chapéo desmarcado, *qual tecto de cabana*, como escrevia a penna chistosa de José Daniel, eram o enlevo d'esses bonifrates, a quem o Garção chamava n'*A Assembléa:*

... manequins empanturrados,
Que passeiam as ruas de Lisboa.

Os penteados consistiam em perfeitas torres, cuja edificação era descripta n'estes termos por certo poeta pedestre:

Começa a pôr-lhe em cima a bateria,
Brilhante vidro, falsa pedraria,
Fôfo volante em nova architectura,
Chorões de côr azul, vermelha e escura,
Escossias, plumas, renda e emfim, por bella,
Muda a cabeça em loja de capella;
E armada então a esplendida marmota,
Por penteado tem uma gaivota.

E como o proloquio estabeleceu que, bem penteada, não ha mulher feia, as peraltas tambem collocavam:

Os girasoes de fitas na cabeça,
Que de todas foi sempre a melhor peça.

A Revolução não podia deixar de ter as suas Saturnaes da *toilette*. Foi á petulancia do trajo exacerbada até ao paroxysmo. As mulheres da epoca não estavam aptas para comprehender aquelle pensamento de uma senhora de atilado espirito: — «A moda ideal é a que descobre mais com mais decencia e a que deixa adivinhar mais com mais discreção.» Vê-se que as modas não se recommendaram pela fixidez e que os chapéos descambaram na excentricidade, porque as suas formas e as suas denominações surgiam de todos os lados como os foguetes n'um fogo de artificio.

Sob o Directorio, as modas eram filhas da volubilidade e do zephyro. Os vestidos gregos foram perfilhados pelas mulheres jovens e esbeltas, o que levava um escriptor inglez, que então visitou Paris, a asseverar que todas ellas tinham a apparencia de cabos de vassouras, emquanto os petimétres tinham a apparencia de avestruzes. E como cada epoca tem o trajo em harmonia com o seu caracter, a nudez esteve a ponto de se tornar o uso favorito das esquipaticas *maravilhosas*, que, dando alôr e azas á bazófia, decidiam, em materia de modas, com o aprumo de um decretalista em materia canonica. No *Le Moniteur Universel* de 13 do brumario do anno VIII, publicava-se esta noticia, curiosa por mais de um titulo: — «Bonaparte mandou proceder a escavações sob as muralhas de Alexandria, tendo-se descoberto uma estatuasinha de mulher, vestida como as nossas mulheres da actualidade, e penteada como ellas, com leves differenças.»

Estava-se na epoca em que a Tallien era a arbitra suprema do tom em Paris, emquanto Georgina Gordon, amante do duque de Bedford, o era em Londres. As suas acirrantes *toilettes* levantavam os clamores admirativos, e quando ella entrava n'um salão, conforme asseverava o maes-

tro Auber, fazia o dia e a noite — o dia para ella e a noite para os outros. A libertinagem perfumada, a immoralidade quintessenciada, o paganismo resuscitado, o luxo insolente das mulheres encharcadas no peccado, e o grandioso esplendor da carne junto ao desprezo da vida, tudo isto fez dos quatro annos do Directorio uma epoca singular, em que as bellezas coroadas da Revolução se apaixonavam pelos coroneis de vinte e generaes de trinta annos, e em que as venus-vagas, ebrias de amor e de Champagne, galopavam doidamente e esmagavam os burguezes nas sombras elyseas do Bosque de Bolonha. O Directorio decompunha-se, porém, no meio de uma sociedade putredinosa, quando Bonaparte appareceu e fez contra-vapor nos desmandos, embora, como diz Lanfrey, abafasse, debaixo do ruido dos tambores, os gritos da liberdade agonisante.

Ao romper da alva do seculo XIX, o chapéo de palha *á ingleza* tornou-se a grande moda das lisboetas senhoris, que peraltavam nas noites estivaes do Caes da Pedra ou nas alegres burricadas para Bemfica. Um poeta, particularmente aborrecido de Bocage, troçava assim os chapelinhos e mais enfeites de palha, «que deram em usar as senhoras de Lisboa»:

Fizestes bem, madamas de Lisboa,
Em guarnecer de palha as vossas testas
Se algum critico não vos chamar bestas,
Logo em vosso favor lhe estou na pôa.

Um tal adorno não foi posto á tôa,
Nem sem pensar se fazem cousas d'estas,
Brilhar nas procissões, brilhar nas festas,
Com esse palheiro, que sem pezo vôa.

O que temo é que os bois, burros e machos,
Contra vós armem desegual batalha,
Se o comer lhes roubaes para os pennachos.

Mas emfim, não sintaes por isso falha,
E as flores, chapelinhos, fitus, cachos,
Fazei de c., se vos faltar a palha.

Já expirara o chapéo *caleche* e o chapéo *cabriolet*, que as suas portadoras podiam abaixar á vontade, mediante uma guita, a fim de oppôr uma vedação á curiosidade morbida dos indiscretos. Tiveram como succedaneos os chapéos de palha, que se defrontaram com um rival temivel — o turbante engalanado por um feixe de plumas. Nos bailes da côrte de Londres, os homens apresentavam-se de penteados *á Bruto*, e as senhoras de penteados *á Grega, á Tito*, curtos e frisados, e empavezados de plumas gloriosas. Em 1801, realisou-se um baile em *Buckingham-Palace*, a que assistiu a 6.ª condessa de Pombeiro, esposa do ministro portuguez, cuja *toilette* produziu sensação e era assim composta: vestido de setim branco ornado de folhagens doiradas, tendo ao lado direito um filete de diamantes com bolotas de oiro, pendentes, e as mangas e o peitoral de crépe de oiro, um manto de velludo papoula bordado, e bandó e cinto de diamantes. Rodados dois annos, os enigmas andavam tanto na bérra, que a moda franceza ideou uns chapéos que tapavam a cara e se intitulavam chapéos *á enigma*.

Em 1805, o uso dos chapéos de palha continuava a vigorar em Lisboa, onde o jugo da Moda apertava com tanta violencia, que um poeta das duzias o criticava d'este feitio:

Por moda se ha de falar,
Á moda se ha de comer,
Por moda se ha de trajar,
Á moda se ha de viver

Nas proximidades da primeira invasão franceza, as modas lisbonenses revestiram um caracter de tão decotada franqueza, que roçava pelo das modas de Paris, onde as mulheres tinham a apparencia de sahir da banheira e

deixavam transparecer as formas atravez dos vestidos diaphanos como o esplendor nebuloso das rendas. O chapéo de velludo *á Aggripina* constituiu a moda das modas para essas bellezas suaves, que expunham as suas elegancias ao sorriso resplandecente do cariz de Lisboa, em 1808. Mas nas festas do mundanismo e nos poucos bailes *á epoca*, que Junot offereceu, as plumas tremiam nas cabeças das lisboetas como as luxuosissimas plumas brancas no capacete de Murat. Em França, na Restauração, as *toilettes* teem a brancura do candido peplum das Panathenéas, e os chales veem lançar uma penumbra encantadora sobre as fresquidões dos vestidos de Leroy e de Despaux, emquanto Chardin e Dulac deterioravam a cutis das bellas com o branco de perola, o oxydo de bismutho e o carbonato de chumbo.

Depois de 1815, a moda alliou-se, muitas vezes, á politica, á litteratura e ao theatro. Os dois grandes successos do tempo foram os chapéos Bolivar e Morillo, que se usaram, quasi inalteraveis, de 1818 até 1824. O primeiro era um chapéo alto com as abas direitas e extraordinariamente largas, e com bridas á cara, e o segundo distinguia-se por umas gigantescas abas, que circumdavam o rosto, de maneira que este apparecia como um marfim florentino no interior de um grande funil. O chapéo Morillo resistiu, com varias alterações, até 1834, em que o topamos chrismado com o nome de *Bibi*. Em 1818, havia uns chapéos de velludo negro com guarnições de perolas de aço, e o penteado era um edificio complicadissimo, que exigia nada menos de sete pentes. As alfacinhas vintistas sentiram que o amor á liberdade ascendia n'ellas com o impeto da seiva no coração magnanimo dos robles e collocaram os chapelinhos azues e brancos, ou *á Constituição*, sobre o azeviche tepido e luzidio dos seus cabellos. Dois annos depois, em 1822, usavam os chapéos de setim *á fichu*, guarnecidos de blonde e plumas, e os chapéos *á la Berton*, assim como nos bailes da Assembléa Portugueza se viam brilhar, á luz das velas, os enfeites de plumas *á Independente* ou *á Tupinamba* e os toucados *á turca*. Um chronista d'*O Toucador* desapprovava as toucas á franceza, essas mesmas toucas que mereceram o seguinte improviso de Mendes Leal, em 1865, quando lhe deram o mote — *A touca da minha avó*, n'um *pic-nic* a que elle assistiu nas Caldas da Rainha.

Não é só no toucador
Que póde toucar-se a gente,
Toucas ha, que de repente,
Qualquer em si póde pôr.
As toucas são de rigor,
Ainda que seja uma só;
Todos, porém, tenham dó,
Que eu não sei — oh, perola rara!—
Em qual das cabeças pára
A touca da minha avó.

A arte da modista consistia, frequentemente, em applicar nomes esdruxulos a tecidos e a productos olvidados sob a poeira do passado, como aconteceu em 1822 com as fazendas côr de *lagarto morto de amor* e de *lagarto surprehendido pelo sentimento*. Aos chapéos Bolivar e Morillo succedeu o chapéo *Bergami*, a curto trecho desthronado pelo chapéo *á amazona*. Em seguida, vieram os chapéos marcados com os nomes de heroinas de novella ou de opera, ou assignalando qualquer acontecimento notavel da moderna Athenas. Assim, vemos os chapéos *á Solitario*, *á Renegado*, *á Elodia* e *á Ourika*, titulo de um romance que fez furor em 1824. De todos os astros da pleiade romantica, o visconde de Arlincourt foi aquelle com

que a moda gostou mais de se illuminar. As mangas *de prezunto*, que deviam ser feitas com uma só costura, muito justas do cotovello ao punho e desmedidamente anchas em cima, constituiam a prova incontrastavel do talento das costureiras, que talhavam os vestidos em stokolina, popelina, alhambra, meotida, mandarina, silenia, zinzolina, pekin, *gros* de Oriente e velludo de Ispahan.

A modista deve ser psychologa como um romancista moderno, porque os chapéos devem harmonisar-se não só com as linhas physionomicas, mas tambem com o estado de alma da epoca. No tempo do romantismo, a *toilette* offerecia uma tão languida simpleza, que parecia espalhar a felicidade deleitosa de uma vida, que deslizava sem contratempos, cantante e jovial. E a moda dos chapéos foi atacada de uma crise nervosa, foi uma romantica torturada pelos vapores dos nervos. 1830 trouxe os casacos *á Grandison* e restaurou os chapéos *á Paméla*; e 1834 trouxe os chapéos *á Bibi*, que o Chiado conheceu em todas as cabeças lirós: desde a da duqueza da Terceira até á da Eugenia de Magalhães— a Margarida Gautier da nova Lisboa constitucional. No entretanto, a Herbault e a Alexandrine — as Cassandras da Moda — procuravam adivinhar os segredos da deusa e delatal-os ás modistas lisboetas: a Levaillant, a Botto, a Doraison, a Gérard e a Burnay — fundadora da dynastia Burnay. A implantação do Constitucionalismo não representou simplesmente uma transformação do regimen politico, representou tambem uma transformação do nosso modo de ser social. A classe média entrou na camada dirigente, a imprensa, que era um punhal, tornou-se uma espada, bolearam-se as arestas dos cosmes, abriram-se os salões e crearam-se as assembléas philarmonicas e os clubs recreativos, outros tantos centros de convivencia mundana e de omnimoda permuta intellectual. E as mulheres, até alli bloqueadas pelos gelos polares da clausura caseira, vieram espanejar-se ao sol da liberdade.

As modas de Lisboa podem então dividir-se em dois periodos: de 1833 a 1835 e de 1836 em deante. No primeiro periodo, os vestidos não teem folhos, e os chapéos teem grandes abas e guarnições de plumas e de fitas. No segundo periodo, os vestidos enchem-se de folhos e o chapéo mais em uso é o *Bavolet*, que, com variantes, dominou em França durante o reinado de Luiz Filippe, o Ulysses moderno, como o alcunhou Henri Heine. Seria prolixo enumerar todos os chapéos que se usaram até 1851, chapéos que as modistas confeccionavam com o mesmo carinho com que os esculptores gregos cinzelavam os frisos do Parthenon. Falaremos dos principaes, ao correr do aparo.

A *toilette* de uma mulher é uma confissão delicada, indirecta e sincera do seu gosto e do seu espirito. Vejamos, pois, qual foi o gosto e o espirito feminino durante o largo trecho que decorre de 1836 a 1851. Aos chapéos de palha de arroz, em que as aves do Paraiso faziam poleiro no anno de 1836, succederam os chapéos de *gros* de Napoles côr de rosa, os de escomilha branca ornada de flores, os de seda côr de rosa ou verde pallido, os de setim branco, os de velludo branco com plumas brancas, os de setim preto enfeitado de velludo rosa, os de setim côr de cinza e côr de castanha ornados de plumasinhas côr de margarida, ame-

thista, verde-acantho ou azul sueco, com a copa e as abas grandes. Nos theatros e nas assembléas, viam-se muito os bonets de cassa *á Babet* e *á Carlota Corday*. N'este mesmo anno, abandonaram-se completamente as romeiras e os roquetes, mas usaram-se os lencinhos ou fichús *á camponeza*. O grande tom foi o estofo *Memphis*, os roupões caseiros *á D. Maria II* e as rendas *á Rainha de Portugal*. Em 1837, vieram os chapéos de velludo verde com duas plumas da mesma côr, os de setim azul claro guarnecidos de pelles, os de velludo verde *á Gabriella*, com a aba levantada do lado direito e com plumas brancas pendendo para o mesmo lado, os de velludo côr de rosa desmaiada, com plumas, os de seda verde enfeitados com espigas de trigo e anemonas brancas rajadas de vermelho, os de *gros de Tours* côr de palha com ramos de lilazes brancos cahindo sobre o lado esquerdo, os de melania côr de palha, e, para baile, os turbantes *á Judia* bordados a oiro e adornados de pedras preciosas. No verão d'esse anno, a aba dos chapéos cresceu, e os chapéos de setim côr de canna, enfeitados de plumas, foram o ultimo suspiro da moda. Tambem se usaram os chapéos brancos, enfeitados com duas rosas de musgo, os de palha á ingleza, os de crépe branco enfeitados com uma grinalda de madre-silva, os de cambraia franzidos e com um ramilhete de aveia, e os de filó enfeitados de pervincas. O inverno trouxe os chapéos de velludo branco com plumas brancas junto com os chales de setim preto bordados de diversas côres e as capas *á russiana*, fechando adeante com um grosso cordão de oiro. Mas os chapéos mais usados foram os de velludo pardo, tendo enfeites de blonde e flores sob as abas.

1827

1829

1832

1857

No anno de 1838, entraram novamente em moda os chapelinhos *á Gabriella*, que pediam os vestidos de velludo branco com enfeites de setim. Mas em Maio, quando o sol celebrava a mocidade nupcial da terra, entraram em uso os grandes chapéos de setim com marabús, os franzidos de seda com quadradinhos côr de rosa e branco, e os de *gros* de Napoles côr de rosa, até que, no verão, as abas dos chapéos augmentaram de tamanho e appareceram com plumas brancas e verdes. Os figurinos de 1839 trouxeram os chapéos de palha de Italia com fitas carmezim e verde-gaio, que se usavam com chales de setim côr de grosêlha e preto, e com cabeções e punhos de cassa bordada e guarnecida de rendas de Inglaterra, botinhas de duraque, imitando hollanda crúa, e umbrella de seda ondeada côr de perola. Depois veem os chapéos de palha de Monaco, os chales de setim turco *á Rainha* e os penteados *á Varsoviana*, que consistiam nos cabellos apartados ao meio e inclinados para traz, os chapéos de velludo roxo com flores, as capas de flanella estampada côr de cinza e forradas de seda verde, e as luvas côr de pão torrado. Em 1840, arvoram-se os chapéos de crépe branco com enfeites de alecrim do Norte, os de cordãosinho côr de canario e os de setim azul claro com plumas eguaes; mas, no inverno, usam-se os chapéos de velludo verde-salsa com duas borlas de oiro ao lado direito e as capas cachemira branca, forrada de setim carmezim. Em 1841, ha os chapéos de rendas de Inglaterra e os penteados em triangulo, com ornatos de rosas de Alexandria. No anno seguinte estylam-se os chapéos de escumilha côr de canna, e as

romeiras *á cardeal*. E em 1843, apparece a moda dos chapéos *Penelope, Condessa, Izabel de Baviera* e *Duqueza*, este ultimo emplumado de marabús, e que foi expressamente creado para a duqueza de Nemours. As senhoras que se entregavam ás alegrias emocionaes do *sport* hippico traziam *amazonas* de cazemiriana com botões de oiro. Até 1851, seguem-se successivamente os chapéos de pellucia com marabús trementes como as azas do Amor, os de velludo baunilla com uma penna de angorá, os *Clarisse Harlowe*, etc., etc. Especialisaremos os chapéos das amazonas de 1846, que eram de feltro branco, aba larga, copa baixa e uma pluma branca serpenteando em volta, como a cauda de uma hydra. Todos aquelles chapéos punham uma nota crepitante nas *toilettes* das mulheres coetaneas, cuja vera elegancia só era comparavel á das deusas habituadas a pizar o azul celeste ou as neves olympicas... Entretanto, o luxo proseguia no seu curso ascencional, com uma bravura semelhante áquella com que as notas musicaes da Alboni subiam, em seus cothurnos de oiro, as escadas crystallinas da gamma chromatica.

As modistas de Lisboa, mais agglutinadas ás francezias, republicaram as formas de todos os chapéos que citámos, chapéos que figuraram nos camarotes de S. Carlos e da Rua dos Condes, e nas estações de verão em Cintra, Bemfica, Lumiar, Campolide e Santa Apolonia, os sitios predilectos da melhor roda d'aquelles tempos.

Depois de 1836, principiara a notar-se a tendencia dos vestidos para a exageração em forma de sino. «Para onde caminhamos nós?» perguntavam a *Madame* de Staël em 1799, pergunta a que a escriptora respondia: — «Para a asneira!» Outro tanto se podia dizer em 1855, no tocante a modas. Então, penetrou nos usos a antojadiça *crinoline*, posta em moda pela imperatriz Eugenia e pelos satellites que gravitavam ao redor da estrella imperial.

Em Lisboa, a primeira senhora que se apresentou com a *crinoline*, no Passeio Publico, foi a Seisal, esposa do Esteves Costa, o *Petit-Janota*, sobrinho do visconde das Picôas. Mas viu-se em talas, porque a piolharia da janotagem promoveu-lhe uma assuada medonha e a pobre senhora teve de buscar escápula n'um *tivoli* de praça, que partiu nas horas de estalar. Ainda não decorrera um mez sobre esta scena marroquina, e já todas as janotas da alta gomma andavam com a *crinoline* ou o balão, que a musa popular tomou logo á sua conta:

Eu fui e vim e cá 'stou,
Eu hei de ir e hei de voltar,
E inda as meninas da moda,
Co'os balões a dar a dar.

O balão d'esta menina
É como a roda d'um carro,
Afasta, janota, afasta,
Que o balão já vae quebrado.

És bonita como o sol
E clara como o carvão,
Afasta, janota, afasta,
Deixa passar o balão.

Delicada da cintura
Como as abas d'um ceirão,
Menina, queres formosura?
Usa saia de balão.

Os balões adquiriram uma grandura fabulosa e concitaram os lapis vesicatorios dos caricaturistas e as pennas facetissimas dos imberbes de folhetim. Na comedia *Les toilettes tapageuses*, representada no D. Maria, em Março de 1857, apparecia uma dama com balão, que provocava esta critica de seu marido: — *Oh! les femmes! Ce sont de bien gentis animaux, mais çá mange énormement d'étoffe!* No anno de 1867, em que o balão ia já no declinio, supprimiram-n'o nas *toilettes* de baile e substituiram-n'o por uma saia de crina

com um ou dois arcos. E, em 1869, o balão foi eliminado do rol dos vivos.

A imperatriz Eugenia teve as suas *toilettes* politicas, e, durante o Segundo Imperio, o poder conseguiu impor uma moda, encaminhar o gosto n'um sentido determinado, mas não conseguiu corroborar a phrase de Thiers: — «O poder dá elegancia!»

O acto selvagem que a cainçalha da janotaria lisbonense praticara em 1855 repetiu-se por causa de um chapéo em 1860. Tendo-se apresentado no Passeio Publico uma senhora, vestida de amarello e com um chapéo *Paméla*, alguns pandilhas causticaram-n'a com motejos, o que fez com que os guardas reclamassem o auxilio da municipal, para a dama ser obrigada a retirar-se. N'este mesmo anno, vieram os chapéos *Tudor* e *Mosqueteiro*, ambos elles baixos e de abas reviradas. Tambem vieram outros, cujas abas rodeiavam a cabeça, adeantando-se um pouco sobre a fronte. Os figurinos de 1863 trouxeram os chapéos côr de laranja com fitas pretas e plumas côr de fogo, os chales côr de rosa e as luvas azues claras, luvas que se tornaram a usar em 1870, por occasião de se inaugurar o monumento de D. Pedro IV, no Rocio. No verão e no outomno de 1864, estiveram em uso os chapéos ornamentados de plumas e pingentes de missanga, e com meio véo bordado a palhetas de aço, prata ou oiro. Eram acompanhados pelas capas á *Patti* e pelos paletós *Piccolomini*, em cachemira ou velludo de riscas brancas e pretas, e pelos casacos *Lavallière*, guarnecidos de franjas e passemanteria.

Pelo que toca aos chapéos, notaremos que elles foram diminuindo de tamanho, até chegarem ás dimensões de um pires ou de uma frigideira imperceptivel, cosida a um penteado descommunal e atada debaixo da barba. A este proposito, discorria um annalista de modas de 1867: — «Os chapéos, esses planetas que, seguindo as phases da moda, gravitam á roda da cabeça feminina, conservam-se ainda no estado telescopico, não podem ser observados de longe com a vista desarmada.» Estava-se na maré viva do *chic*, estava-se no plenilunio dos *petit-crévés* calamistrados como estatuas assyrias, estava-se na edade aurea dos cabellos côr de manteiga, dos *suivez-moi jeune homme*, das cuias, das altas botinhas atacadas adeante e com uma borlinha, das caudas pleonasticas, dos cãesinhos fraldiqueiros, e dos tacões amarellos, dos penteados e dos chapéos *á Benoiton* — essa comedia em que Sardou satyrisou os frivolos costumes da Paris de Napoleão III. De todas aquellas modas, a que teve mais longa existencia foi a das cuias, que se prolongou até 1872. As alamodas das rainhas do ... *Benoiton* soffreram apepinação em uma quadra, oriunda das ruas lisbonezas:

Estas modinhas d'agora
São modas de tri-ló-lé,
Não ha dama sem balão
Sem cuia e tótó ao pé,

Em 1867, os mirões do Passeio Publico tiveram ensejo de admirar certa catita, cujo chapelinho era assim formado: uma rosêta de renda, tendo em cima outra de seda, e, no meio, um enfeite de perolas, do qual sahiam dois fios de perolas que desciam pelos lados até ao peito. Dois annos depois, em 1869, a excentrica americana Murray compareceu n'uma festa em Versailles, levando os seus loiros cabellos adornados com um chapéo simplesmente constituido por uma ave do Paraiso, cuja cauda lhe circuitava o *chignon* e cahia pelas costas.

Eram da mais alçapremada elegancia os chapéos *Watteau, Diva e Bergère*, invencionices da modista Herst.

No verão d'aquelle anno, a rainha D. Maria Pia andou, uma noite, no Passeio Publico com um chapéo *Fanchon*, engrinaldado por um festão de flores que lhe cahia sobre o hombro esquerdo, e

com largas fitas de tulle branco que lhe envolviam os cabellos.

A modista parisiense Virot, cujo gosto impeccavel merece um logar á parte na historia da moda, teve a intuição da falta de gosto artistico das suas notaveis antecessoras, as modistas Barenne e Ode, e inventou os chapéos de alto estylo, ao deante consagrados sob os nomes de *Gainsborough, Van-Dick, Rembrandt, Girondino, Lasquenet,* etc. Aquella modista reformatriz desgarrou do trilho das outras, saltou a pés juntos por cima dos preconceitos, destruiu as normas classicas das modas e arranjou uns chapéos de copa alta, mais consentaneos com os traços physionomicos das bellas. Os chapéos de copa alta produzem sempre um admiravel effeito, e a prova está em que ainda hoje os vemos sem nos provocarem o riso, ao passo que uma ou outra forma antiquada nos parece caricatural. Seja-nos, porém, licito opinar que, em materia de modas, não ha caricaturas, isto é, não ha senão coisas em moda e coisas passadas de moda.

Vem a ponto notar dois factos interessantes.

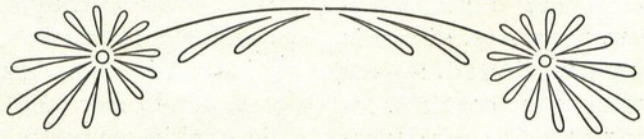
O primeiro é que, na actualidade, a mulher não é apreciada pelos seus sentimentos ou pela sua intelligencia, mas pela sua elegancia e pela sua belleza. E o segundo é que, em Lisboa, as mulheres cuidam mais dos chapéos do que das botas, ao contrario dos homens, que se preoccupam mais com os pés do que com a cabeça, e tanto assim, que os transeuntes masculinos das ruas olham muito para as botas uns dos outros, ao passo que não reparam para os chapéos.

Na ultima decada do seculo XIX, os chapéos femininos deixaram de ter denominações. A imaginação creadora de um Carlier ou de um Lewis phantasiava um chapéo airoso, adornava-o ao sabor do seu alvedrio e creava assim uma obra nova do trinque, que os nossos chronistas da especialidade descreviam com phrases ressabiadas de estrangeirice. No tocante á chapeleria feminina, o cabo do seculo passado distinguiu-se por uma completa ausencia de direcção, com o que a arte nada padeceu.

Para os espiritos feminis, a forma dos chapéos continúa a ser um assumpto contencioso, um thema para cogitações profundas. Discutem-n'a com a mesma subtileza dialectica com que os philosophos espiritualistas demonstram a existencia dos attributos quiescentes e operativos da alma humana, debatem-n'a com a mesma virtuosidade arguciosa com que os sophistas argumentam nas controversias casuisticas. E as mulheres da alvorada do seculo XX podem repetir o que a irrivalisavel modista Bertin dizia no cahir da noite do seculo XVIII:

«O que ha de mais grave no mundo não é a forma dos governos, mas a forma dos chapéos.»

PINTO DE CARVALHO *(Tinop).*



GUERRAS COLONIAES

As operações militares no Sul de Angola

EM 1905

III

Viagem ao Evale
Negociações com Cavanguélua

Evale fica ao Norte do Quanhama, e, comquanto terra pequena, é muito povoado. Governam alli dois sobas, Cavanguélua e Ihanguélua, occupando este a parte mais ao Nascente, e aquelle a parte que volta para o Cunene. Os dois sobas são irmãos, mas inimigos declarados, e aspira cada um d'elles a desfazer-se do outro e apossar-se de toda a terra.

A divisão em que os evales estão, por um lado, e por outro as boas disposições de Cavanguélua, que havia posto espontaneamente á nossa disposição 57 homens armados, e a circumstancia tambem favoravel da importante victoria que acabávamos de obter, suggeriram ao governador do districto a conveniencia e opportunidade de fazer uma tentativa para a occupação pacifica e immediata do Evale. Com o fim principal de entabolar a este respeito negociações com Cavanguélua, tivemos ordem de para alli seguir logo apoz a tomada do Mulondo; levariamos ainda a missão de agradecer ao soba o auxilio por elle enviado, e de lhe entregar um cavallo como presente.

No dia 28 de outubro, á tarde, largávamos o acampamento de Handjabero, em direcção ao Evale. Acompanharam-nos o commendador Lopes, companheiro da nossa primeira viagem de prestimo bem conhecido em empresas d'esta ordem, Jacob Erickson, relacionado com Cavanguélua e conhecedor da região, e dois soldados de dragões, como ordenanças; serviam os carregadores os evales que regressavam ás suas terras e se prestaram a transportar as nossas cargas, e completava a comitiva um grupo de caçadores e creados de José Lopes.

As informações diziam que o caminho que sahia da Camba era n'aquella epocha o melhor que tinhamos a tomar, por n'elle se encontrar ainda alguma agua. Assim, começámos a marcha por seguir rio abaixo.

No dia da partida, fizemos uma digressão de ruinas da *embala* de Mulondo e viemos ficar junto á lagoa de Liangungo; no dia 29, ficámos na lagoa Inamúcua; no dia 30, na *fidalga* Camana; e no dia 31, na *embala* do soba da

Camba, onde deixámos dois carros que tinhamos trazido.

No primeiro de Novembro, pela 1 hora da tarde, reduzida a bagagem ao indispensavel e aligeiradas as cargas quanto possivel, sahiamos da *embala* da Camba. Passámos pelas lagoas Qualúa e Tchimbéri, encostámos ao Cunene ás 2 horas da tarde e pouco depois estávamos no vau de Porúro, onde se tinha de passar o rio. Aqui havia, ao longo da margem, grandes buracos abertos no chão e algumas linhas de abatizes de espinheiros, que tivemos de romper: o soba da Camba havia-nos já prevenido d'estes obstaculos, por elle mandados preparar para defesa contra as *guerras* d'além Cunene, que costumavam com frequencia visitar aquellas terras e que ainda ha poucos dias lhe tinham levado nada menos de sessenta pessoas e vinte e sete cabeças de gado bovino. Com a nossa gente, e com alguns pretos dados pelo soba, depressa se abriu passagem, podendo estarmos na margem esquerda do rio com os animaes e as cargas, promptos a recomeçar a marcha, ás 2 horas e meia da tarde.

O CONSELHEIRO RAMADA CURTO
Governador Geral d'Angola em 1905

A parte do rio que levava agua devia ter n'este sitio uns 100 metros de largura, o leito era de areia, e os fundos não superiores a 1 metro. As margens, tanto a direita como a esquerda, deviam ter entre 2 e 3 metros d'altura sobre o nivel da agua.

Mettemos por um trilho de gentio, com a direcção geral ao Nascente, seguindo primeiro por entre arborisação fraca de *mutiati*, e entrando depois da notavel matta *Bindama* que chega até ás terras do Evale. Esta matta, que, com maior ou menor profundidade, acompanha o curso do Cunene em dezenas de kilometros, é de espinheiros e muito fechada, e só pode ser atravessada nos sitios em que ha caminhos propositadamente abertos.

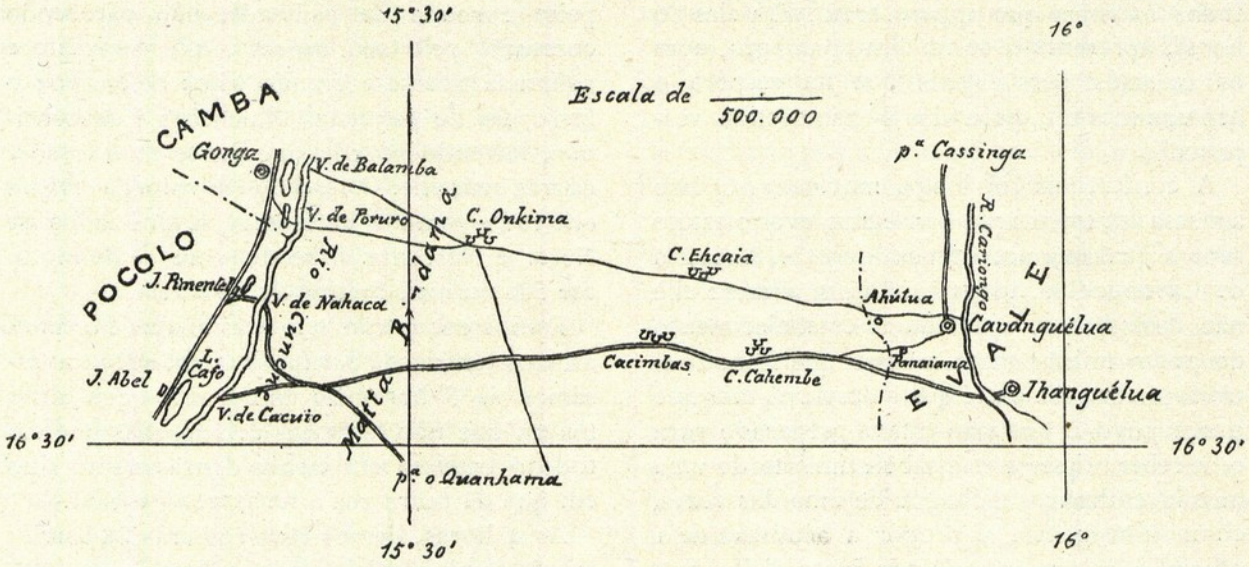
Passámos pelas *cacimbas* (poços) de Uélekéxe, seccas, e ás 5 horas e meia da tarde parávamos nas *cacimbas* de Onkima, para descanço dos carregadores e tomarmos uma refeição. N'estas *cacimbas* não havia mais que alguma agua lamacenta e mal cheirosa, que os indigenas beberam; nós servimo-nos da bella agua do Cunene, que levávamos nos nossos saccos (1). Caminhámos das 8 ás 10 e meia da noute, e dormimos no meio da matta.

Recomeçámos a marcha ás 4 e meia da madrugada. Ás 6 horas passámos pelas cacimbas de Uhiuhecáia, que tinham muito pouca agua e má, e continuámos sempre a andar por entre matta mais ao menos fechada, entremeiada de clareiras e lagoas seccas, até que ás 10 horas e um quarto da manhã se chegou a uma forte vedação de abatizes formados de grossas arvores derribadas, recheiadas de espinheiros, que marcava o limite da terra habitada dos evales.

O caminho até aqui era todo de areial, e a falta d'agua, como dissemos, quasi absoluta.

Penetrámos por uma entrada em zig-zag e deparámos a pouca distancia com duas grandes *cacimbas*, d'onde sahiam algumas mulheres. O calor apertava já, e como a agua do Cunene se tinha acabado na vespera e a sêde de todos era muita, resolvemos fazer alli um alto. Apeando-nos, porém, reconhecemos logo que era impossivel dar agua aos animaes, e vimos que as *cacimbas*, que aliás tinham 8 a 10 metros de profundidade, só apresentavam no fundo escassas gottas de agua barrenta,

(1) Todo o viajante, no interior, usa saccos de lona para transportar a agua e refrescal-a.



Das margens do Cunene ao Evale.

que mal chegava para encher as cabaças dos que estavam á vez. Resignámo-nos a continuar a marcha até ao rio do Evale, que as informações diziam não estar já muito longe. Jacob Erickson sahiu adiante, para a embala, a annunciar ao soba a nossa visita, e nós seguimos direitos ao rio.

Depois das *cacimbas*, acabou a matta; encontrámos logo a libata de Ahútua, irmão do soba, e depois muitas outras libatas quasi que pegando uma com as outras. O terreno era em geral descoberto, e todo muito plano.

Ao meio dia avistava-se a linha verde d'arvores, que borda a agua, e um quarto de hora depois chegávamos ao rio do Evale. Chamam-lhe n'este sitio Rio Cariongo, é fundo, tem as margens altas e uns 20 metros de largura; a agua, que não tinha corrente, era barrenta, mas fresca e de sabor agradavel.

Mas não tinhamos acabado de matar a sede, appareceu um *lenga* dizendo que o soba desejava que fossemos acampar junto da *embala*. Para lá seguimos, e estabelecemo-nos á sombra de uma grande arvore que ficava a meia distancia entre o rio e a *embala*.

Momentos depois, veio o soba cumprimentar-nos, acompanhado de seu irmão e conselheiro Ahútua e de Jacob Erickson. Cavanguélua tem um ar distincto, que muito o faz destacar dos sobas d'aquem Cunene; vestia á europea e com aceio, vinha bem calçado, e trazia na cabeça um chapeu de feltro cinzento, com uma linda pluma branca de abestruz. Trocada ligeira conversa, ficou de voltar mais tarde, quando eu tivesse descançado, para fallarmos sobre o objecto da visita.

Effectivamente, ao escurecer, voltava Cavanguélua, com Ahútua e o *lenga* Namoia. Em volta do nosso acampamento estava já muito gentio, e por proposta de Cavanguélua fomonos sentar debaixo de uma arvore afastada, para podermos fallar á vontade sem ser ouvidos do povo.

Agradeci-lhe a remessa dos auxiliares que elle tinha mandado ao Quiteve, entreguei-lhe o cavallo, e abordei a questão do posto militar: o posto teria vantagens reciprocas, era um signal de occupação para o governo portuguez, que impediria que outras nações alli pretendessem ter direitos, e era para elle, Cavanguélua, a garantia de sua auctoridade sobre o Evale, pois, provada a amizade d'elle, o governo não só o manteria no sobado contra as pretensões de Ihanguélua, mas appoiaria até as suas pretensões ás terras que este hoje possue.

Cavanguélua agradeceu o presente, com que pareceu ficar satisfeito, e disse que, sobre o estabelecimento do posto militar, ia pensar para no dia seguinte dar resposta, pois o assumpto era muito importante e não o queria resolver sem ouvir alguns dos seus conselheiros. Não tomou nada de comer nem de beber, nem acceitou o convite que lhe fiz para almoçar comnosco no dia seguinte.

De manhã cedo, mandou-nos um soberbo boi soba, que foi logo morto e distribuido pela gente da *embala*, pelos nossos pretos e por

todos os mais que appareceram. E, pelas 10 horas, apresentava-se no acampamento, com os mesmos personagens que na vespera o acompanharam, para dar a promettida resposta.

A conferencia foi longa, mas nem por isso a nossa argumentação conseguiu levar o astuto soba a qualquer accordo satisfatorio. A recusa de Cavanguélua, todavia, não era aberta: elle não dizia que se oppunha ao estabelecimento do posto militar, nem mesmo que fosse contrario a elle; dizia até que o desejava, mas que o seu povo é que não estava preparado para o receber; queria o estabelecimento de uma missão catholica, e chegou de uma das vezes, como transigencia, a propôr a admissão de 1 official e 10 praças residindo junto d'elle, mas apresentava sempre argumentos para se recusar a receber nas terras qualquer fortaleza ou qualquer nucleo de individuos que tivesse força para se impôr.

Separámo-nos visivelmente descontentes com a teimosia do soba, e resolvemos não demorar a retirada. O soba, por seu turno, tambem não ia satisfeito.

Como elle disse que voltaria a despedir-se de nós, prevenimol-o antes da partida; mas nem elle appareceu, nem tão pouco se via no nosso acampamento um só dos muitos evales que constantemente o rodeavam. Era evidentemente a má disposição de Cavanguélua a manifestar-se. Estávamos, assim, sem um carregador, e sem um guia, que tambem fazia falta, pela confusão que causava a multiplicidade de caminhos em volta da *embala*.

Valeu-nos a gente de José Lopes, que, comquanto não fossem pretos carregadores, lá dividiram entre si as cargas que havia. Erickson tambem se comprometteu a pôr-nos n'um caminho por elle proprio aberto que nos iria levar á margem do Cunene, sem dependencia de guias evales.

Á 1 hora e meia da tarde, do dia 3 de Novembro, iniciávamos a marcha de regresso. Tocámos na *embala*, com esperança ainda de fallar ao soba ou a alguem, mas só vimos uns curiosos á porta, que nos disseram que o soba não tinha podido ir despedir-se, por estar doente.

A passar junto da *embala*, reparámos que esta devia ter approximadamente a mesma area que a de Mulondo; apresentava uma fórma polygonal com salientes á maneira de baluartes, e era tambem envolvida por um parapeito coroado de palissada, não parecendo comtudo, pelo seu aspecto, que parapeito e palissada tivessem grande valor defensivo; o fosso era de pequenas dimensões e descontinuo, havendo porções de frente com fosso e outras sem elle. O terreno em volta da *embala* era todo plano e horisontal, e, dos lados de Norte e Nascente, livre d'arvores e de matto até 500 ou mais metros de distancia.

Fomos encontrando muitas libatas e *arimos*, até aos batizes da *borda da terra*, que atravessámos ás 3 horas da tarde. Começou ahi a matta, que não mais nos deixou, mas que em todo o trajecto era menos densa que no sitio em que da outra vez a haviamos passado.

Ás 4 horas, demos com rodeiras de carro: era o caminho do Cáfo ao Ihanguélua, que Erickson procurava e por onde logo mettemos. Passámos pelas *cacimbas* de Cahenque, onde tivemos um descanço, e acampámos ás 8 horas da noite. Choveu mais ou menos durante toda a tarde, e de noite supportámos mal abrigados uma chuva torrencial.

Ainda escuro, pozemo-nos em marcha. Tivemos depois um dia de sol e de calor, mas a agua então não faltava nas lagoas e poças que se encontravam a cada passo.

Ás 10 horas e meia da manhã, chegámos ao Cunene. O caminho que acabávamos de seguir havia já sido percorrido por um carro e estava regularmente aberto, mas era como o da Camba todo em areial. Calculo que entre o Cunene e a *embala* percorremos 59 kilometros na ida e 68 no regresso.

Atravessámos o rio e dirigimo-nos para a *embala* da Camba, onde tinhamos deixado ficar os carros.

No outro dia de manhã, eramos surprehendidos pela chegada de um grupo de evales. Eram emissarios de Cavanguélua e vinham dizer-nos que o soba lhes tinha dado ordem a elles e a outros que ficaram para traz, para carregarem as nossas cargas e servir-nos de guias, mas que tão depressa tinhamos nós andado que elles nos não puderam alcançar; e vinham tambem da parte do soba pedir desculpa de este não ter apparecido á nossa partida, o que succedeu por doença, e dizer que Cavanguélua accedia a todos os nossos desejos e o governador podia lá mandar fazer a *casa* quando quizesse.

Sem entender se esta *casa* se referia á missão ou á fortaleza, pois de ambas tinhamos fallado, disse-lhes que assumptos d'aquella

ordem não podiam ser tratados com quaesquer pessoas. Se Cavanguélua tinha propostas a fazer, que mandasse algum *fidalgo* e que trouxesse o recado bem explicado; mas que andasse depressa, pois o governador estava a chegar com a columna, de Mulondo, e era conveniente que a questão estivesse esclarecida antes da passagem d'elle.

Dava-se isto na manhã de 6 de Novembro. Os emissarios de Cavanguélua voltaram logo com este recado; mas no dia 8 chegava a columna á Camba e não havia ainda novas do Evale. A columna não esperou; na madrugada de 9, continuava a sua marcha para o Humbe, onde chegou a 12.

Cavanguélua, comtudo não se havia descuidado; no dia 13, á tarde, chegava tambem ao Humbe uma embaixada que elle enviava ao governador: vinha o Ahútua e o Namoia, já nossos conhecidos, e vinham mais uns 30 evales. Esta gente tinha ido direita á Camba, e não encontrando já alli a columna, desceu o rio ao seu encontro.

O Cavanguélua mandava pelo Ahútua assegurar ao governador que era escravo do Muene Puto, que tinha bandeira portugueza na *embala*, e que acceitava a fortaleza nas suas terras e cumpria tudo que o governador ordenasse. Enviava de presente um abestruz e duas vaccas amarellas nascidas e creadas na *embala*. Ao mesmo tempo, porem, Ahútua dizia que nada se fizesse sem ir ao Evale nova missão, pois o soba precisava de saber o que é que resolvia o governador, para prevenir a sua gente e tomar as disposições que fossem necessarias.

Sem grande esperança d'exito, houve ainda esta tentativa. Foram enviados ao Evale os dois auxiliares Machado e Amaral, com um presente de gado e aguardente, e levaram instrucções escriptas sobre o que haviam de dizer ao soba. Este, porem, que estava informado de que as tropas se não achavam já na frente das suas terras, voltou á primitiva argumentação: — o povo não estava educado para receber o posto militar e só podia admittir nas terras uma missão. Tratou bruscamente os enviados, que voltaram queixosos.

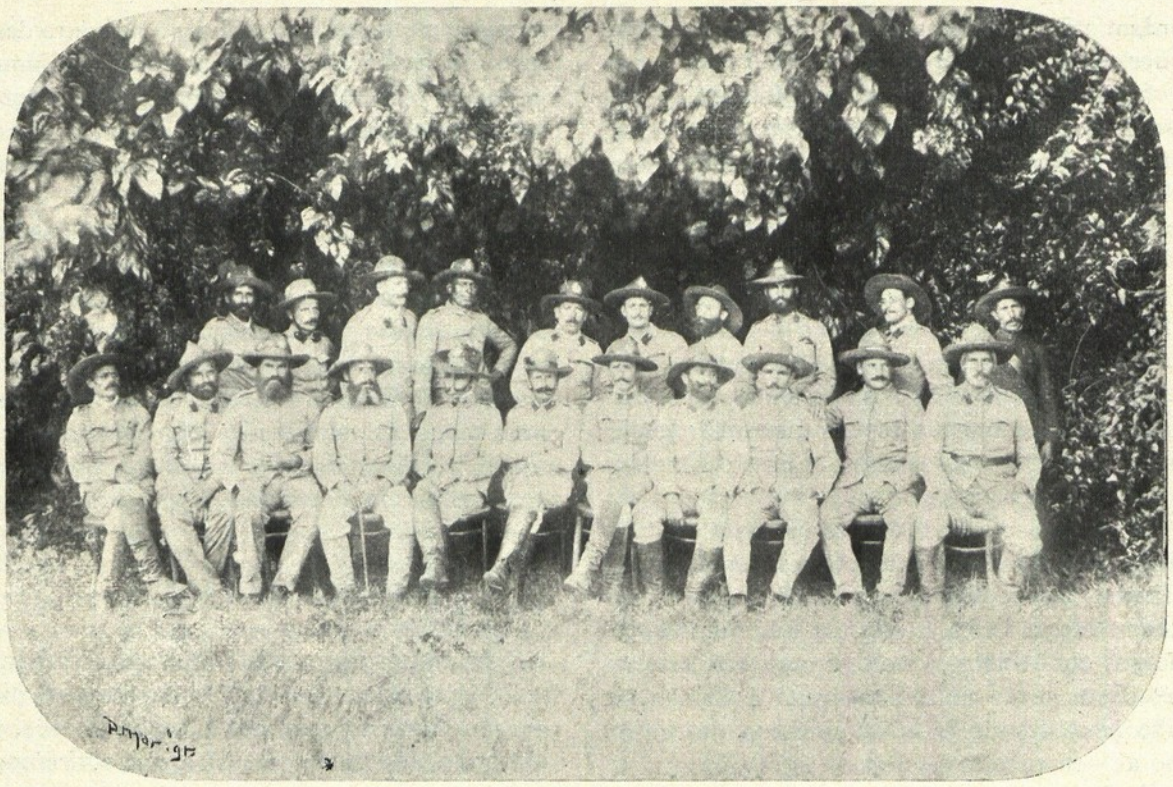
Repetiu-se a scena que se tinha passado com a nossa visita. Atraz dos enviados, veio terceira embaixada do Cavanguélua, trazendo uma ponta de marfim, a pedir desculpas e a protestar a amisade do soba, que continuava a confessar-se escravo do Muene-Puto. A columna, comquanto não estivesse defronte das terras do Evale, não tinha passado do Humbe, conservava-se ainda alli, e por isso comprehende-se que Cavanguélua, defendendo-se de receber o posto, procurasse cuidadosamente evitar o rompimento de relações.

Sendo a epocha má para a travessia dos 60 kilometros d'areial que medeiam entre Cunene e a *embala*, e não dispondo a columna de abastecimentos e materiaes d'artilheria que lhe permitisse n'aquella occasião uma manifestação de força no Evale, foram acceites como boas as explicações de Cavanguélua, a quem retribuimos os presentes, e reservada para melhor opportunidade a projectada occupação.

Razzias nos Quamatos

De ha muitos annos que os quamatos vinham fazer depredações nas terras da margem direita do Cunene; mas nos ultimos tempos, e sobretudo depois do desastre que soffremos no Pembe, as suas correrias tinham-se tornado frequentes e augmentado extraordinariamente de audacia. O Humbe acabava de ser atacado duas vezes, chegando de uma d'ellas os quamatos a 1 kilometro da fortaleza; o Cáfo e o Pocólo tambem lhes soffreram as incursões; e emquanto a columna se dirigia ao Mulondo, uma *guerra* devastou a Camba e outra a Dongoena levando d'aqui entre os captivos o principal *secúlo* da terra. Os nossos fortes não podiam impedir estas correrias, nem castigar os salteadores, porque a rapidez com que appareciam e retiravam tornava impossivel qualquer perseguição.

O gentio fiel da margem direita, tão duramente assolado, queixava-se das circumstancias em que o governo o deixava não lhe permittindo, por um lado, adquirir armas nem munições para se defender, nem lhe garantindo, por outro, a segurança da vida, do lar e dos haveres. Effectivamente a situação creada e o regimen em vigor collocavam-o em manifesta inferioridade em relação aos cuamatos, ao mesmo tempo que davam a estes todas as vantagens: os humbes e dongoenas, desarmados e divididos por toda a margem do rio, que tinham a vigiar, haviam de ser fatalmente fracos em toda a parte; os quamatos, bem armados pelo contrabando de Benguella, que podiam generosamente pagar com os bois roubados, não guardavam o rio porque não tinham



GRUPO DOS OFFICIAES DA COLUMNA

incursões a receiar, e podiam, concentrados, cahir de chofre no ponto que lhes appetecesse.

A egualdade de condições era a reclamação dos humbes, dongoenas e demais victimas: que lhes dessem armas e munições para saltarem no Quamato, como os quamatos saltaram no Humbe; quando os quamatos tivessem que guardar a sua casa, não poderiam assaltar a casa alheia, e quando lhes fizessem gastar as munições, elles não haviam de valer mais do que os pretos da margem de cá. As vistas do gentio fiel e queixoso estavam n'este ponto de accordo com as do commandante da columna, que trazia as razzias no Quamato como um dos seus objectivos, e que bem tinha ponderado o grande alcance que podiam ter.

Lançar os auxiliares da columna, engrossados com o gentio sequioso de vingança, e usar das forças regulares, ora para attrahir o inimigo, ora como appoio das forças irregulares, foi o systema seguido nas razzias.

A columna chegou ao Humbe a 12 de Novembro. No dia 13, apresentaram-se ao chefe do concelho o soba da região, varios *secúlos*, donos de portos e outros influentes indigenas, a offerecer os seus serviços, sabendo-se por elles que os quamatas contavam que a columna os fosse atacar e preparavam a sua defeza. No dia 14, distribuiram se armas e munições aos auxiliares, que foram organisados em dois grupos, um, o dos boers, a cargo de Wœllen Venter, Andries Alberts e Bartholomeu de Paiva, e o outro, quasi exclusivamente constituido por indigenas, a cargo de Carlos Maria, José Lopes e Jacob Erickson. Logo na tarde d'esse mesmo dia, ambos os grupos sahiram em direcções differentes.

Os dois grupos d'auxiliares deviam de noite ter-se reunido nas alturas do vau de Ilandulo, e ao romper do dia penetrar juntos no Quamato Grande, ao mesmo tempo que a columna ameaçava o Quamato Pequeno; mas, por um equivoco de lastimar, os grupos ficaram isolados, penetrando o dos bœres no Quamato Grande, e o outro no Quamato Pequeno, pelo vau do Heque.

Os auxiliares que penetraram no Quamato Pequeno começaram o fogo pouco depois da passagem do rio e encontraram resistencia seria, conseguindo ainda assim dominar o inimigo e fazel-o internar; estiveram no local em que no anno anterior tinhamos sido destroçados e ainda viram pelo caminho os signaes da catastrophe. O tiroteio, que era intenso ás

7 horas da manhã, tinha cessado por completo ás 9 horas. Tivemos na refrega 4 auxiliares mortos e 1 ferido, não se podendo ajuizar das baixas do inimigo, que deviam ter sido importantes. A columna sahiu pelo caminho do vau do Cácua, estacionou perto do Cunene, enviando os dragões na direcção em que se ouvia o fogo, e retirou para o Humbe, depois de a lucta estar terminada.

Do grupo dos boers, nada se soube.

No dia immediato, 16, alguns boers que tinham ficado no acampamento do Humbe, desceram o rio á procura de noticias dos companheiros, mas, talvez porque se não affastassem sufficientemente, voltaram sem conseguir obtel-as. Os auxiliares do outro grupo reabasteceram-se de munições, e sahiram á tarde pelo caminho da Jamba.

Na madrugada de 17, estava a força de dragões na margem do Cunene, no vau do Pembe, e os auxiliares, que tinham dormido na margem do rio, passaram-o ás 5 $^1/_2$ da manhã no vau de Cacúma, avançaram até ás primeiras libatas, que foram incendiando, mas depois appareceu-lhes um troço do inimigo, com que tiveram de sustentar fogo: este troço simulou que retirava, e, sendo perseguido pelos auxiliares, viram-se estes envolvidos por dois outros grupos muito mais numerosos que o primeiro, com que travaram rijo e demorado combate. O inimigo tentou cortar a retirada dos nossos e ainda conseguiu perseguir até ao rio uma fracção de auxiliares indigenas que se desmembrou; mas o grosso das forças bateu o inimigo com grandes perdas em outros pontos, e, tornando a subir o rio, veio a retirar pelo mesmo vau de Cacúma por onde tinha penetrado. A's 8 horas e meia da manhã, tinha cessado completamente o fogo, e pouco tempo depois a cavallaria retirava para o Humbe. A lucta correu muito accesa para que houvesse facilidade de recolher tropheus, mas, ainda assim, d'este combate trouxeram os nossos uma carabina Kropatscheck e a respectiva cartucheira, de um *fidalgo* quamato que mataram: a carabina era das que haviamos perdido no desastre de 25 de setembro, e os cartuchos eram, parte, dos sahidos do nosso arsenal, e parte, recarregados com polvora ordinaria e bala de chumbo afeiçoada á navalha. Tivemos n'esta incursão cerca de 40 auxiliares mortos, quasi todos muchimbos. As baixas do inimigo, pelo que os auxiliares disseram e pelas noticias que depois chegaram, foram em muito maior numero: *lengas*, ou chefes de guerra, averiguou-se que perderam os quamatos quatro.

Na noite d'este mesmo dia 17, recolheram os auxiliares boers que andavam por fóra. Como a noite estava escura e a sua passagem não tivesse sido annunciada, o gentio do Humbe assustou-se, disparando alguns tiros e batendo a *cúa* com violencia, o que deu logar a que no bivaque se tocasse a alarme. Os boers faziam-se preceder do rebanho do gado apprehendido, que constava de 60 cabeças de gado bovino e 150 cabras e ovelhas, e tráziam mais, como prisioneiros, 6 homens e 3 mulheres.

Soube-se então que na madrugada de 15 o grupo dividiu-se á passagem do rio, attravessando uns effectivamente o Cunene no vau de Handulo, como estava ajustado, os quaes chegaram a internar-se até 3 horas da margem do rio, outros repassando o rio para seguir um rasto de gado; e que na noite de 16 para 17 saltaram todos na Hinga, tornando outra vez a internar-se no Quamato Grande. De ambas as vezes encontraram fraca resistencia, por estar a terra quasi deserta, dizendo o gentio apanhado que as mulheres e o gado tinham sido levados para os lados do Quanhama, e que parte dos homens estava na *embala* e parte se tinha ido juntar ao Quamato Pequeno. Alem das presas de gado, e dos prisioneiros que fizeram, trouxeram umas 35 espingardas de piston e incendiaram nas duas razzias cerca de 100 libatas. O povo da Hinga não os hostilisou, nem tão pouco elles lhes fizeram mal, restituindo até os boers um rebanho de gado bovino que tinham apprehendido e que a gente da Hinga disse pertencer a um *secúlo* da terra.

O terreno no Quamato Grande foi encontrado livre de mattas e em geral descoberto; os *arimos* são alli em grande numero e por vezes pegando uns com os outros. No Quamato Pequeno, os auxiliares internaram-se muito menos, mas do terreno que atravessaram vieram dizendo ser, em geral, coberto e abundarem n'elle as mattas de espinheiro. Em ambos os Quamatos tinha já chovido e começava a haver poças onde o gado podia beber.

Na madrugada de 19, sahiram ainda os auxiliares bœrs, que projectavam attrahir os quamatas á margem direita do Cunene. Passaram o rio na altura do Quamato Pequeno, e exploraram o terreno tanto para montante como para juzante do ponto de passagem; mas tive-

ram de retirar sem disparar um tiro, porque as margens estavam completamente desertas e não viram ninguem.

Os dias 20, 21 e 22 de Novembro foram de descanço e preparativos para as operações subsequentes, e na tarde de 23 a columna retirou do Humbe.

Castigo e submissão dos Gambos

As terras dos Gambos estendem-se a um e outro lado do Caculovar, desde as terras do Hae e da Quihita, ao Norte, até ás terras do Humbe, ao Sul, limitando pelo Nascente com a linha d'alturas que corre parallelamente ao Caculovar e indo do lado do Poente até ás montanhas de Compocóllo e Chiamibira. O aspecto da região é muito diverso do do Humbe e em geral de toda a região visinha do Cunene: o terreno apresenta-se accidentado e pedregoso, o espinheiro é alli menos vulgar, mas em compensação é mais frequente a arborisação de porte alto. A sua população é densa, e afamada a riqueza de gado e a grande producção de mantimento, passando os Gambos por ser o celleiro do Planalto. O indigena é trabalhador, cultivando largos tratos de terreno, mas é pouco docil e não convive com o europeu, como o gentio do Humbe.

Estas terras constituiam um unico sobado, á testa do qual acabava de ser collocado Cander, antigo desterrado politico e ex soldado, que tinha o appoio dos muchimbas e era o escolhido de todos os mugambos. A sua entrada na *embala,* comquanto tivesse tido o assentimento do governo, pode bem dizer-se que foi pela força e contra vontade d'este: Cander e toda a gente dos Gambos o sabia, lembrava-o sempre que havia opportunidade e mantinha a arrogancia e insubmissão proprias da situação independente em que se encontrava.

Tinhamos n'esta região, no local da Chibemba, que é a sede do commando militar, uma fortaleza guarnecida por uma companhia indigena de infanteria e 2 boccas de fogo. A despeito, porem, d'esta guarnição relativamente importante, o nosso dominio nos Gambos reduzia-se praticamente ao local da fortaleza, não sendo a auctoridade do commandante militar reconhecida entre os indigenas, nem se aventurando já o commandante a tentar pela força fazer-se obedecer d'elles.

Estavam presentes na memoria de todos, o roubo e o assassinato de um soldado indigena que atravessava as terras em serviço, o ataque á *embala* do antigo soba D. João, defendida pelas nossas forças, onde ficaram mortos 2 soldados indigenas e 1 sargento, e os constantes desacatos que soffriam pelas povoações os enviados do commandante militar quando este mandava transmittir qualquer ordem ou pretendia usar da sua auctoridade. A transigencia do governo com o cabeça da revolta não havia melhorado a situação, antes tinha concorrido para augmentar a arrogancia de Cander que, ligado a Munguella e Oorlog, chegou a reunir em volta de si toda a gente de guerra, dizendo uns que se dispunha a atacar a fortaleza dos Gambos e outros que se preparava para dar combate á columna na sua passagem para o Sul.

A rebeldia de Cander não o impedia, porem, de protestar de quando em quando intenções pacificas e de fazer promessas de fidelidade aos emissarios do governo, nas negociações que até final se sustentaram para evitar a guerra. Era n'uma d'estas phases de protestos gratuitos e promessas que não cumpria, que estava a politica de Cander quando a columna largou do Humbe, e quando foi resolvido extinguir o sobado dos Gambos, castigar os aggravos recebidos e submetter pelas armas todo o gentio á auctoridade do commandante militar, que ficava sendo d'alli em deante a unica reconhecida n'aquella região.

Era de suppôr que Cander não quizesse medir forças com quem tinha tomado o Mulondo e com quem se havia batido no Quamato, e contava por isso o commandante da columna com a sua fuga, logo que se denunciasse a intenção de o atacar. A natureza do terreno dos Gambos e a visinhança das montanhas Cubaes por um lado e da matta que vae até ao Quipungo e ao Mulondo por outro, tornaram impossivel qualquer perseguição efficaz, sendo por isso resolvido fazer uma tentativa de prender Cander antes da approximação das forças da columna. A tentativa foi effectivamente feita; mas, apesar de se ter escolhido para a pôr em pratica quem melhor a podia desempenhar, o seu antigo alliado Oorlog, não deu ella resultado, porque na cilada armada, em que aliás foram mortos alguns importantes adeptos de Cander, este teve a inspiração de não apparecer.

Estando em duvida se teria havido entendimento entre Oorlog e o governo, e desejando

COMMISSÃO DE FESTEJOS DA CHIBIA E OFFICIAES DA COLUMNA

saber noticias da attitude d'este, ou talvez suppondo que com promessas e esperanças pudesse continuar a ludibriar as auctoridades, não fugiu logo Cander, e mandou emissarios á fortaleza, perguntar ao commandante militar quando podia ia prestar vassalagem. Parece, porem, que os emissarios perceberam que a situação tinha mudado; e, sem esperar resposta, foram avisar Cander, que estava com a sua gente a pequena distancia, o qual se poz immediatamente em fuga não voltando para a *embala* e ficando a monte.

Passava-se isto a 28 de Novembro. A columna achava-se acampada na Cavallána, e eram n'este dia dadas ordens para que as forças fossem divididas em tres fracções que bateriam toda a região dos Gambos: as forças regulares seguiriam pela estrada Humbe-Lubango, os auxiliares boers e muximbas pela margem direita do Caculovar, e os auxiliares portuguezes e muhumbes pela margem esquerda do mesmo rio. As povoações da margem direita eram as mais insubmissas e deviam ser guerreadas indistinctamente; na margem esquerda, salientavam-se as povoações de parentes de Cander e algumas que tinham contas antigas a liquidar com o governo, devendo ser poupadas todas as outras.

No dia immediato, 29, marchavam as forças como estava determinado. Os auxiliares da margem esquerda do Caculovar descobriram rasto de gado que vinha do outro lado do rio, e levados por elle foram encontrar um grande rebanho escondido n'uma matta; houve combate com os pastores e com o gentio que estava embuscado nas immediações, sendo tomado o gado, que foi todo levado para o acampamento da columna, no Binguiro: era a presa, de 774 cabeças, entre bois, vaccas e vitellos; os rebeldes soffreram muitas baixas e nós tivemos 2 muhumbes mortos e 1 gravemente ferido. N'esse mesmo dia, outro grupo d'auxiliares apprehendeu cerca de 1.500 cabeças de gado bovino na missão de Chiapepe, por suspeitar terem sido para alli levadas pelos rebeldes, que assim procuravam salvar os haveres. Pelo motivo d'esta apprehensão, veio ao Binguiro conferenciar com o commandante da columna o Rev. Padre Severino, superior da missão do Chiapepe; a outra presa tambem

havia dado logar a reclamações de alguns indigenas, que diziam ser amigos e ter gado seu entre o apprehendido: como não eram questões que alli podessem ser esclarecidas, seguiu o gado todo para a sede do concelho, onde o respectivo chefe escutaria os interessados e resolveria como de justiça.

Na marcha da Cavalláua ao Binguiro encontraram-se desertas as povoações aos lados da estrada. No Binguiro, de tarde, foram presos tres indigenas desconhecidos, que se haviam mettido entre o gado e que parecia andarem espionando; e á noite via-se do bivaque o clarão das libatas incendiadas pelos auxiliares e ouviram-se por vezes tiros a distancia.

Em 30, de madrugada, poz-se a columna em marcha para a fortaleza dos Gambos (Chibemba). Houve um grande alto na missão de Chiapepe, onde foi offerecido um almoço ao commandante e seu estado maior, e onde as tropas cosinharam a segunda refeição do dia. A's 5 horas e um quarto da tarde, chegava a columna á Chibemba, bivacando em quadrado, junto da face Oeste da fortaleza.

No dia 1, a columna esteve estacionada nos Gambos. Alli foram apresentar-se muitos *secúlos* e gentio das terras, declarando-se fieis ao governo e desligados de Cander a quem imputavam as responsabilidades da situação creada, e promettendo não o acoutar nas suas terras e entregal-o se elle lhes cair nas mãos. Os auxiliares da margem direita do rio limparam o terreno até á altura da fortaleza dos Gambos, incendiando muitas libatas, tomando cerca de 200 cabeças de gado bovino e aniquilando o inimigo nos sitios em que elle offereceu resistencia. As reclamações sobre o gado apprehendido no Binguiro e no Chiapepe só no dia seguinte é que poderam ser resolvidas porque, em consequencia da falta d'agua, o rebanho teve de ir para o Chiquenguero, e alli tiveram tambem de ir o chefe do concelho e os interessados: foram, ao todo, restituidas 216 cabeças, com o fundamento de pertencerem a convertidos da missão ou a gentio que não havia motivo de punir.

Nos dias 2, 3 e 4, marchou a columna, passando por Cachana, Birambundo e Vimanha. Salvo um ou outro excesso, inevitavel, dos auxiliares indigenas, não se disparou em todos estes dias um unico tiro na margem esquerda do Caculovar: as libatas, em geral, estavam abandonadas, algumas d'ellas mostravam bandeirolas azues e brancas, e d'outras côres, e nos acampamentos continuaram as apresentações do gentio. Da Vimanha, foram mandados alguus auxiliares em reconhecimento á serra da Lufira, onde estava a libata de uma tia de Cander e onde se suspeitava que houvesse resistencia; mas não encontraram nenhuma preparação de defeza nem viram ninguem, e voltaram deixando a libata a arder. Na margem direita, ainda houve alguma resistencia no dia 2; mas no dia 3 todo o gentio tinha dispersado e era ignorado o paradeiro de Cander: a região podia considerar-se batida e os auxiliares boers e muximbas passavam o Caculovar e vinham reunir-se á columna trazendo cerca de 300 cabeças de gado, e 8 prisioneiros entre os quaes um filho de Cander. Esta fracção, quando recolheu, tinha perdido 10 muximbas e trazia 1 gravemente ferido, e calcula-se que tivesse feito ao inimigo mais de 100 mortos.

Na manhã de 5, antes de levantar o bivaque da Vimanha, sentiu-se um tiroteio a pequena distancia, chegando a sahir para o lado d'onde se ouvia o fogo a força de dragões e a companhia europea d'infanteria: foi o caso que algum gentio, que se havia misturado com os auxiliares, tentava roubar uma das manadas de gado apprehendido, que andava ao pasto, e fez fogo sobre os pastores que tiveram de se defender. As tropas, porem, não chegaram a intervir, porque a simples apparição dos boers, cujo acampamento estava perto, fez sumir os assaltantes.

Na tarde de 5, a columna e todos os auxiliares marcharam para a Quihita. Um incidente houve ainda ao deixar as terras dos Gambos: o grupo d'auxiliares boers, que precedia a columna a distancia, encontrando na missão da Quihita cerca de 800 cabeças de gado bovino, que suppoz gado dos rebeldes alli refugiado, apprehendeu-as; estabeleceu-se discussão azeda, recebendo uma bofetada um irmão leigo, e acto continuo o superior da missão, Rev. Padre Braz, arriou no edificio a bandeira portugueza arvorando a franceza. Á chegada do commandante, foi primeiramente reposta a bandeira portugueza no seu logar, e, considerada depois a questão do gado, foi este restituido por ter na quasi totalidade a marca da missão.

O bivaque do dia 5 foi já estabelecido fóra das terras dos Gambos. Ahi se distribuiram as presas subsistentes, cabendo ao governo 1.138 cabeças de gado bovino. Estava terminada a missão da columna, que só teve depois a re-

AUXILIARES BOERS QUE TOMARAM PARTE NAS OPERAÇÕES

colher ao Lubango da fórma menos penosa ás tropas e com o andamento que lhe permittia o mau estado dos caminhos.

Regresso da columna — Festejos Effeito das operações

A marcha da columna, que desde a retirada do Humbe não era sem difficuldades, tornou-se mais penosa no trajecto dos Gambos para o Lubango : as chuvas tinham-se pronunciado, e d'ahi o mau estado dos caminhos, o pouco e por vezes nenhum andamento dos carros, o cançaço dos animaes, a fadiga do pessoal e o aggravamento do seu estado sanitario que até então se podia considerar muito satisfactorio.

Logo á sahida da Quihita, uma peça se atolou, dando grande trabalho para a safar. Os carros, que nem já transportavam metade da carga primitiva, deixaram de acompanhar a columna e encravavam-se a cada passo, só conseguindo aguentar a marcha as carroças da ambulancia. Foi preciso ir gado fresco da Chibia, para que o comboio pudesse fazer em 5 dias o trajecto Quihita-Chibia, que na ida, carregado, tinha feito em 2.

No dia de partida da Quihita, a columna chegou muito de noite ao bivaque, e as tropas para alli dormiram sobre o chão molhado, sem abrigo de qualquer especie. No dia immediato, depois da penosa marcha da vespera com um desconfortavel rancho frio e a noite de intemperie que se lhe seguiu, lá se puzeram em marcha as tropas, de madrugada, sem haver tomado uma gotta de café ou de aguardente, começando logo por atravessar o rio Chipumpunhime com agua pela cintura. Uma força, o pelotão de sapadores, teve de ficar para traz para acompanhar o comboio : essa mais soffreu, porque mais demorada teve a marcha, não lhe faltou trabalho em ajudar a arrancar os carros, e, afastada e dispersa como os carros iam ficando, algumas privações teve que passar.

A pequena distancia a que as tropas estavam do quartel, que aos proprios doentes fazia cobrar forças, e o descanço de 3 dias na Chibia, que permittiu reunir o comboio á columna, fizeram com que, a despeito de todas as difficuldades, a columna desse entrada no Lubango completa e em tão boa ordem como de lá tinha sahido tres mezes antes.

As colonias do Planalto e as missões da Huilla e do Munhino, festejaram enthusiastica e ruidosamente as tropas, no seu regresso.

A Chibia tinha as ruas ornamentadas com arcos de verdura, bandeiras e tropheus. Toda a população veio receber a columna, saudando-a phreneticamente ; subiram ao ar muitas girandolas de foguetes, ao mesmo tempo que a magnifica banda de musica da missão da Huilla tocava o hymno nacional e os vivas se

succediam ininterrompidos. As senhoras lançaram flores sobre as tropas, quando ellas entraram na povoação, e a commissão municipal e a associação commercial vieram em corporação apresentar ao commandante da columna mensagens de boas vindas. Houve no dia da chegada um soberbo banquete, offerecido pelos habitantes e servido gentilmente por senhoras; no dia immediato um baile, e illuminação á veneziana nas tres noites em que a columna alli permaneceu.

Os missionarios da Huilla haviam-se tambem preparado para nos receber festivamente. O grande recinto dos edificios da missão estava enfeitado de bandeiras e verdura, e ostentava dois grandiosos arcos triumphaes onde se liam em lettras douradas allusões aos trabalhos da columna. Os alumnos do seminario formavam alas á porta do estabelecimento e soltavam vivas com o enthusiasmo que só julgávamos existir na mocidade europea; um d'elles, dos mais pequenos, leu um engraçado discurso de saudação ao governador e de felicitação ás tropas victoriosas. Houve Te-Deum em acção de graças pelos resultados da campanha, e um banquete em que o superior, Rev. Padre Pereira, discursou com muito patriotismo e eloquencia. Os officiaes foram hospedes da missão emquanto alli estiveram, e todos os soldados poderam disfructar um abrigo, o que era inestimavel n'uma epocha como aquella, de chuvas torrenciaes.

Os habitantes da povoação da Huilla, que dista meia hora da missão, sabendo que a columna não podia alli ter demora, e não querendo que a mais antiga colonia do Planalto deixasse de figurar nas manifestações de regosijo pelas victorias das nossas armas, vieram de vespera convidar o commandante, officiaes e chefes de auxiliares, para uma visita á povoação, e alli nos receberam com as ruas enfeitadas, musica, foguetes e um opiparo lunch.

Na missão do Munhino, a columna não poude fazer senão um pequeno alto de 10 minutos; mas o superior, Rev. Padre Visée, lá estava na estrada, acompanhado dos educandos que soltavam vivas com enthusiasmo igual ao dos seus collegas da Huilla. Havia bandeiras e foguetes e celebrou-se uma ceremonia na espaçosa egreja da missão, a que todavia só poude assistir o commandante e alguns officiaes.

Do Lubango, vieram esperar a columna ao rio Capitão, em trens e a cavallo, a commissão dos festejos, as principaes auctoridades, varios residentes e officiaes da guarnição. A' entrada da villa achava-se a banda de musica da Huilla, que acompanhou a columna até ao largo dos quarteis, marchando á frente das tropas e tocando o hymno nacional. Toda a povoação estava embandeirada, e nas ruas do trajecto havia arcos e grinaldas de verdura e flores. No largo dos quarteis, quando as tropas faziam a continencia á bandeira nacional antes de destroçar, era enorme a multidão de gente, que não cessou de soltar vivas e acclamações emquanto houve na rua um soldado. Teve logar no dia da chegada um banquete organisado pela commissão dos festejos, a que tambem assistiram pessoas vindas da Humpata, e houve no dia seguinte Te-Deum e marcha *aux flambeaux*.

Os habitantes do Planalto, que desde quasi um anno viviam sob a enorme depressão moral causada pelos successivos desastres das nossas armas, ameaçados a cada passo na sua segurança e soffrendo a insolencia do gentio que desdenhava do poder do europeu, davam assim largas ao seu enthusiasmo, ao sentirem-se reanimados pelas ultimas operações militares, em que elles não viam só a affirmação do valor do soldado portuguez, mas o restabelecimento por todo o sertão do prestigio do branco. Tem em valor a opinião d'essa gente, que está habituada a guerras, que vive entre os pretos, que com os seus carros corta o paiz d'um lado a outro, que vae levar o commercio aos pontos mais afastados, e que soffre e sente em primeira mão as consequencias da arrogancia ou do abatimento do gentio.

Não falhou, de facto, o conceito dos habitantes do Planalto sobre a efficacia e o alcance das operações militares realisadas: os factos passados até áquella data e os que depois se lhe teem seguido, não teem feito senão provar a salutar e energica acção da campanha de 1905.

O territorio de Mulondo, onde em tempo haviam sido desfeitiadas as nossas armas, foi completamente submettido, depois de morto o soba e batido o gentio n'uma brilhante victoria; lá ficou levantada uma bem guarnecida fortaleza, que garante a segurança e a ordem na região, e á sombra da qual se está repovoando a terra, que já hoje conta maior população do que no tempo do tyrannico Hangálo. A Dongoena, que conservava uma tradicional independencia, foi occupada militarmente, sem disparar um tiro, e até com o concurso dos

habitantes, que vieram offerecer os seus serviços e trazer gallinhas, bois e madeiras para o posto. A linha do Cunene ficou-nos completamente nas mãos, occupada do Norte ao Sul do districto, e limpa de rebeldes que ameacem ou difficultem a livre communicação ao longo d'ella.

Os quamatos foram escorraçados da margem do rio. Os nossos auxiliares, entrando-lhes varias vezes pela terra dentro, bateram-os em varios recontros, mataram-lhes alguns dos seus *lengas,* comprometteram-lhes o seu aprovisionamento de munições e quebraram esse encanto de intangibilidade que tinha a terra de alem Cunene. O Humbe, a Dongoena, o Cafo e a Camba, respiraram, e de então para cá teem gosado de um socego absoluto.

O gentio dos Gambos foi reduzido á obediencia. O soba rebelde deixou prisioneiro um filho e fugiu abandonado, e a região voltou á vida tranquilla, restabelecendo-se a segurança. O proprio Jau e Mucuma, que á sombra da rebeldia dos Gambos e do seu afastamento viviam insubmissos, e onde aliás se não estendeu a guerra, vieram tambem apresentar-se e protestar obediencia á auctoridade.

E, a sommar a tão assignaladas vantagens, accresce ainda o admiravel levantamento realisado no moral das nossas tropas, que logo após a tomada de Mulondo ficaram cheios de orgulho e confiantes em si, a ponto de não fallarem senão em saltar no Quamato os mesmos soldados que tempos atraz se apavoravam deante da idea de se approximar do Cunene.

EDUARDO AUGUSTO MARQUES
Capitão do serviço do estado maior.

COLOMBINA

É MATERIA assente que os por nós impropriamente chamados irracionaes têm faculdades emotivas: amam, odeiam, têm antipathias e sympathias, alegrias e tristezas: são factos por todos observados, e até scientificamente verificados por todos os escriptores que, realmente sem elevação philosophica, se têm occupado da psychologia dos animaes.

Tambem é materia averiguada que, entre animaes de certa especie e os de outra, ha odios, antipathias innatas, cujas causas determinantes são ainda hoje um mysterio. Assim, o gato odeia o cão: todo se arrepia e encrespa, cheio de horror, ao contemplal-o: o espadarte detesta a balea, e, esqualo relativamente pequeno, não deixa esse enorme cetáceo sem o destruir; o tanjasno não póde vêr o jumento: *rostro et unguibus,* espicaça-o, morde-o, arranca-lhe o pêlo; e, finalmente para não alongar demasiadamente este relatorio,—a coruja odeia o homem: com os olhos accêsos em ira, bufa-nos, quer morder-nos, morde-nos. Do mesmo modo, como ha antipathias entre as especies, ha sympathias, e até profundo sentimento de amizade, como, por exemplo, entre o cão e o homem: o de Ulysses morre de alegria, segundo Homero, ao vel-o depois de vinte annos de ausencia, e muitos se têm deixado morrer de fóme e de tristeza junto ás campas que encerram aquelles, de quem foram companheiros na vida.

JOÃO PENHA

O que, porém, ainda não foi discutido e estudado é se entre um animal de especie inferior e outro de especie superior póde existir um sentimento que, pela sua natureza especial, como a paixão do amor, não póde, á primeira vista, existir senão entre seres da mesma especie.

Poderá, por exemplo, uma gata ter por um homem um como que amor de mulher?

Póde, porque eu mesmo fui assim amado por nada menos de tres.

Referirei um só d'esses casos, absolutamente authentico, e presenceado por diversas pessoas.

Antes, porém, estabelecerei alguns principios, que esclarecerão toda a materia que vae ser objecto d'este ligeiro escripto.

Esses principios não são meus senão quanto á especialidade das suas conclusões: são os em que assenta a religião ou philosophia de Buddha.

Todo o homem tem de viver tantas existencias quantas sejam necessarias para que expie, pela dôr, as faltas e pec-

cados das existencias anteriores, e a sua alma, assim purificada, dispa os invólucros materiaes, ascenda á vida eterna, ao Nirvana, e se consubsancie na Alma suprema, infinita, em Deus.

Esta philosophia, que está sendo adoptada por muitos espiritos superiores, não é, como á primeira vista poderá suppor-se, a da transmigração das almas: n'esta philosophia, a alma d'um ser que se extingue passa para outro já existente, o que não póde acceitar-se por absurdo; na do buddhismo já assim não succede: a alma, livre do seu invólucro carnal, aggrega a si, pela força, intelligencia e sensibilidade que a constituem, novas substancias rudimentares, que a collocam em condições de, quando o momento psychologico lhe chegue, segundo as determinações de Deus, entrar n'uma nova existencia organica.

Seria necessario que a nossa misérrima intelligencia fosse a propria Intelligencia infinita para que podessemos determinar e fixar a lei a que obedecem as transformações materiaes dos seres, quanto á sua fórma exterior, inherentes á pena da expiação, e ás suas novas condições de vida. Não me parece, porém, desarrazoado, e isto o apresento como simples postulado, ainda assim apoiado em factos experimentaes, assentar como lei divina das resurreições buddhistas, que, se um ser cumpre em absoluto a lei da expiação, morre, mas não torna a nascer, porque entra na vida eterna; se só a cumpre em parte, tem de soffrer uma nova existencia, mas sob uma forma mais perfeita, e talvez n'um mundo superior: é a ascenção aos ceus de que falla Christo; se, finalmente, a não cumpre ou a nega, soffrerá ainda outra existencia, mas sob uma fórma inferior, em que o soffrimento seja mais intenso, e talvez n'um mundo peor: é a descida aos infernos, *ad inferos,* de que falla o velho testamento.

Assim, e segundo estes principios, póde muito bem succeder e realmente succede, que um ser, que actualmente tem o aspecto de um homem, fosse na sua existencia anterior um simples jumento, que cumprisse a lei; e, pelo contrario, que um jumento já tivesse attingido, anteriormente, a fórma, relativamente superior, do chamado rei da creação.

Factos estranhos, constantemente observados por sabios que olham ao largo e ao alto, mas que têm dado origem a systemas erróneos, como o de Darwin, factos para elles obscuros, mas para os verdadeiros adeptos claros, levam-nos á conclusão de que para a nova fórma dos seres passa o quer que seja da sua existencia anterior, não só quanto ao aspecto, mas tambem quanto a certas idiosyncrasias.

Assim, nada mais vulgar do que encontrarem-se animaes da nossa especie, com traços bem caracteristicos em suas figuras de animaes inferiores, como de corujas, chimpanzés, bulldogs, fuinhas, e de muitos outros; e até com muitos dos seus habitos. E porque? Porque o foram.

Assim, póde, por exemplo affirmar-se que os que se entregam á arriscada profissão de gatunos, foram pêgas; os Tenorios, macacos; os oradores, papagaios; os poetas, rouxinoes ou gralhas, segundo as circumstancias.

Eu, pelas observações que tenho feito recahir sobre a minha propria pessoa, pertenci, n'uma das minhas existencias anteriores, á raça felina, gato, tigre, leão?

Do estranho acontecimento que passo a narrar, e a que já me referi, alguma cousa poderá concluir-se a este respeito.

Havia, e supponho que ainda ha, em Coimbra, um largo solitario, chamado das Olarias. Era ahi que o illustre Campos, o Homem do Gaz, tinha a já agora lendaria taberna. Este importante estabelecimento, onde unicamente se vendia o sumo da uva, sem vitualhas, estava dividido em duas partes distinctas e separadas. N'uma, vasta quadra, com uma mesa de castanho ao centro, e um bico de gaz por cima, só eram admittidos estudantes, quasi sempre os mesmos, porque, pela sua categoria academica, pelo seu renome, e mêdo que inspiravam, affastavam os outros; — a exposição ao consumo publico era na outra, mas essa mesma era frequentada por homens distinctos ou conhecidos, como o Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*, o Anastacio, do *Braz Tizana*, o Herculano Santa-Barbara, um dos primeiros tacos da provincia, o Galeão, que faria a barba têsa ao Gargántua de Rabelais, o tenor Portugal, que por vezes fazia ouvir algumas arias do seu reportorio, pouco selecto, e diversos outros. Estas duas secções nunca se communicavam, mas Campos, que todos estimavam pelas suas bellas qualidades, e respeitavam pela sua força hercúlea, permittia ás

vezes á segunda que, pela entreaberta da alta porta divisoria, ouvisse as terriveis discussões da primeira. Muitas vezes eu vi ahi a luzirem os grandes oculos de prata de Martins de Carvalho.

Campos tinha uma bonita gata branca, de raça, chamada Colombina, e que elle tinha em grande aprêço. Como gostei sempre de gatos, pequenos tigres em miniatura, cujos distinctos habitos independentes e nobremente egoistas admiro, quando ella apparecia punha-a em cima da mesa, acariciava-a, coçava-lhe a cabeça, e quando me sentava para ler os jornaes, collocava-a no sofá dos meus joelhos. Ahi fazia o seu ninho, mas logo, inquieta, estendia-se-me pelo peito acima, e ficava-se a olhar-me com um olhar estranho, prescrutador. Para breve, certos movimentos, certas manifestações mysteriosas de Colombina chamaram todas as minhas attenções: passei a observal-a como philosopho. Logo que eu apparecia na vasta quadra, em que eu muitas vezes era o unico conviva, apparecia ella, e quantas vezes eu andasse d'um lado para o outro, costume proprio de doentes imaginarios, segundo Molière, tantas vezes me seguia como um cão, miando de quando em quando, com doçura. Se eu parava, roçava-se-me voluptuosamente pelas pernas, de cauda erguida, e como de ordinario, em gatos, este movimento representa um pedido de vitualhas, uma noite, em que ella assim se roçava por mim, chamei o Campos.

— Colombina quer comer.

— Qual! respondeu o colosso; tem o papo cheio: ainda ha pouco manducou uma boa sopa de leite.

— Então, que quer ella? Ora veja.

E puz-me a andar de um lado para o outro.

— Parece um cão atraz do seu dono, ponderou o homem. É exquisito! O que é certo, continuou elle, é que nem de dia, nem de noite a vejo; não sei onde se mette, mas logo que o senhor doutor apparece, surge ella, de repente, não sei d'onde, e ninguem a tira d'aqui. Naturalmente, concluiu o bom do homem, ganhou-lhe amizade, mas que amizade!

Eu, porém, suspeitava outra cousa, e as minhas suspeitas em breve se transformaram, em resultado d'um estudo mais attento da enfêrma, n'uma irrecusavel certeza.

Quando eu, depois dos meus passeios de cá para lá, me sentava á larga mesa central, de que fallei, e ahi estendia, para o ler, o *Diario Popular*, logo Colombina, d'um salto, me surgia defronte, aninhava-se sobre o proprio jornal, e na postura do antigo Esphinge, se embebia na contemplação do meu rôsto. Nos seus bellos olhos, d'um verde glauco, via eu uma expressão estranha: a d'um profundo amor feminil, expressão em que havia o quer que seja de vago, como a de quem olha para um passado longinquo, feliz. Que leria ella em meus olhos? Que mysterios tentaria decifrar?

Depois, como movida por um impulso interno, irresistivel, perdido todo o recato, todo o pudor feminil, formava de subito um pequeno salto, e roçava voluptuosa o seu delicado rosto pelo meu. Eu, longe de a repellir, acariciava-a, olhava-a compadecido, porque bem sabia o que se passava n'aquella pobre alma enamorada.

Colombina, porém, queria mais, e o modo como o revelou, causou-me uma extraordinaria surprêsa, porque, apesar das minhas ideas, que expuz no principio d'este rapido estudo psychologico, nunca tinha imaginado que em entes, apparentemente inferiores ao homem, a paixão do amor attingisse a intensidade de que até agora só se julgavam susceptiveis as nossas fêmeas, as grandes amorosas, como (além da infinidade das anonymas) Francesca de Rimini, Clarisse Harlowe, Heloisa, Cleoptra, a Alcoforado, e tantas outras, de que reza a chronica e a lenda.

Ao fundo do vasto salão, porque assim se lhe podia chamar, havia uns caixotes vasios, sobrepostos, e que me chegavam á altura de cinta. Quando eu, nos meus passeios de cá para lá, chegava até junto d'esses caixotes, Colombina, que me seguia, saltava rapidamente para cima, e soltando umas pequenas vozes como de quem soffre, e em que havia supplica, aninhava-se para que eu mais suavemente a acariasse. Eu bem percebia os seus intimos desejos, mas, pela força maior das circumstancias, via-me na necessidade de representar o lamentoso papel de José do Egypto!

Repetia-se isto todas as noites, sem que ella uma só vez desanimasse, sem que desistisse do seu intento: o seu pensamento de todas as horas, o ideal, de certo, da sua alma apaixonada.

Mas estava para breve o desenlace fatal d'este poema d'amor.

Foi n'uma noite aziaga. Cahira sobre a cidade uma terrivel tempestade. Os relampagos, quasi ininterruptos, dardejavam pelas frestas e por baixo das portas uma luz branca, sinistra.

Os trovões semelhavam, por vezes, o estrondo que faria a abobada celeste ruindo em estilhaços sobre os tectos das casas, e em meio d'esse tremendo cataclismo, ouviam-se as vozes confusas da natureza agonizante: gemidos de moribundos, uivos de monstros longinquos, silvos de serpentes : todo o horror dos sons que, em noites funestas, sáhem dos antros do inferno.

N'essa horrivel noite, em que não obstante, e segundo o meu costume, eu me sentara para ler o *Diario Popular*, e em que Colombina, tambem segundo o seu costume, se aninhara irreverentemente sobre o artigo que eu me propunha ler,—sem reflectir, enervado, repelli-a brutalmente :

— Safa-te d'aqui !

Mas, logo me arrependi, indignado contra mim mesmo.

Tenho ainda impresso, em minha alma, o olhar que ella me deitou : havia n'elle a expressão d'uma dolorosa surprêza, de exprobação. Depois, vi apagar-se-lhe nos seus bellos olhos como que a luz interior que os animava.

Desceu da mesa, silenciosamente. Chamei-a, com doçura : «Colombina, Colombina !»—mas debalde.

Ao transpôr a porta, ainda se voltou, olhando-me demoradamente. Depois desappareceu.

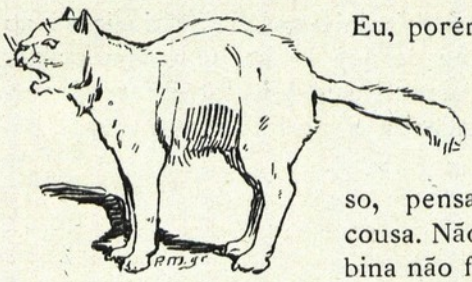
Nunca mais a tornei a ver.

Passados tres dias, Campos irrompeu furioso:

— Não sabe ? vociferou elle, mataram-me a Colombina !

— E quem a matou ? perguntei eu dolorosamente surprehendido.

— Os oleiros. Só elles seriam capazes de o fazer. Como os coelhos são caros, comem todos os gatos da visinhança. Ha tres dias que ella não apparece. Está morta e bem morta. E comtudo, eu tinha dito que se alguem a matasse não me sahiria vivo das mãos ! Pobre Colombina !



Eu, porém, com o coração oppresso pelo remorso, pensava outra cousa. Não, Colombina não fôra assassinada : suicidara-se na noite funesta em que indignamente a repelli. O seu olhar, ao transpor a porta, foi o seu ultimo adeus. Perto, corria o Mondego : foi ahi que ella, offendida em seus brios, e perdida toda a esperança de ventura na terra, se lançou. Desditosa Colombina !

Durante tres dias examinei attentamente a margem do rio, para ver se descobria o vestigio de seus passos, e, effectivamente os descobri, mais accentuados na terra humida, onde ella, para formar o salto mortal, se firmara.

O seu corpo, porém, esse, não appareceu. Queria piedosamente sepultal-o junto d'um arbusto florido, para que, emquanto a sua alma gentil esperasse nas sombras do infinito a hora da sua resurreição para uma nova existencia, purificada pela acção mysteriosa da natureza, desde que logo entrasse na vida geral da creação, constituisse o involucro de mil outros delicados seres.

A onda tranquilla do rio, porém, pouco avara do seu thesouro, a foi levando, nova Ophelia, como n'um berço de espuma, para os abysmos do profundo mar, menos profundo que o seu amor.

Colombina não cumpriu a lei da expiação, porque a sua paixão era mundana, mas, por esse mesmo amor, soffreu dores acérbas, e a dor resgata e redime. Deve, pois, soffrer ainda uma nova existencia, mas sob uma forma superior, a d'uma encantadora mulher.

E quantas vezes, em noites silenciosas de luar, meditando incerto sobre os problemas do universo, eu me fico a pensar se a alma de Lydia, tão mysteriosamente apaixonada, será a da desditosa Colombina !

Ella, uma vez, disse-me :

— «Tenho uma como que consciencia vaga de que já nos amámos n'uma existencia anterior.»

E mais tarde :

— «Tenho quasi a certeza !»

E sem saber porquê, baixou honestamente os olhos, tingiram-se-lhe da côr ardente d'uma rosa as suas faces, brancas de neve.

Tambem as minhas assim se tingiram, ao lembrar-me de que Lydia, por uma pallida visão retrospectiva, poderia talvez recordar-se, embora indecisa e vagamente, das scenas, em que, pela força maior das circumstancias, me vi na necessidade de representar o lamentoso papel de José do Egypto!

12 – XI – 05.

João Penha.

Incoherente

Quando recordo aquelle amor tenaz
Que me inspiraste, sinto palpitar
Em mim, de novo, um coração capaz
De ter esp'ranças e poder amar...

E ha tanto tempo que isto foi, ha tanto!
Que hoje, se te vires ao espelho,
Notarás que perdestes o meigo encanto
Como eu noto que estou hediondo e velho...

Sob a saudade que me enluta, o odio
Vem suscitar-me as ancias mais secretas,
Calmo e cruel como o punhal d'Harmodio
Encoberto n'um ramo de violetas!

Comtudo vê — estupida irrisão!
Pensar em ti é ainda o meu enleio
E não sei se te amava mais então
Do que hoje, conhecendo que te odeio!

Cruz Andrade.

LIVRO DE HORAS
Codice membranaceo em latim com bellas illuminuras

A Bibliotheca Publica do Porto

III

OS MANUSCRIPTOS

Desde 1835 que as pessoas illustradas tiveram noticia da valia e importancia dos manuscriptos que se encontravam n'este estabelecimento, então nascente, e que formavam já uma collecção preciosa; «salvos, por assim dizer, no meio do estrondo das armas, elles poderam escapar de um total naufragio, á força dos incessantes cuidados que se lhe dedicaram.» Taes são as palavras, vibrantes ainda do abalo passado, com que fixa a situação moral o 2.º bibliothecario da Bibliotheca do Porto, Alexandre Herculano, no introito que antepoz á serie dos artigos que se propuzera redigir ácerca dos manuscriptos recolhidos n'essa publica livraria.

Esses artigos principiaram a publicar-se no n.º 14 do *Repositorio Litterario da Sociedade Litteraria Portuense*, respeitante á quarta-feira 1.º de Maio d'aquelle anno. Encetou tarefa Alexandre Herculano com o Livro de Duarte Barbosa, contendo a sua viagem por todo o oriente portuguez desde o cabo de S. Sebastião até o paiz dos Lequios, o qual fôra publicado pela Academia das Sciencias em 1813; e sua analyse critica é, como sempre, minuciosa e rigorosa.

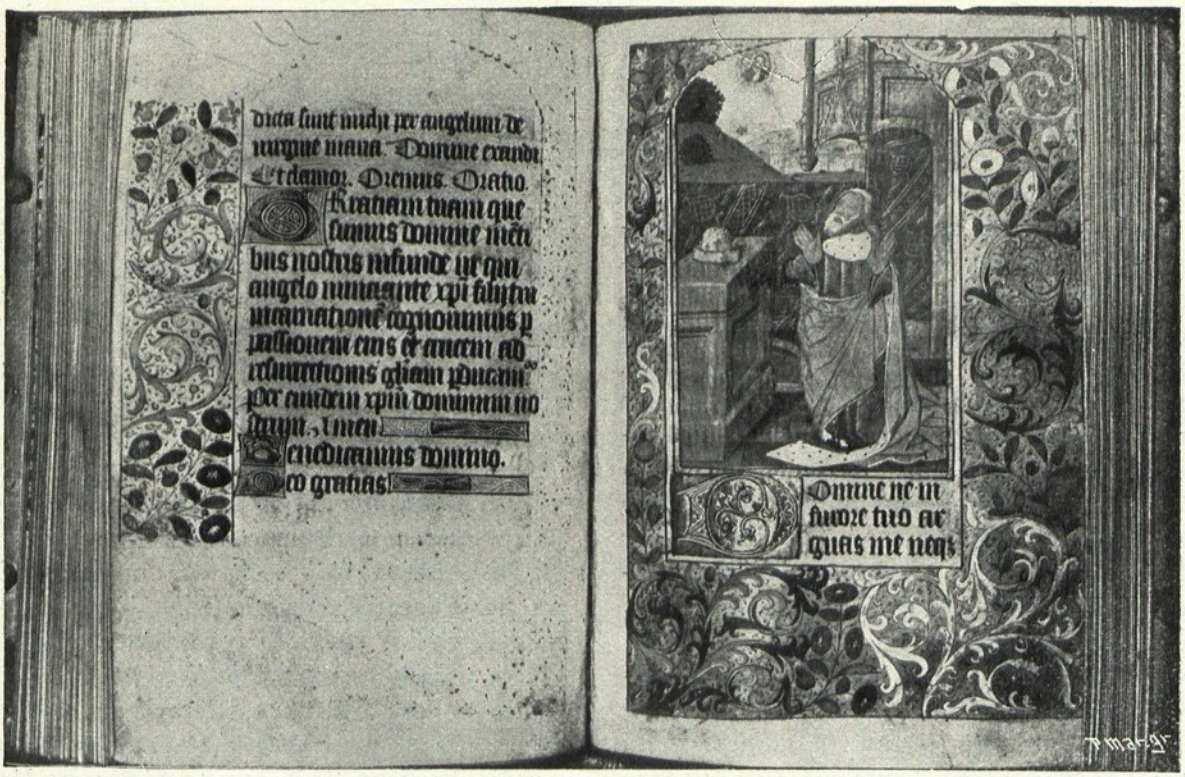
O segundo dos artigos por Alexandre Herculano dedicados aos manuscriptos da Bibliotheca Publica do Porto sahiu no n.º 18 do referido *Repositorio* e trata da chronica d'El-Rei D. Sebastião, existente na livraria portuense, codice em folio contendo 201 folhas. Quem seria o auctor d'este livro?

Não só para a historia litteraria de Portugal mas tambem para saber em que grande estimação devemos têl-o, reputa Alexandre Herculano importante esta questão. E annuncia que dará o resultado de suas indagações, que

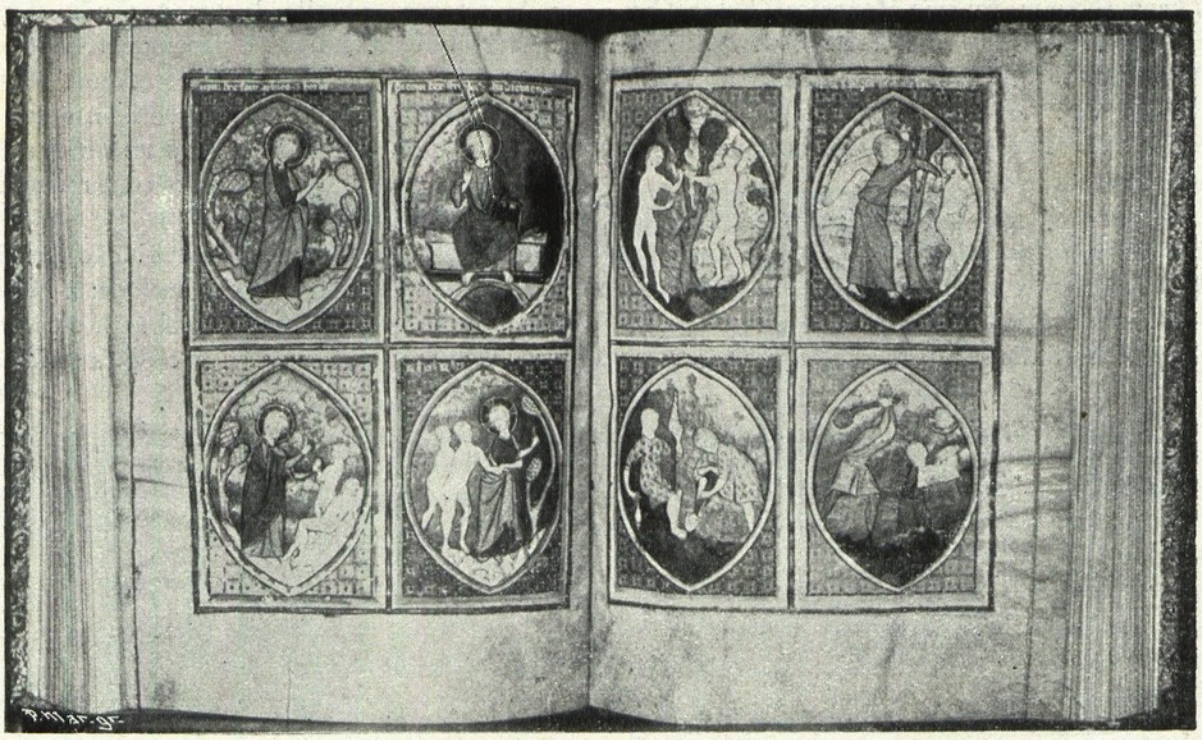
outros mais eruditos do que elle, modestamente convém que poderão, aproveitando-as, levar talvez mais longe. No numero immediato, de 15 de Julho, Alexandre Herculano, proseguiu em seu estudo, concluindo por indicar em frei Bernardo da Cruz mais um escriptor dos que escaparam ás indagações do laborioso Barbosa e que devem entrar em qualquer futura bibliotheca ou historia de litteratura portugueza.

Entrou: no primeiro tomo do *Diccionario Bibliographico*, de Innocencio Francisco da Silva, em sua altura idonea, visto como em Lisboa, em 1837, Alexandre Herculano e o doutor Antonio da Costa Paiva lhe publicaram a *Chronica d'El-Rei D. Sebastião*, por meio do concurso de subscriptores, cuja lista sobe ao numero de seiscentos e tantos, «circumstancia assás notavel entre nós», pessimistamente pondera Innocencio, já em 1858.

Outro erudito inquiridor de nossas gloriosas antiqualhas historicas, um portuense illustre, Diogo Kopke, capitão de artilharia e lente de mathematica na Academia Polytechnica, se deu ao afan de ordenar e dispôr, reconhecer e catalogar os manuscriptos da Bibliotheca do Porto; e de seu labor preparatorio resultaram proveitosas achegas para a historia e geographia nossa geral. Assim, em 1838, publicou Diogo Kopke, n'uma bella edição, adornada de retrato, fac-simile, uma carta geographica e um frontispicio lithographado, o *Roteiro da viagem que em descobrimento da India pelo Cabo da Boa Esperança fez D. Vasco da Gama em 1497; segundo um manuscripto coetaneo, existente na Bibliotheca Publica Portuense;* o *Roteiro* finda a pag. 119; d'ali até o fim do volume seguem-se notas e elucidações do editor. Sua edição é precedida de um erudito prologo, onde se ventilam diversas questões relativas ao assumpto e se expoem os argumentos e conjecturas que induzem a crêr que o auctor d'este escripto fôsse Alvaro Velho, um dos que fôram com D. Vasco da Gama na sua primeira viagem, em descobrimento da India, nada mais se sabendo de suas circumstancias pessoaes e não fazendo Barbosa d'elle menção na sua *Bibliotheca;* todavia, é julgado, consoante ficou dito, com fundamento plausivel, auctor da obra que passados 340 annos se imprimiu no Porto, graças a Diogo Kopke e áquelle doutor Antonio da Costa Paiva, e que, segundo o informe de Innocencio, era em Lisboa mui pouco vulgar. A diligencias ainda do mes-



LIVRO DE HORAS
Codice membranaceo, copia attribuida aos Benedictinos Francezes em 1428
Com figuras illuminadas



L'IMAGE DU MONDE
Codice membranaceo in 4.º com illuminuras

mo benemerito Kopke se deve a publicação d'outro manuscripto importante da Bibliotheca Publica do Porto; refiro-me ao *Tractado breve dos rios da Guiné* etc., de André Alvares d'Almada, com mappa geographico; é certo que este livro tinha sido já publicado por industria do Padre Victorino José da Costa, porém muito transtornado; e, para se aferir de sua valia, bastará consignar que esta obra serviu como um dos fundamentos apresentados por Portugal na questão de Bolama.

A quando da organisação operosa e sabia dos *Portugaliæ Monumenta Historica*, varios dos codices manuscriptos da Bibliotheca Publica Portuense fôram chamados, á consulta, a Lisboa, á Academia Real das Sciencias, como o n.º 125, que contém uma Miscellana referida ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde se encontra uma copia do *Livro de Noa;* como o n.º 41, que é a *Chronica de D. Affonso Henriques*, por Duarte Galvão.

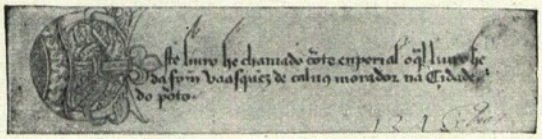
CHRONICA MANUSCRIPTA DE D. AFFONSO HENRIQUES
POR DUARTE GALVÃO
Fol. pergaminho frontispicio e iniciaes illuminadas

Da Academia das Sciencias, em 30 de Maio de 1862, voltou á Bibliotheca Publica do Porto o n.º 103, d'onde Alexandre Herculano tirou, para a *Portugaliæ Monumenta, Scriptores*, vol. 1.º, fasc. 1.º, «Chronicas breves e Memorias avulsas de Santa Cruz de Coimbra», quatro dos Monumentos ahi archivados, promettendo publicar mais algumas das memorias que o codice encerra relativas aos seculos XIV e XV. Tambem para Lisboa fôra o n.º 29, d'onde voltou depois de impressa sua primeira parte (*Vita Beatissimi Domini*

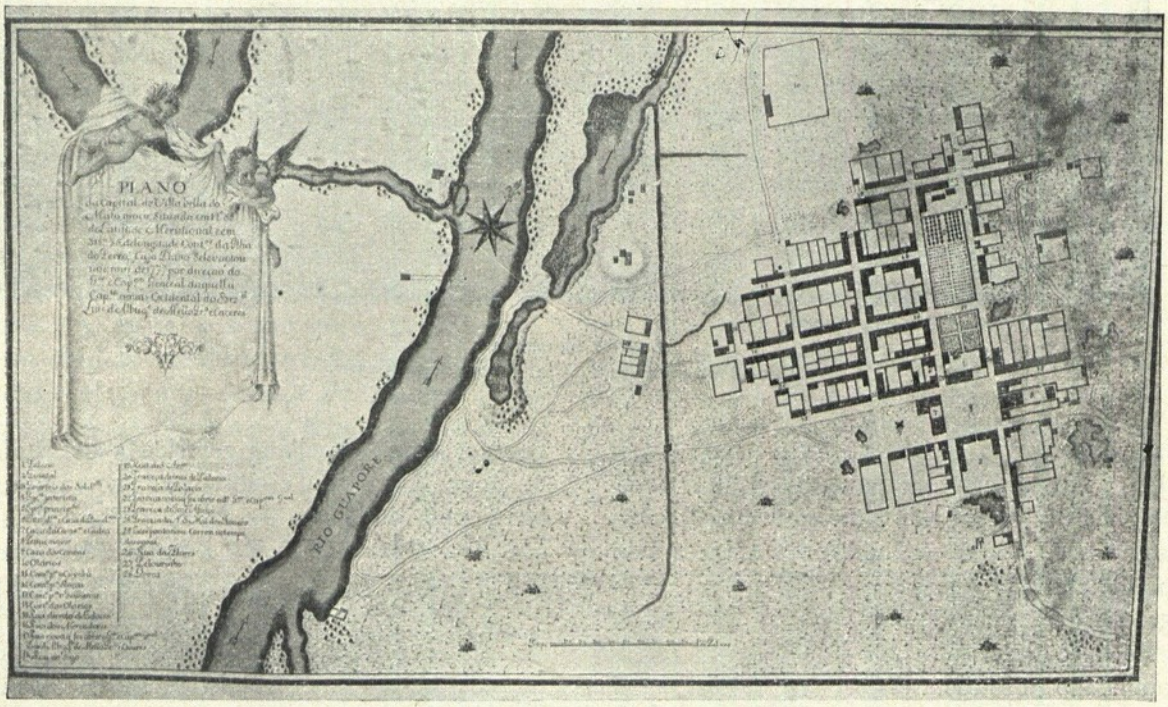
Theotonii primi Prioris Monasterii Sctae. Crucis Colimbricensis) nos mesmos *Portugaliæ Monumenta*, de Alexandre Herculano, *Scriptores*, vol. 1.º, pag. 79-88, e fac-simile do principio d'este manuscripto no começo do referido volume.

Se os opulentos recursos da collecção dos manuscriptos da Bibliotheca Publica do Porto não escaparam á attenção dos eruditos, pelo que concerne aos primordios de nossa existencia politica differenciada, não lograram esquivar-se-lhes, egualmente, no que toca ao periodo da avançada dissolução de um organismo outr'ora concatenado e poderoso. Assim, quando a curiosidade de Camillo Castello-Branco foi attrahida para a epocha da crise que succede á morte de D. João IV, reconhecendo a capital importancia, para a historia dos costumes e para o entendimento das paixões, d'aquelle inestimavel diario de factos interessantes que succederam no reino de 1662 a 1680, até nossos modernos dias, com o titulo sensacional de *Monstruosidades do tempo e da fortuna*, infundadamente attribuido ao benedictino fr. Alexandre da Paixão, tractou de revisar a copia que possuia pelo cotejo com os dois primorosos codices existentes na livraria publica portuense. Adeantada relativamente a impressão, desistiu Camillo Castello-Branco de vulgarisar pela estampa aquelle documento não menos curioso que educativo; e não mais feliz foi em Lisboa o erudito Graça Barreto, que, de sua banda, se empenhara no mesmo afan e que se finou quando estava já quasi a terminar a impressão do volume, a que o editor deu em 1888 publicidade.

E ainda para o apuro da evolução ideativa e esthetica de nossa gente lusitana, a Bibliotheca Publica do Porto comprehende diplomas que cumpre discriminar escrupulosamente; assim, do fasciculo do Indice preparatorio, attinente aos membranaceos, apartemos um só instante o n.º 101. No alto da guarda do principio, por lettra egual á do texto e com vinheta:



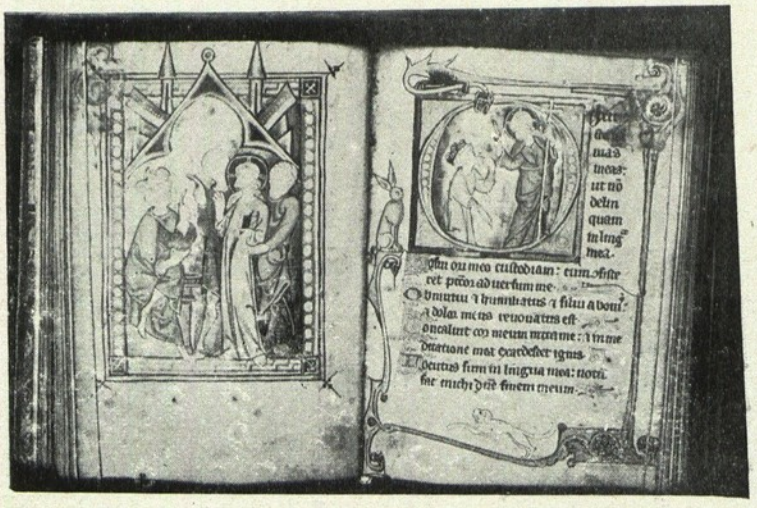
a duas columnas, encadernado em taboa, coberta de carneira, muito usada. Ora, d'essa *Côrte Imperial*, tratando, em a segunda epocha (seculo xv), dos poetas palacianos, e vindo a occupar-se da erudição latinista, o dr. Theophilo Braga, estabelecendo o valor de varios livros caracteristicos, diz que por este se pode



PLANO DA CAPITAL DE VILLA BELLA DO MATTO-GROSSO

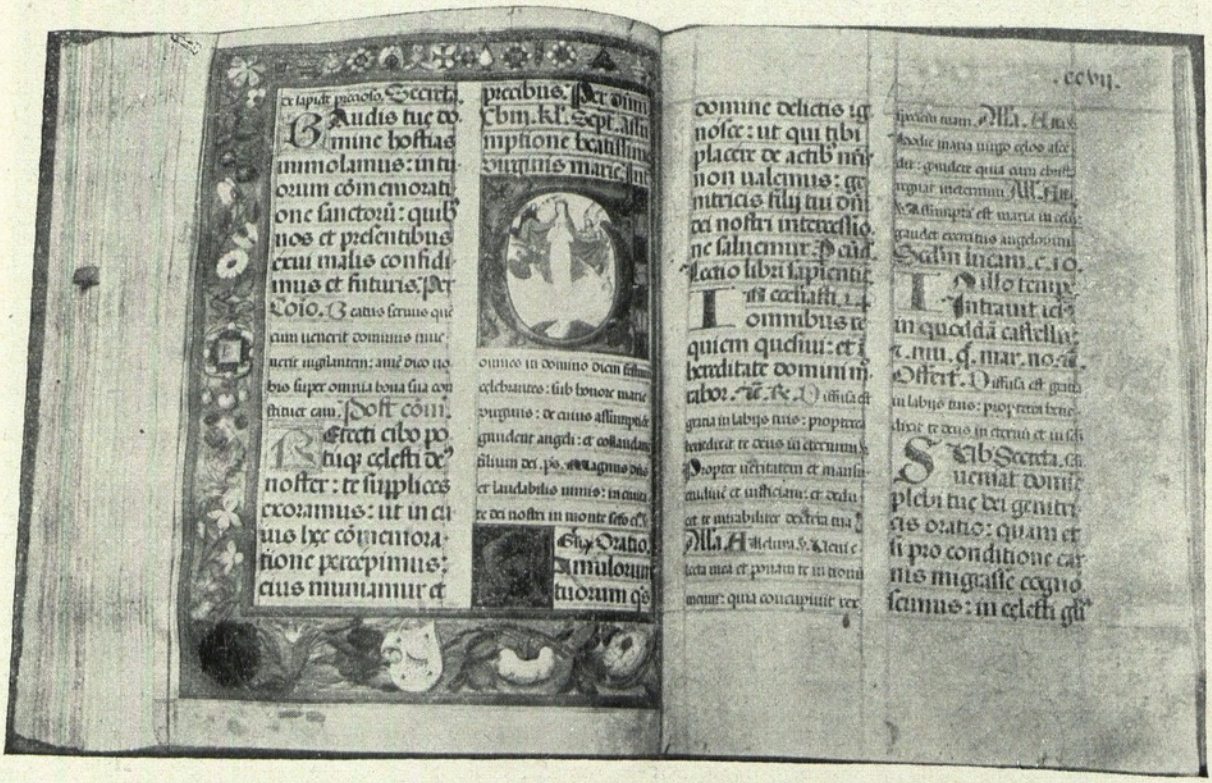
averiguar o estado do conhecimento das obras arabes em Portugal. Elle mereceria um exame especial.

N'este ensaio compete-me, determinadamente, apontar as origens de informação e, de seguro, que n'este ponto o logar primacial cabe ao Indice elaborado pelo erudito fallecido bibliothecario Eduardo Augusto Allen. No segundo fasciculo (mss. chartaceos), sua primeira secção occupam-a os geographicos. O terceiro fasciculo é o dos manuscriptos nobiliarios; d'este ha duas edições, a primeira datada em 1888, a segunda de 1900; em uma e outra apparece, como addenda e corrigenda do facisculo 2.º, seguida de extensas ponderações de Eduardo Allen, uma carta a este endereçada pelo dr. Pereira Caldas, de Braga, na qual novamente se inscreve contra a suggestão de Diogo Kopke, dando Alvaro Velho como o auctor plausivel do *Roteiro* do Gama. N'esta secção dos mss. nobiliarios da Bibliotheca do Porto se guarda aquella *Pedatura Lusitana*, de Christovão Alão de Moraes, obra abundantissima e insubstituivel; a proposito, na materia, é interessante o episodio por Innocencio relatado na verba respectiva.



PSALMOS EM LATIM
Codice Membranaceo com iniciaes illuminadas

Quanto ao 4.º fasciculo *(Mss. «proprie» historicos)*, o organisador doutissimo do cata-



MISSAL FESTIVO DAS SOLEMNIDADES MAIORES EM SANTA CRUZ DE COIMBRA
Fol. gothico, pergaminho, nitidamente illuminado

logo dividiu-o em duas partes, referentes a primeira á historia de Portugal desde a fundação da monarchia até á enthronisação da Casa de Bragança. N'este rol devemos considerar os codices que contêm a Chronica de D. João I, de Fernão Lopes. Por elles se pódem corrigir os innumeros enganos e contrasensos da edição publicada em Lisboa em 1644; na primeira parte a edição publicada transtorna, mesmo, a ordem dos capitulos, de modo que a sequencia narrativa parte-se e a certa altura, não ligando, o texto torna-se inintelligivel. Ha até um capitulo inteiro que falta na edição publicada, do que resta aliás indicio no indice. Os codices da Bibliotheca do Porto são formosissimos e credores se antolham da attenção dos estudiosos. Na parte segunda, attinente agora á dynastia de Bragança, destacarei os dois volumes, 4.º gr., da *Anti-Catastrophe;* tal importantissima «historia verdadeira da vida e dos successos d'el-rei D. Affonso VI, escripta por um official das tropas de Portugal, que o acompanhou na sua fortuna e na sua desgraça», do hespanhol para portuguez, foi publicada em 1845 no Porto por Camillo Aureliano da Silva e Souza, por manuscripto que possuia e que comparou com o mss. hespanhol que obteve da Bibliotheca Publica de Lisboa, e outro do dezembargador Norton, não sabendo o collector do Indice do Porto se viu o exemplar da livraria portuense, ou o precedente, incompleto, que tem parte do texto original hespanhol e foi, pelas razões allegadas a respeito d'outros, da Livraria Balsemão. A parte terceira dedica-se á chronologia e historia geral. N'esta zona da historia extrangeira, notaremos a *Fastigimia*, de Thomé Pinheiro da Veiga, obra curiosa por mais de um titulo; ainda ultimamente, a quando do centenario quixotino, um illustradissimo escriptor hespanhol, n'uma serie de valiosos artigos insertos nas columnas de *La Illustracion Española y Americana*, de Madrid, tratava de, a golpes de argucia, erudição e engenho, resolver um problema extravagante, qual o do Quixote antes do Quixote, a que uma copia do livro de Veiga em Londres, no Museu Britannico vista pelo insigne arabista e philologo, litterato e critico, Pascual de Gayangos, lhe dera margem, suscitando-lhe o interesse e incitando-lhe a perspicacia.

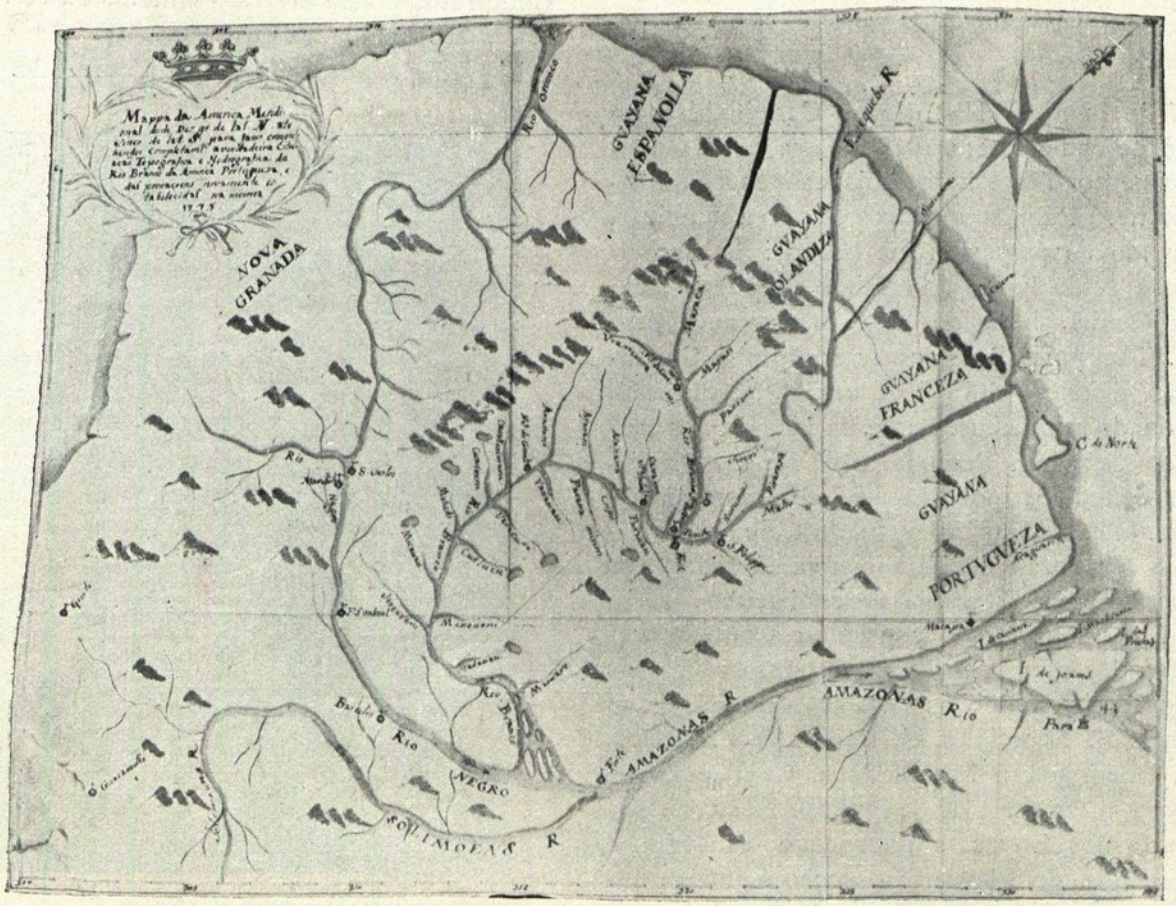
MISSAL FESTIVO

Fol. pergaminho, com illuminuras — Seculo XVI

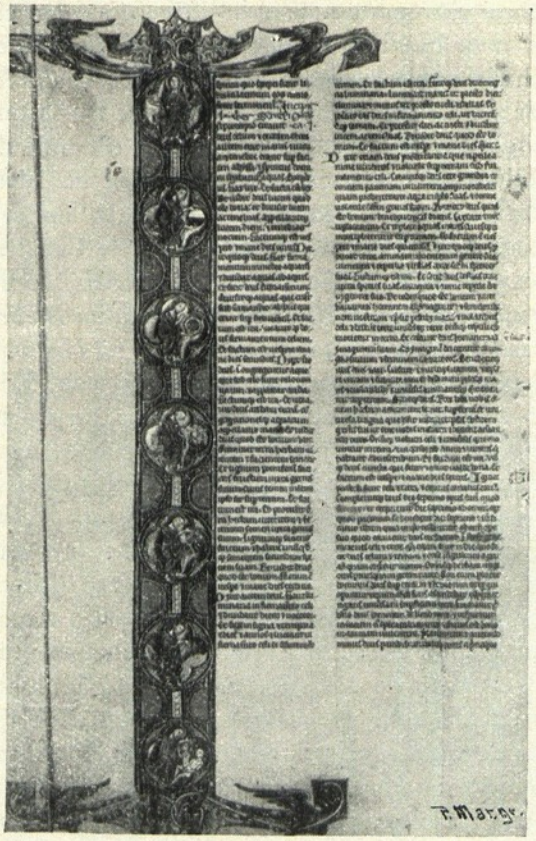
Temos no 5.º fasciculo registrados os ma-

nuscriptos militares; esta collecção, quasi toda reunida pelo 1.º Visconde de Balsemão, fazia parte das obras que haviam sido confiscadas em 1832, quando as familias realistas retiraram do Porto, conjunctamente com o resto da sua livraria. Como, porém, esses sequestros, depois da terminação da guerra civil, ficaram sem effeito, foi-lhe restituido, consoante já aqui se disse, pela Camara Municipal do Porto o valor dos mesmos livros, tanto impressos como manuscriptos. Os n.os 551, 551 A e 551 B contêm um diario dos successos da guerra do Roussillon, escripto pelo tenente-coronel do regimento de Cascaes, Antonio José de Miranda Henriques; e o fasciculo do Indice completa-se com uma nota apropriada pelo mallogrado poeta e romancista historico portuense Alfredo Alves.

O 6.º fasciculo comprehende a litteratura: primeiramente, a didactica; depois, a amena ou inventiva, poesia (com alguma prosa occasionalmente) e prosa (exclusivamente). Aqui, com motivo da 1.ª e 2.ª parte da *Chronica de Belliandro, imperador da Grecia, e dos principes Bellifloro e D. Belindo de Portugal*, quiz a extrema bondade de Eduardo Allen citar meu humilde nôme; elle crê, com effeito, achado um exemplar do livro *Dom Belindo*, por D. Leonor Coutinho, filha de Ruy Lourenço de Tavora, que casou com o conde da Vidigueira em 1606 e 1.º marquez de Niza. D'este manuscripto falla Gayangos, no seu «Catalogo razonado de los libros de Caballerias», (edição Ribadeneyra do *Amadis)* como mencionado por Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana;* e tambem se dizia na *Historia Genealogica da Casa Real*, vol. x, pag. 565; os codices da Bibliotheca Publica do Porto provêm do legado, em 1877, do Conde de Azevedo, com que se desgostou Camillo Castello-Branco, que nos *Narcoticos* moteja d'esse destino. Tambem do legado de 1877 proveio para a Bibliotheca Publica do Porto o livro completo das obras poeticas do dr. José Anastacio da Cunha; elle traz no principio uma advertencia de João Baptista Vieira Godinho, assignada com as iniciaes, mas que depois o Conde de Azevedo interpretou, lançando por extenso o nôme. É o codice cuja perda menciona Innocencio; outrosim a *Revista Trimen-*



MAPPA DA AMERICA MERIDIONAL



BIBLIA SACRA
Copia nitidissima do seculo XIII

sal do Instituto Historico e Geographico, do Rio de Janeiro, em 1845, fallara no desapparecimento d'este livro, cuja existencia na Bibliotheca Publica do Porto eu vim a significar, quando de passagem me occupei do maravilhoso genio lyrico do mathematico Anastacio da Cunha. Indicada essa minha nota pelo dr. Theophilo Braga ao sr. Rodolpho Guimarães, distincto official de artilharia, que tem tractado proficientemente da historia das mathematicas em Portugal e da biographia dos mathematicos portuguezes, elle, em subsequente estudo no *Instituto*, de Coimbra, registrou a parte de minha iniciativa na divulgação d'estes factos litterarios desconhecidos.

Em um tomo, se consignou a noticia succinta dos manuscriptos monasticos e religiosos (comprehendendo as Ordens monasticas em geral, S. Agostinho, S. Bento, S. Francisco, S. Domingos, a Inquisição, a Companhia de Jesus, o Oratorio de S. Philippe Nery, a Confraria dos Loyos, a Irmandade do Terço e Caridade, do Porto). Na secção II entram Mitras e Cabidos, Capellas e Padroados, e as Missões. A secção III consta da Universidade. Seguem-se as obras respeitantes á Historia Sacra ou Ecclesiastica, á Theologia, Litteratura Sacra ou Religiosa, e Sermões (propriamente ditos). Egualmente o 7.º fasciculo, que se encerra com verbas supplementares do legado do Conde de Azevedo.

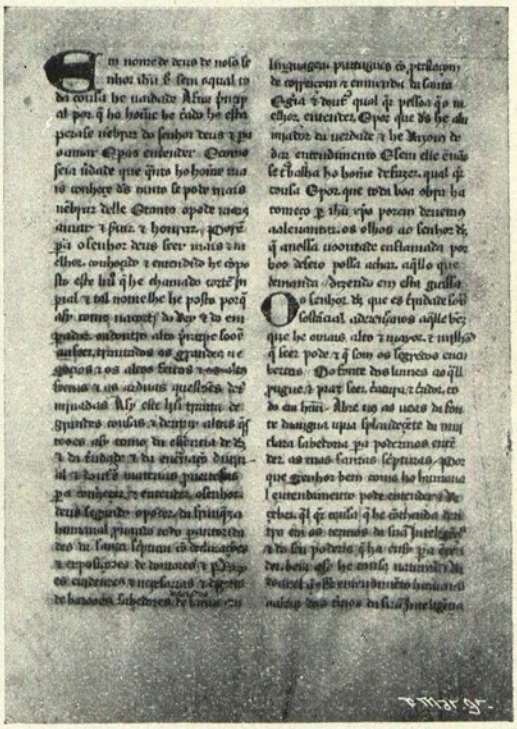
O 8.º fasciculo inclue os manuscriptos juridicos, tanto canonicos como civis e politicos; elle abre com a *Historia do Direito Canonico em Portugal*, 1791, pelo dr. José Manuel Ribeiro Vieira de Castro.

Eis-nos, 9.º fasciculo, em plena Philosophia; porém a collecção não tem importancia, são apontamentos de aula e dissertações que caducaram.

O 10.º — e ultimo — fasciculo é dedicado aos manuscriptos scientificos e industriaes (astronomicos e astrologicos, geographicos, medicos, pharmaceuticos, veterinarios, agricolas, botanicos, metallurgicos, industriaes e de commercio).

Depois vem ainda um appenso, para variedades, polygraphia e bibliographia. Porém, o notando n'este fasciculo outro appenso é, que assignala a collecção manuscripta, na livraria publica portuense existente, de Estatutos ou Compromissos de diversos Officios ou Mesteres, e de Irmandades ou Confrarias.

Especifiquemos, de passagem, correndo.

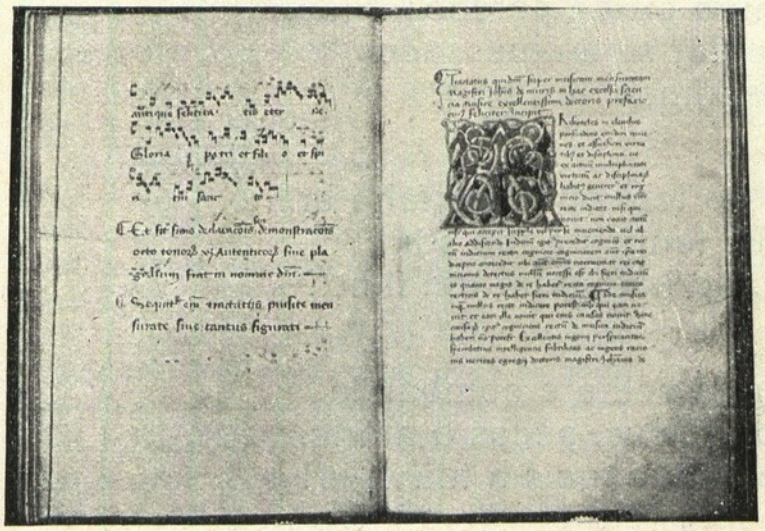


CÔRTE IMPERIAL
Fol. pergaminho gothico — Seculo XV

Do officio de carpinteiro, por exemplo, existem na Bibliotheca do Porto, n'esta secção dos manuscriptos, os Estatutos e Compromisso, no anno de 1691; bem assim o compromisso de 1785, sendo juiz Manuel de Araujo; ainda o regimento do officio de carpinteiro dos jogos de carruagens da cidade do Porto e seu termo, de 1820, «sendo presente o Regimento do mesmo officio da côrte e cidade de Lisboa». De pedreiros e taipeiros da cidade de Lisboa e sua comarca, alli existe o respectivo Regimento, e estatutos da confraria da gloriosa virgem e martyr Santa Luzia, sua protectora, collocados na Sé Cathedral da mesma cidade.

Essa collecção de Estatutos e Compromissos, Regimentos e Estatutos, comprehende, entre outros, ourives d'ouro e cravação (1822, 1691, 1634), dos ourives de prata (1746), tendo tambem o Regimento para os ensaiadores dos officiaes dos ourives do ouro e da prata; dos cruzeiros (ou canteiros), 1806; dos ferreiros, serralheiros e anzoleiros, feitos no anno de 1593 e addidos, declarados e ampliados em differentes epochas; dos espingardeiros (1788) dos officiaes de folha de Flandres, dos caldeireiros (1775), dos botoeiros (1742), dos pintores e douradores, á excepção dos Mestres Painelistas, por pertencerem a diversa Arte, dos azuladores e apavonadores (1674), dos sapateiros, surradores e tamanqueiros, na irmandade administradora do hospital dos palmeiros, sito na Ponte de S. Domingos *(Mui contrangidos pela obrigação que temos aos bemaventurados Santos Chrispim e Chrispiniano, a cuja honra fizemos este Estatuto)*, do officio intitulado de tamanqueiros, emquanto annexo á confraria de S. José e S. Braz, «extrahido de uma certidão... de uma sentença obtida pelos sapateiros contra os tamanqueiros, a qual se acha no cartorio de S. Chrispim d'esta cidade» (1786), dos picheleiros (1790), dos selleiros (1708), dos torcedôres de retroz, feito em 1759 e addido em 1816, dos cordoeiros (1746), dos sirgueiros (1815), dos tanoeiros (1621), dos cerieiros (1717), dos esteireiros (1751), dos fuzeiros (1802), dos sombreireiros (1804), dos corrieiros (1622), dos torneiros e polieiros (1783) («Os officios de torneiro e polieiro são encabeçados com os de carpinteiro, enxamblador, esculptor, violeiro e caixeiro — fabricante de caixas — na confraria de S. José e S. Braz, erecta no convento de S. Francisco d'esta cidade...»), dos barbeiros (1816), dos Professores das Artes de Ferrar e Alveitaria (1737), dos officiaes de pastelleiro, emfim, que de si mesmos dizem que, estando todos juntos em capitulo com o juiz Luiz da Costa Barros e o escrivão João Ribeiro, concederam se applicassem todas as condemnações para Nossa Senhora do Desterro, «que é a devoção que temos, e damos o andor da mesma Senhora em dia de *Corpus Christi*» (1683).

Dos codices manuscriptos da Bibliotheca Publica do Porto, restaria a considerar um aspecto, que não foi aqui frisado ainda, e esse é o artistico, como logo para o n.º 1, d'entrada do Indice Preparatorio (manuscriptos membranaceos, com illuminuras ou sem ellas). Este *(Testamentum vetus*, de Sancta Cruz de Coimbra, mesmo n.º 1 do seu Catalogo) apresenta as letras iniciaes, cubitaes e semicubitaes, formando tarjas ou inclusas em tarjas, lavores *apaquifados*, com mistura de animaes phantasticos, lettras tambem onciaes; na guarda do principio, em lettras ornadissimas: *Incipit Prologus Beati Hieronomi Presbiteri inquinque Libros Moisi;* no fim ha sete folhas a maior, tendo cada uma cinco columnas pintadas a côres diversas, pousando um baseamento tambem colorido e ornado e coroadas por uma especie de architrave com arabescos, assente em arcos mouriscos, contendo cada um uma figura symbolica (dos quatro Evangelistas), ficando entre as ditas columnas quatro espa-



JOANNES DE MURIS — TRATADO DE MUSICA
Seculo XV

ços vasios (em branco), provavelmente — julga-o o Indice Preparatorio — destinados para se escrever um Indice ou «Concordancia». As pastas de encadernação d'este codice, como de quasi todos os de Santa Cruz, são de taboa, cobertas por fóra, de couro. O sr. Robinson, do Museu de Kensington, visitando a Bibliotheca em 1866, admirou as illuminuras, ficando de as mandar copiar em photographia, o que não realisou, talvez porque pouco tempo depois deixou de fazer parte do pessoal do dito Museu.

Afóra uns catalogos impressos geraes, a Bibliotheca publica do Porto possue tambem publicados alguns catalogos especiaes,como sejam o de sua Camoneana e o de sua Camilliana, bem assim os catalogos de Philosophia, Mathematica, o *De Re Militari*, o concernente á Marinha e Ultramar, o de theses e dissertações medico-cirurgicas, o de jornaes (do Porto), emfim, o de geographia.

Ora, em um appendice d'este se consigna que, além das obras e mappas referidos nas laudas a esse appendice anteriores, possue mais a Bibliotheca umas cinco pastas, que todas contem um certo numero de mappas e alguns muito curiosos.

Tanto na segunda como na terceira pasta se encontram mappas manuscriptos e desenhos. O catalogo enumeradamente os especifica, notando aquelles dos mappas que são impressos.

J. Pereira de Sampaio (Bruno).

SONETO

Fui leal para ti, fui dedicado,
só me pagaste com ingratidão!
Que esse crime d'amor seja vingado
e nunca possas ter consolação.

Que não encontres para o teu peccado
palavras de ternura ou de perdão;
com lagrimas de dôr seja amassado
e comido com lagrimas, teu pão!

Se amares, que ao teu amor lhe falte brilho,
e, se casares, que tenhas a má sorte
de não ser mãe, de não gerar um filho!

E quando emfim já velha e combalida
peças descanço a Deus, peças a morte,
— que Deus prolongue mais a tua vida!

1905 — Coimbra.

Ladislau Patricio.

CAPITULO XXIII

A resposta de Benita

— A resposta, Benita! — disse Roberto em ar de sonho, porque sonho se lhe afigurava isto tudo.

— Não a dei eu já ha mezes? Ah! bem me recordo! no meu coração estava ella, não em meus labios, quando aquella terrivel pancada me prostou! Depois constou-me o que tinha feito e estive a pique de morrer! O meu desejo era morrer para que nos reunissemos, mas não foi possivel, que não m'o consentiu a minha saude. Percebo agora o porque. Ambos nós estavamos com vida, ao que vejo, e succeda o que succeder, eis a minha resposta, se algum valor lhe dá ainda. Uma vez por todas, quero-lhe muito. Não me envergonho de o declarar, porque d'aqui a pouco é possivel que pela ultima vez fiquemos separados. Mas agora não se trata d'isso. Foi para salvar meu pae que vim aqui ter.

— Onde está elle, Benita?

— A's portas da morte, n'uma caverna alem, no cimo da fortaleza. De lá desci por um caminho secreto. Os matabeles ainda estão por aqui?

— Se estão! — redarguiu ella — Mas ha novidade. O meu guarda acordou ha cousa de uma hora para me informar que viera um emissario do rei Lobengula, e estão agora conferenciando sobre a mensagem. Foi por isso que Benita conseguiu escoar-se até aqui, aliás as sentinelas tel-a-hiam azagaiado, sucia de selvagens!

Puxou-a a si, e pela primeira vez lhe deu um beijo apaixonado; depois, como envergonhado, deixou-a afastar-se.

— Tem alguma cousa de comer? — perguntou ella — Eu cá... eu cá... estou a morrer de fome. Até aqui não dei por isso, mas agora...

— A morrer de fome? A Benita? e eu... Olhe! aqui está uma porção de carne fresca que eu não pude levar a noite passada, e que puz de parte para os cafres. Valha-me Deus! ter eu de alimental-a com os sobejos dos cafres! Mas a carne é boa... Coma, coma.

Benita agarrou com os dedos no pedaço de carne, e enguliu-o com avidez; ha que dias que ella se nutria apenas com uma pouca de bolacha e um tudo nada de carne secca. Soube-lhe deliciosamente; parecia-lhe que jamais comera iguaria tão gostosa. E entrementes elle contemplava-a com os olhos brilhantes.

Como tem animo de me olhar assim? — disse ella afinal — Eu devo estar horrenda; tenho passado a vida ás escuras e a arrastar-me pelo lodo. Até pizei um jacaré!

E disse isto com um arrepio

— Como quer que esteja, eu nunca desejo vel-a differente — redarguiu elle lentamente — Para mim, nenhuma existe mais bella.

Ainda n'essa conjunctura, apezar da situação, a pobre Benita córou de pejo; orvalharam-se-lhe os olhos que ergueu, dizendo:

— Obrigada. Agora já não me importa com o que me acontece, e o que aconteceu lá vae. O que importa é saber se nos poderemos escapar.

— Isso é que eu não sei — respondeu elle — mas duvido. Deixe-se ficar sentada na almofada do carro uns instantes, emquanto eu me visto, e veremos o que se pode fazer.

Benita assim fez. O nevoeiro ia-se dissipando, e atravez d'elle deparou-se-lhe um espectaculo que lhe abateu o animo. Entre ella e o monte Bambatse jorravam matabeles para o acampamento á beira do rio. Tinham pois as communicações cortadas. D'ahi a momentos Roberto acercou-se, e ella fitou-o com olhares anciosos, á claridade crescente da madrugada. Elle parecia mais velho de que por occasião do seu apartamento no *Zanzibar;* e mudado tambem, porque a physionomia era mais grave, e usava agora a barba crescida; alem d'isso, coxeava um pouco.

— Receio muito que chegassemos á ultima extremidade — disse ella, apontando para os matabeles.

— Com effeito, tambem me parece. Mas direi como Benita disse ha pouco: que nos importa agora? — e pegou-lhe na mão, acrescentando — Gozemos da nossa felicidade emquanto podermos, embora seja por poucos minutos. Não tarda que elles estejam comnosco.

— Mas que faz aqui, Roberto? — perguntou ella — E' prisioneiro?

— Exacto. Andava na sua piugada quando elles me capturaram; porque já aqui tinha entrado e sabia o caminho. Iam dar cabo de mim, conforme o seu costume, vae senão quando ocorreu a um d'elles mais intelligente do que os outros, que eu, sendo branco, talvez fosse capaz de lhes ensinar como poderiam levar a praça de assalto. Ora eu tinha a certeza que Benita estava alli; tinha-a visto em pé n'aquella cupula, embora elles julgassem que era o espirito de Bambatse. Por conseguinte não tinha grande vontade de os auxiliar, por isso que... bem sabe o que succede quando os matabeles assaltam qualquer logar! Mas, como Benita ainda vivia, tambem não tinha grande vontade de morrer. Por conseguinte instiguei-os a que, com as suas azagaias e outras ferramentas afiadas, tratassem de abrir um buraco no granito. Já furaram seis metros e meio, e calculo que não lhes faltam menos de uns quarenta e cinco a cincoenta. A noite passada estavam já cansadissimos com a obra do tunnel e de novo falaram em me mandar d'este para melhor, caso eu não lhes ensinasse algum plano mais pratico. Agora andam todos em polvorosa, e não sei o que está para acontecer. Olá! lá veem elles! Esconda-se no carro depressa!

Benita obedeceu. Ao abrigo do toldo onde não podia ser vista pelos matabeles, foi espreitando e prestando ouvidos. O grupo que se aproximava compunha-se de um chefe e de uns vinte homens, que marchavam atraz d'elle como uma escolta. Benita conheceu o chefe. Era Maduna, o capitão de sangue regio cuja vida ella havia salvado. A seu lado vinha um Zulu do Natal, carreteiro de Roberto Seymour, o qual falava inglez e servia de intreprete.

— Branco — disse Maduna — chegou-nos recado do nosso rei. Lobengula vae empenhar uma grande guerra e precisa de nós. Ordena-nos que deixemos esta reles peleja, esta lucta contra cobardes que se escondem atraz das muralhas, os quaes teriamos exterminado um por um, com certeza, se aqui nos demorassemos até envelhecer. Por conseguinte, d'esta vez deixamol-os em paz.

Roberto respondeu com toda a compostura que estimava muito isso, e que lhes desejava uma feliz jornada.

— Feliz jornada, deseja tu antes para ti, branco — responderam-lhe com rudeza.

— Ora essa! Quereis então que vos acompanhe á presença de Lobengula?

— Não! Onde tu tens que ir na nossa deanteira é ao Kraal d'esse rei negro que é maior ainda que o filho de Moseli-Katse, d'esse rei que se chama Morte.

Roberto cruzou os braços e disse simplesmente:

— Continua.

— Branco, prometti-te a vida se acaso nos ensinasses como haviamos de transpôr ou de escalar essas muralhas. Tu porem escarneceste de nós. Pozeste-nos a furar a rocha á lança e a machado, a cavar na pedra como se fôra terra solta, tu que com a sabedoria de tua gente podias ensinar-nos outro meio melhor. Temos pois de voltar deshonrados á presença do nosso rei, visto que não cumprimos as suas ordens, e portanto tu, que de nós zombaste, tens de morrer. Desce d'ahi; queremos matar-te sem barulho, para saber se tu és ou não um valente.

— QUEM FOI QUE VOS DEU A VIDA, A TI E A TEU IRMÃO?

Foi então que, emquanto a mão do seu noivo ia empunhar o revolver que trazia escondido no casaco, Benita, n'um movimento rapido, emergiu do carro e se ergueu ao lado d'elle na almofada.

— Ah! — bradou o chefe — E' a Virgem Branca. Como veiu ella aqui ter? Por arte magica, com certeza. Uma mulher pode lá voar como um passaro?

E todos elles a fitaram estarrecidos.

— Que importa o modo por que vim aqui, chefe Maduna? — respondeu ella em Zulu — Mas o motivo que me trouxe, vou eu dizer-t'o. Foi para evitar que ensopasses a tua azagaia em sangue innocente e afastar da tua cabeça a maldição que por isso n'ella recahiria. Responde-me tu agora. Quem foi que vos deu a vida, a ti e a teu irmão, lá dentro d'aquellas muralhas, quando os makalangas ameaçavam fazer-vos em pedaços, como fazem as hyenas a uma cabra montez? Fui eu, ou quem foi?

— Inkosi-Kaas, mulher chefe — replicou o induna, erguendo a larga lança em tom de saudação — Foste tu, ninguem mais.

— E que me prometteste então, principe Maduna?

— Virgem de alta estirpe, prometti-te a vida e quanto possuisses, se acaso alguma vez cahisses em meu poder.

— E' possivel que um chefe dos Amandebeles, um principe de sangue real, minta como um escravo mashona ou makalanga? Peior ainda! que diga apenas meia verdade, á laia de um chatim que rouba no preço ajustado? — perguntou ella com desprezo — Maduna, não foi uma vida que tu me prometteste, foram duas, duas, com tudo quanto essas duas creaturas possuissem. Pergunta alem a teu irmão, que é testemunha d'estas palavras.

— Deus do Ceu! — murmurou Roberto Seymour, olhando para Benita que se erguia de mão estendida e olhos fuzilantes — Quem diria que uma mulher abatida e quasi inane se abalançaria a jogar por tal forma a vida?

— E' como affirma a filha dos chefes brancos — respondeu o homem para quem ella apellara — Quando nos livrou dos colmilhos d'aquelles perros, tu prometteste-lhe duas vidas, meu irmão, uma em troca da tua, outra em troca da minha.

— Ouvel-o? — proseguiu Benita — Duas vidas me prometteste, e como guarda o promettido um principe de real prosapia? Quando eu e meu velho pae d'ali sahiamos pacificamente, despejou sobre nós as suas azagaias; correu em nossa perseguição. Mas foi o caçador que cahiu na armadilha, não a caça.

— Virgem — respondeu Maduna, com expressão envergonhada — a culpa foi tua, não minha. Se para mim houveras appellado. eu ter-te-hia deixado seguir ávante. Mas vós matastes a minha sentinella, e foi então que começaram a perseguir-vos; antes que eu soubesse quem tu eras, já a minha gente estava fora do alcance da voz.

— Pouco tempo tinha de meu para te pedir misericordia, mas seja assim — disse Benita — Conformo-me com o que dizes, e perdôo-te a offensa. Mas cumpre o teu juramento. Vae-te, e deixa-nos a ambos em paz.

Maduna hesitava todavia.

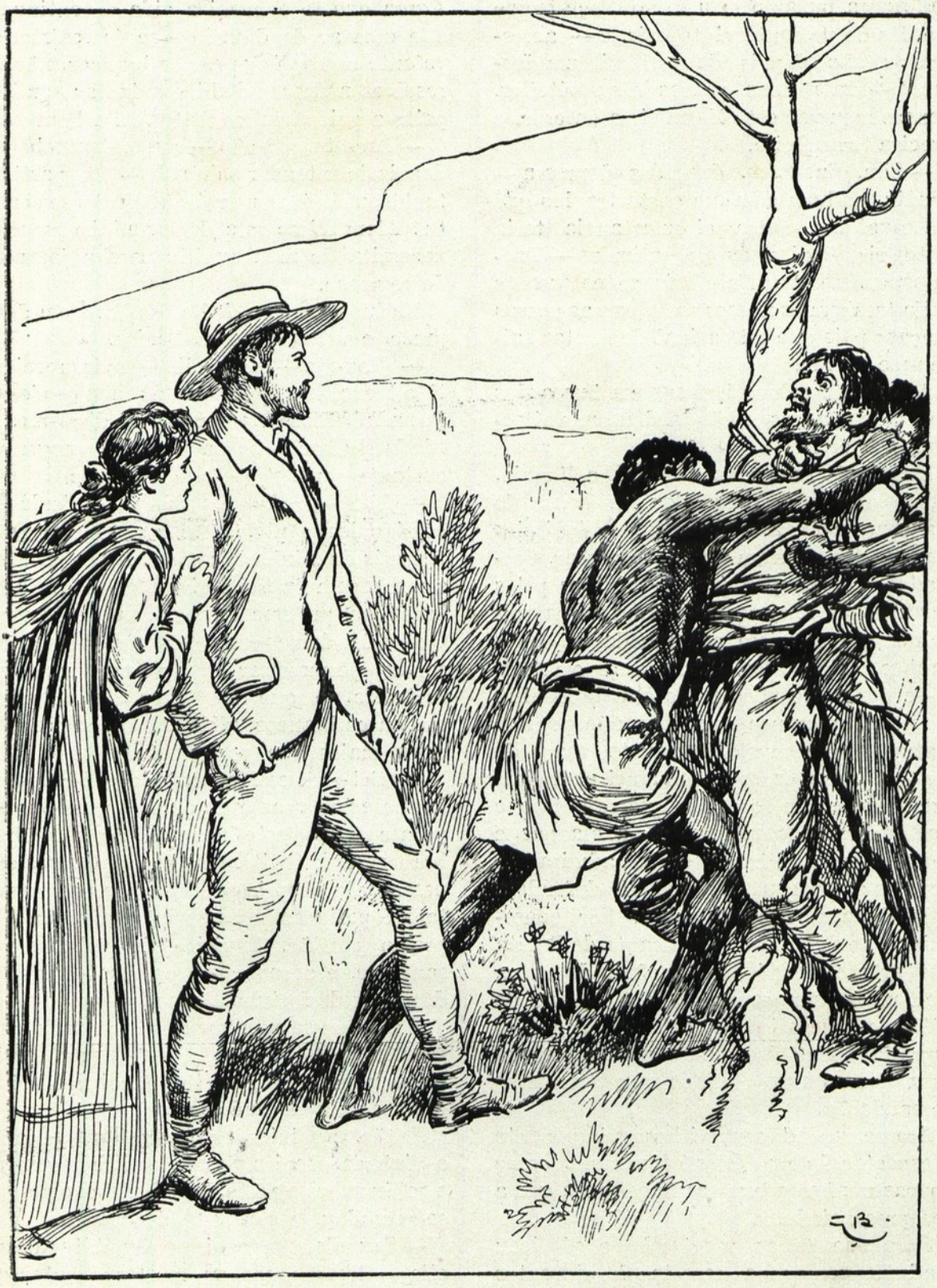
— Tenho de contar tudo ao rei — disse elle — Que vem a ser para ti esse branco, para que eu o poupe? Dou-te a tua vida, a vida de teu pae, mas não a d'este branco que nos logrou. Se elle fosse teu pae, ou teu irmão, era outro caso. Mas não passa de um extranho, e é a mim que elle pertence, não a ti.

— Maduna — interrogou ella — acaso as mulheres como eu se encerram com um extranho no mesmo carro? Este homem é para mim mais do que pae ou irmão. E' meu marido, e tenho direito de reclamar a sua vida.

— Ah! — exclamou o lingua — agora percebemos tudo. Ella é mulher d'elle e sobre elle tem direito. Aliás não estaria dentro do seu carro. E' evidente que ella falla verdade, embora ignoremos como veiu aqui parar, a não ser que seja feiticeira, como cremos — e sorriu á sua propria esperteza.

— Inkosi-Kaas — disse Maduna — convenceste-me. Dou-te a vida d'esse raposo branco, que é teu esposo, e o que desejo é que elle não venha a zombar de ti como zombou de nós, e te ponha a cavar na rocha em vez de cavar na terra — e olhou para Roberto com colera — Dou-t'o, e mais tudo que a elle lhe pertence. E agora, tens alguma cousa a pedir?

— Tenho — redarguiu friamente Benita — Vós possuis uma grande somma de gado



MEYER FOI DESARMADO E AMARRADO A UMA ARVORE

que roubastes aos outros makalangas. Os meus bois comeram-se, e eu preciso de gado para puxar o meu carro. Peço-te que me dês de presente vinte bois, e — acrescentou ella depois de reflectir um instante — mais duas vaccas com vitellos, porque meu pae está lá em cima enfermo e precisa tomar leite.

— Sim, dae-lh'os, dae-lh'os depressa — acudiu Maduna com um gesto tragico que em qualquer outra circumstancia teria feito rir Benita ás gargalhadas — Dae-lh-os, e vêde que sejam bois, antes que nos exija tambem os nossos escudos e as nossas lanças; pois que ella afinal de contas salvou-me a vida.

Afastaram-se uns homens em busca dos bois e das vaccas, e não tardou que voltassem com elles.

Emquanto se passava este colloquio, agrupavam-se os matabeles em ordem de marcha, na terra chã, um pouco á direita d'elles. Começaram logo a passar, formados em companhias, precedidos pelos garotos que levavam as esteiras e as caldeiras e conduziam as manadas e os rebanhos capturados. Entretanto espalhara-se por entre elles a historia de Benita, a feiticeira branca que elles não podiam matar e que mysteriosamente voara do pincaro para o carro do prisioneiro. Sabiam egualmente que fora ella que resgatara o seu general das mãos dos makalangas, e aquelles que a tinham escutado admiravam o sizo e a coragem com que ella defendera e ganhara a propria causa. Por conseguinte, ao desfilarem por deante de Benita que estava de pé na almofada do carro, emquanto iam cantando um hymno de affronta e desafio aos makalangas que os espreitavam do cimo da muralha, ergueram para ella as suas grandes lanças em tom de saudação.

Era na verdade maravilhoso e imponente o espectaculo que elles offereciam, como poucas mulheres brancas haveriam alguma vez presenciado.

Foram-se todos afastando, e só ficou Maduna com uma escolta de duzentos homens. Encaminhou-se para a frente do carro, e dirigiu a palavra a Roberto Seymour.

— Escuta, raposo que nos forçaste a cavar em granito — disse elle com indignação — D'esta feita enganaste-nos, mas se torno a encontrar-te, és um homem morto. Agora que te concedi a vida — continuou elle com ar de desafio — se és realmente valente como dizem ser os brancos, não te resolves a descer d'ahi e a luctar comigo peito a peito, em combate leal e honroso?

— Decerto que não — respondeu Roberto depois de entender o desafio — Que partido tenho eu contra guerreiro tão valente como tu? Alem d'isso esta dama, minha esposa, necessita do meu auxilio para a jornada de regresso.

Maduna desviou d'elle os olhos com desprezo, e voltou-se para Benita.

— Vou-me — disse elle — nada receies. Não tornarás a topar com matabeles n'essa jornada. Tens algo mais a dizer-me, ó Linda Mulher de bocca unctuosa e engenho cortante como aço?

— Sim — redarguiu Benita — Andaste comigo lealmente, e em recompensa partilharás da minha boa sorte. A teu rei leva a mensagem da Feiticeira Branca de Bambatse, porque essa eu sou e mais ninguem. Que elle deixe esses makalangas, meus servos, permanecer em paz na sua velha fortaleza, e que não erga as azagaias contra os brancos, aliás cahirão sobre elle esses males que vos predisse o molemo.

— Ah! — disse Maduna — agora comprehendo como voaste do cume da montanha para o carro d'este homem. Não és mulher branca, és a Feiticeira de Bambatse, em pessoa. Tu propria o disseste, e com essas taes é perigoso ter guerra. Mulher de supremo condão, Espirito de velhas eras, saudo-te, e agradeço-te os teus presentes de vida e de fortuna. Adeus!

E afastou-se egualmente, á frente da sua escolta, e Roberto e Benita ficaram sósinhos, apenas com os tres serviçaes zulus e a manada de gado.

Então, concluido o seu papel e alcançada a victoria, Benita desabafou em lagrimas e cahiu sobre o peito do noivo. Logo porém se recordou, e soltou-se do abraço.

— Sou de um egoismo ignobil — disse ella — Como posso eu mostrar contentamento se meu pae está morto ou moribundo? Urge que vamos, sem mais tardar.

— Vamos, aonde? — perguntou Roberto, pasmado.

— Ao cimo do monte, d'onde eu venho,

está claro. Ande! não se demore a interrogar-me. Eu lhe contarei pelo caminho. Espera!

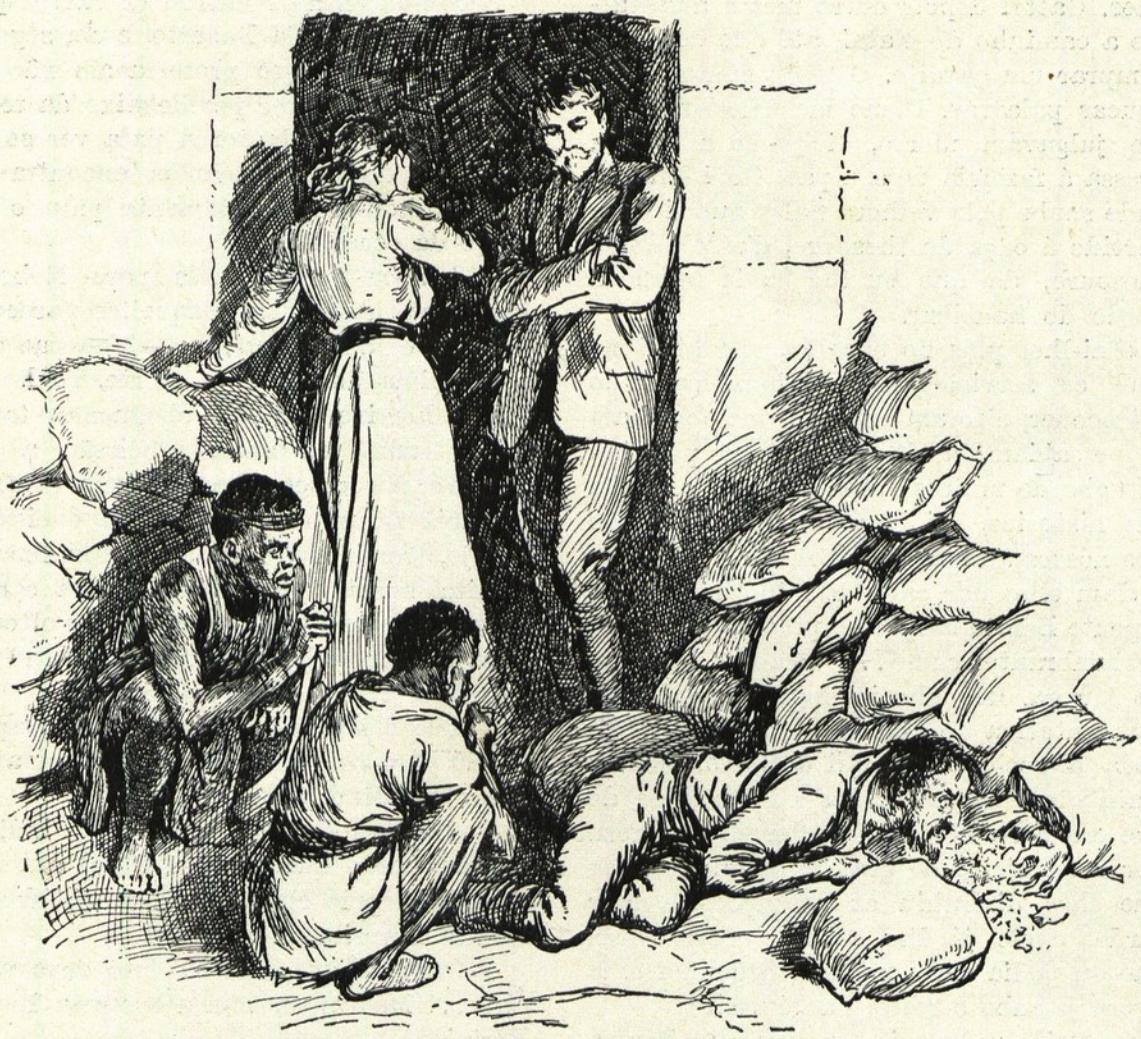
E deu ordem ao conductor zulu que enchesse duas garrafas com o leite que estava a ordenhar.

— Não é melhor bradarmos aos makalangas que nos dêem entrada? — suggeriu Roberto, emquanto Benita embrulhava n'um panno uma porção de carne assada.

— Não, não. Ficarão suppondo que eu sou o que affirmei, a Feiticeira de Bambatse, cuja apparição é presagio de desventuras, e receiarão qualquer armadilha. Alem d'isso, ser-nos-hia impossivel trepar á muralha do cume. Siga-me, e se confia nos seus homens, traga comsigo dois com lanternas. O rapazito pode ficar guardando o gado.

D'ahi a tres minutos, seguidos pelos dois zulus, iam elles andando, ou antes correndo, pelas ribas do Zambeze.

— Porque não anda mais depressa? — perguntou ella com impaciencia — Ah! peço-lhe perdão, Roberto, agora reparo que está coxo. Como é que se aleijou, e como é que está vivo, ao contrario do que todos julgavam, depois do heroismo com que se portou... Sim, sim! que eu bem sei essa parte da sua historia!



— NÃO É MENTIRA! — REPETIU ELLE TIRANDO PARA FORA UMA MANCHEIA, E CHEIRANDO-A

— Por uma razão muito simples, Benita: porque não morri. Quando o tal cafre me tirou o relogio, estava eu sem sentidos, ora ahi está. O sol restituiu-m'os depois. Mais tarde appareceram por alli uns indigenas, boa gente a seu modo, comquanto eu não pescasse palavra do que elles diziam. Fizeram uma padiola de ramos de arvores, e transportaram-me umas poucas de milhas pela terra dentro, até ao seu *Kraal*. Padeci

dores terriveis, porque tinha uma fractura na coxa, mas afinal lá cheguei. Um cirurgião cafre concertou-me a perna lá á sua moda; deixou-a uma pollegada mais curta que a outra, mas antes isso que ficar sem ella.

«N'aquelle sitio me demorei dois mezes inteiros, por não haver um só branco por aquelles contornos, e, ainda quando o houvesse, eu não poder communicar com elles. Gastei depois outro mez a arrastar-me a caminho do Natal, até que consegui comprar um cavallo. O resto conta-se em poucas palavras. Como me constasse que me julgavam morto, dirigi-me a toda a pressa á fazenda de seu pae, Rooi Krantz, onde soube pela velhota Sally que tinham partido á caça do thesouro, d'esse mesmo thesouro, de que eu lhe havia falado a bordo do Zanzibar.

«Fui-lhes pois no encalço, encontrei-me com os serviçaes que tinham mandado retroceder, e foram elles que me contaram o que sabiam da viagem. Até que por fim, ao cabo de muitos trabalhos, como se diz nas historias, fui parar ao acampamento dos nossos amigos matabeles.

«Iam elles dar cabo de mim, quando de repente Benita surgiu no pincaro da rocha, deslumbrante como... como o archanjo da Aurora. Reconheci-a logo, por saber da sua tentativa de evasão e como fôra obrigada a recolher-se aqui de novo. Mas os matabeles ficaram todos convencidos de que era o espirito de Bambatse, que goza por estes sitios de grande fama. Foi isso que lhes distrahiu as attenções, e mais tarde, como já lhe contei, ocorreu-lhes que eu podia ser que fosse engenheiro. E agora já sabe o resto, não é assim?

— Sei — redarguiu suavemente Benita — Agora sei tudo.

Internaram-se então no canavial, e não tiveram remedio senão dar treguas á conversação, visto que só podiam caminhar a um de fila. Até que Benita, erguendo os olhos, viu que estava debaixo do espinheiro que irrompia da fenda da rocha. Com algum trabalho descobriu o mólho de canas, que ella havia curvado para marcar o buraco por onde sahira, e junto d,elle a lanterna. Parecia-lhe que tinham decorrido semanas desde que alli a deixara.

— Agora — disse ella — mande accender as velas, e se vir algum jacaré, atire-lhe.

CAPITULO XXIV

O verdadeiro ouro

— Deixe-me ir na frente — disse Roberto.

— Não — respondeu Benita — Eu já conheço o caminho; mas peço-lhe que esteja á espreita d'esse horrendo bicho.

Ajoelhou então e entrou de rastos pelo buraco, e após ella Roberto, e em seguida os dois zulus, que protestavam não ser formigas para furar por debaixo da terra. Benita ergueu a lanterna para ver se via vestigios do jacaré; não os encontrando, encaminhou-se resolutamente para o começo da escada.

— Avie-se — ciciou ella para Roberto, como se n'um sitio d'aquelles parecesse natural o falar de manso — Meu pae está lá em cima, ás portas da morte. Tenho um medo horrivel de que cheguemos tarde.

Era uma extranha procissão a que trepava por esses interminaveis degraus. Os dois zulus, embora lá fora cheios de arrojo, tremiam alli de medo. Finalmente, Benita surdiu pelo alçapão para o aposento onde estava o thesouro, e voltou-se para ajudar Roberto, cuja manqueira lhe tolhia a agilidade de movimentos.

— Que é isto? — perguntou elle, apontando para os sacos, emquanto esperavam pelos assustadiços zulus.

— Ora! — respondeu ella com indifferença — creio que é ouro. Olhe! ahi está espalhado pelo chão, sobre as pégádas de Benita Ferreira.

— Ouro! Com effeito! Isto deve valer ahi...! Mas quem vem a ser essa Benita Ferreira?

— Depois lhe conto. E' uma creatura que morreu ha dois ou tres seculos; este ouro era d'ella, ou da sua gente, e d'ella são essas pégádas no pó. Ainda não entende, valha-o Deus! Deixe lá essa odiosa riqueza, e siga-me depressa.

Transpozeram a porta que ella de manhã tinha aberto, e subiram a escada que ainda lhes faltava. Benita estava tão cheia de terror que nem sequer percebeu por onde andava. Se o pé do crucifixo tivesse girado sobre si! Se seu pae teria morrido! Se Jacob Meyer teria irrompido para o interior da caverna! Por si já ella não tinha

receio de Jacob Meyer. Graças! tinham chegado! A pesada porta começara a cerrar-se, mas por felicidade a pedra tinha-a mantido ainda aberta.

— Meu pae! meu pae! — gritou ella, precipitando-se para a barraca de campanha.

Não se ouviu resposta. Ella afastou a sanefa, baixou a lanterna e olhou. O velho jazia pallido e immovel, Benita chegara tarde!

— Morto! morto! — gemeu ella.

Roberto ajoelhou a examinar o velho, emquanto ella esperava n'um alvoroço de angustia.

— Devia estar — disse elle lentamente — mas creio que ainda vive, Benita. Ainda lhe sinto o coração. Não diga nada, não perca tempo. Deite uns pingos de genebra n'este leite.

Ella obedeceu, e, emquanto elle segurava na cabeça do velho, despejou-lhe na bocca, com mão tremula, umas gottas da beberagem. A principio entornou-se por fora, depois o doente enguliu-a automaticamente, e os dois perceberam então que elle estava vivo e deram graças a Deus. D'ahi a dez minutos, estava Clifford sentado na cama, fitando n'elle os olhos esgazeiados e pasmados, emquanto os dois zulus, cujos nervos estavam agora quebrantados de todo, contemplavam a pilha de esqueletos e o dominante crucifixo branco, e lamentavam em alta voz terem sido trazidos para a morte entre ossadas e fantasmas.

— E' Jacob Meyer quem faz este barulho? — perguntou Clifford em voz debil — E tu, Benita, onde te demoraste tanto tempo e... e quem é este sujeito que te acompanha? Tenho uma ideia do seu rosto.

— E' o branco que estava no carro, meu pae, um velho amigo que tornou á vida. Robrto, veja se põe cobro ao ganir d'esses cafres. Meu pae, meu pae, entende o que eu digo? Estamos salvos, sim, estamos livres do inferno e soltos das garras da morte.

- Então Jacob Meyer morreu? — perguntou ella.

— Não sei onde elle pára, nem o que lhe succedeu, nem isso me importa, mas não seria mau que o soubessemos. Roberto, alli fóra está um doido. Ordene aos cafres que deitem abaixo aquelle muro, sim? e trate de o apanhar ás mãos.

— Que muro? Que doido? — perguntou elle fitando-a com pasmo.

— E' verdade, nada sabe. Eu lhe explico o que tem a fazer; mas acautele-se, porque elle provavelmente ha de receber-nos a tiro.

— A modo que isso tem seus perigos, não é assim? — perguntou Roberto, desconfiado.

— Tem, mas não ha remedio senão affrontal-os. Não podemos transportar meu pae pelo caminho por onde viemos, e se não tratarmos de lhe dar quanto antes ar e luz, elle morre-nos com certeza. O homem que está lá fora é Jacob Meyer, o socio de meu pae; deve lembrar-se d'elle. Todas estas semanas de fadigas e de pesquizas infructiferas deram-lhe volta aos miolos; queria por força hypnotisar-me e...

— E que mais? Querem ver que a requestava?

Benita acenou affirmativamente, depois continuou:

— Portanto, quando viu que nada conseguia, nem hypnotisar-me nem mais nada, ameaçou matar meu pae, e foi por isso que nos vimos obrigados a esconder-nos n'esta caverna e a entaipar-nos, até que por fortuna eu atinei com a sahida.

— Amavel cavalheiro, o sr. Jacob Meyer. Sempre assim foi! — disse Roberto, subindo-lhe a côr ao rosto — Lembrar-me que Benita poderia estar nas unhas de um patifão d'aquelles! Não importa! Agora, tenho esperanças de ajustar com elle as minhas contas!

— Não lhe faça mal, meu querido Roberto, a não ser que não haja mais remedio. Lembre-se que é um irresponsavel. Ainda outro dia imaginou ver aqui dentro uma alma do outro mundo.

— Pois se não tiver juizo, arrisca-se a vel-as em barda, d'aqui a pouco.

Encaminharam-se para a entrada da caverna, e no meio do maior silencio que lhes foi possivel, começaram a derrubar o muro, destruindo em poucos minutos o que tanto trabalho havia custado. Quando estavam quasi no fim, preveniram-se os zulus de que lá fora havia um inimigo, e de que tinham de ajudar a apanhal-o, sem lhe fazer mal. Elles do melhor grado se dispozeram a isso; para se verem livres d'aquella caverna, eram capazes de arrostar com meia duzia de inimigos.

Aberta uma brecha no muro, Roberto disse a Benita que se afastasse para o lado. Depois, apenas os seus olhos se foram acostumando á luz escassa que alli penetrava, sacou do revolver e acenou aos cafres que o seguissem. Foram de rastos pela passagem, muito vagarosamente, para que a irradição subita do sol os não cegasse, emquanto Benita esperava, de coração palpitante.

Passou-se algum tempo, quanto nem ella mesmo percebeu, até que de repente quebrou o silencio a denotação de uma carabina. Benita não poude conter-se. Precipitou-se pela passagem sinuosa, e logo defronte da entrada distinguiu confusamente os dois brancos rebolando pelo chão, emquanto os cafres, saltando em derredor, espreitavam ensejo de lançar mão de um d'elles. N'esse momento conseguiam elles o seu intento, e Roberto levantou-se, sacudindo o pó das mãos e dos joelhos.

— Um cavalheiro muito amavel, este sr. Jacob Meyer — repetiu elle. — Podia tel-o matado quando estava de costas para mim; mas não o fiz, em attenção ao seu pedido. Depois tropecei, com a perna coxa, elle voltou-se de repente e apontou-me a carabina. Olhe! — e mostrou-lhe a orelha rasgada pela bala — Por fortuna lancei-lhe as unhas antes que elle podesse disparar outro tiro.

Benita não podia encontrar palavras por onde manifestasse a gratidão que lhe transbordava do seio. O que fez apenas foi agarrar na mão de Roberto e beijal-a. Em seguida olhou para Jacob.

Estava extendido de costas, e os alentados zulus prendiam-lhe braços e pernas; tinha os beiços estalados, azues e inchados; o rosto estava quasi negro, mas os olhos reluziam ainda de insania e de odio.

— Bem o conheço — gritou elle para Roberto, em voz rouquenha — E' outro fantasma, o fantasma do que morreu afogado. Se assim não fosse, a minha bala tel-o-hia matado.

— E' exacto, sr. Meyer — respondeu Seymour — Um fantasma é que eu sou. Agora vossês, rapazes, aqui teem uma corda. Atem-lhe as mãos atraz das costas e apalpem-n'o. Ahi n'essa algibeira ha um revolver.

Os zulus obedeceram. Não tardou um momento que Meyer fosse desarmado e amarrado a uma arvore.

— Agua — gemeu elle — Ha que dias que não bebo senão o orvalho que podia chupar nas folhas

Apiedada, Benita correu para o interior da caverna e voltou logo com uma lata cheia de agua. Um dos cafres chegou-a aos labios de Jacob, que bebeu sofregamente. Depois, deixando-lhe de guarda um dos zulus, Benita, Roberto e o outro zulu voltaram á caverna, e com todos os cuidados transportaram para fora Clifford em cima da enxerga, e collocaram-no á sombra de um penhasco, onde elle ficou a abençoal-os em voz fraca, por o trazerem de novo á luz do dia. A' vista do velho, Meyer desabafou outra vez a sua furia.

— Ah! — bradou elle — Tivesse eu dado cabo de ti ha muito tempo, já ella agora seria minha, e não d'esse canalha. Tu é que te metteste de permeio entre nós.

— Olhe lá, ó amigo! — atalhou Roberto — Tudo o mais lhe perdôo, mas, ou doido ou ajuizado, faça favor de não deixar passar-lhe pela bocca o nome de Miss Clifford, aliás entrego-o ás mãos d'estes cafres que o tratarão conforme os seus merecimentos.

Jacob comprehendeu, e calou-se. Deram-lhe mais agua e alguma cousa de comer, da carne que tinham trazido e que elle devorou com avidez.

— Agora está melhor? — perguntou Roberto apenas elle acabou — Ouça então. Tenho uma boa noticia a dar-lhe. Encontrou-se o thesouro que andavam procurando. Vamos dar-lhe metade, um dos carros e uma porção de bois, e pôl-o quanto antes d'aqui para fora. E de futuro, se eu torno a pôr-lhe a vista em cima antes de chegar a terra civilisada, atiro-lhe como se atira a um cão damnado.

— Mente! — disse Meyer com rancor — O que querem é atirar comigo para o sertão, para ser assassinado pelos makalangas ou pelos matabeles.

— Pois bem! — disse Roberto — Desamarrem-no, rapazes, e tragam-no cá. Quero mostrar-lhe se acaso minto.

— Para onde me levam? — perguntou Meyer — Para a caverna, não; não quero lá entrar; está cheia de fantasmas. Se não

fosse o fantasma que eu lá vi dentro, ha muito que tinha deitado o muro abaixo, e tinha dado cabo d'esse velho escorpião mesmo deante dos olhos d'ella. Mas era eu aproximar-me do muro, e ver logo o fantasma a espreitar-me.

— E' a primeira vez, que me consta, que um fantasma serve para alguma cousa — observou Roberto — Tragam-no, andem. Deixe, Benita, sempre quero que elle veja se eu sou mentiroso.

Accenderam-se luzes, e os dois vigorosos zulus arrastaram Jacob, seguindo-os Roberto e Benita. A começo elle barafustou com violencia, depois, ao ver que não podia resistir, lá foi para deante, com os dentes a baterem de terror.

— E' cruel isto — obtemperou Benita.

— Um poucochinho de crueldade não é cousa que lhe faça mal — redarguiu Roberto — Muita lhe sobeja ainda para infligir aos outros. Alem do que, vae alcançar aquillo por que ha tanto anda suspirando.

Conduziram Jacob aos pés do crucifixo, onde o acommetteu uma especie de ataque de nervos, depois empurraram-no pela porta e pela ingreme escada, até que de novo se acharam no cubiculo do thesouro.

— Veja! — disse Roberto, sacando da faca de mato e golpeando um dos sacos de couro, d'onde jorrou no mesmo instante uma torrente de bagos e contas de ouro — E agora, amigo, diga lá que sou mentiroso!

A este portentoso espectaculo, pareceu dissipar-se o terror de Jacob e voltar-lhe o entendimento.

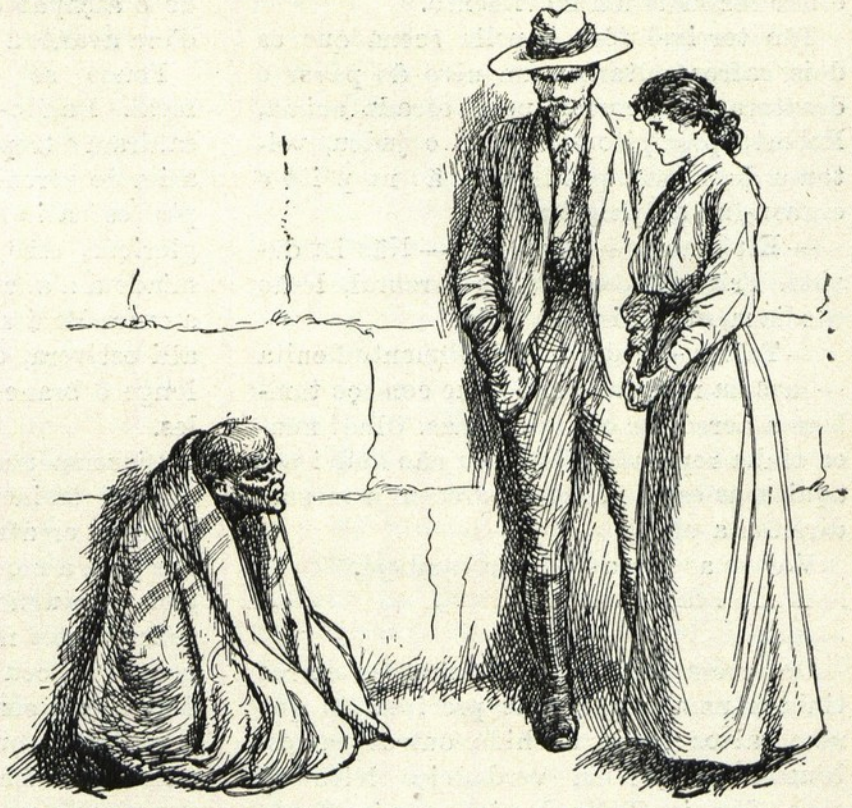
— Admiravel! admiravel — disse elle — sacos e sacos de ouro. Agora sim! que hei de ser rei! Não, não, é tudo sonho, como o resto. Não creio que elle esteja alli. Soltem-me os braços e deixem-me apalpar.

— Desamarrem-no — disse Roberto, assestando ao mesmo tempo o revolver sobre elle — Agora não poderá elle fazer-nos mal.

Os cafres obedeceram, e Jacob, saltando sobre o saco rasgado, mergulhou n'elle as mãos emmagrecidas.

— Não é mentira! — bradou — Não é mentira! — repetiu tirando para fora uma mancheia e cheirando-a — E' ouro, é ouro, é ouro! Centenas de milhares de libras de ouro! Vamos a um ajuste, ó inglez, e prometto não te matar como tinha tenção. Leva a pequena, e dá-me o ouro todo!

E no seu extasi desatou a derramar as bagas brilhantes por cima da cabeça e do corpo.



— NUNCA MAIS SE ERGUERÁ A FEITICEIRA BRANCA SOBRE O PINACULO DA COLUMNA...

— Uma nova versão da lenda de Danae! — ia suggerindo Roberto em voz sarcastica, quando de repente se deteve, ao ver o aspecto de Jacob soffrer uma alteração tremenda.

O rosto assumira-lhe uma côr de cinza, os olhos tinham-se arregalado e esgazeiado, erguera as mãos como para empurrar de cima de si o quer que fosse, tremia-lhe o corpo todo, e arripiavam-se-lhe os cabellos. Recuou lentamente e ter-se-hia despenhado pelo alçapão, se acaso um dos cafres o não desviasse. Foi recuando, recuando, até esbarrar com a parede, e ahi

ficou de pé, talvez durante meio minuto. Levantou a mão, e apontou primeiro para as antigas pégádas, algumas das quaes ainda se destinguiam na poeira do pavimento, e em seguida, pareceu-lhe a elles, para Benita. Agitaram-se-lhe rapidamente os labios, como se ainda estivesse a discutir, a fazer objecções, mas o mais horrendo é que d'elles não sahia o minimo som. Por ultimo, rolaram-lhe os olhos nas orbitas até se verem apenas as alvas, humedeceu-se-lhe o rosto como se por elle houvesse escorrido agua, e, sempre sem soltar sequer um gemido, cahiu de bruços e não fez mais um movimento.

Tão terrivel fôra aquella scena que os dois cafres soltaram um uivo de pavor e desataram a correr pela escada acima. Roberto precipitou-se sobre o judeu, voltou-o de costas, poz-lhe a mão no peito e ergueu-lhe as palpebras.

— Está morto — disse elle — Não ha duvida. Privações, excitação cerebral, lesão cardiaca, eis a historia toda.

— Talvez — redarguiu debilmente Benita — mas na realidade creio que começo tambem a acreditar em fantasmas. Olhe! nunca tinha reparado n'isto; eu não andei por aqui, mas estas pégádas parecem ir mesmo direitas a elle.

Voltou as costas e fugiu tambem.

Decorrera mais uma semana. Os carros tinham uma carga mais preciosa do que raro talvez havia enchido outros carros. N'um d'elles, n'um verdadeiro leito de ouro, dormia Clifford, ainda muito fraco e doente, mas já um pouco melhor e com bastantes probabilidades de restabelecimento, pelo menos temporario. Deviam pôr-se a caminho um pouco depois do romper de alva, e Roberto e Benita já estavam a pé, á espera. Ella tocou-lhe no braço e disse-lhe:

— Venha comigo. Estou com o capricho de visitar ainda estes sitios, pela ultima vez.

Treparam pela encosta acima e depois pelos degraus que Meyer havia entulhado e que já estavam desobstruidos, chegaram á boca da caverna, accenderam os candieiros que tinham trazido comsigo, e entraram. Lá estavam os destroços da barricada que Benita havia construido com desespero, lá estava o altar do crucifixo, erecto, frio e pardacento como permanecera ha talvez tres mil annos. Lá estava a sepultura do velho monge que tinha agora um companheiro, pois que alli jazia tambem Jacob Meyer, com os ossos cobertos pelos residuos que elle proprio desenterrara, na sua ancia louca de riqueza, e além pendia tremendo o Christo da sua cruz. Só haviam d'alli desapparecido os esqueletos dos portuguezes, porque com a ajuda dos cafres tinha-os Roberto removido todos para o aposento vasio do thesouro, fechando o alçapão e tapando a porta, para que d'ora avante alli jazessem em paz.

Pouco se demoraram n'este lugubre local. Dando-lhe para sempre as costas, sahiram e treparam para o cone de granito, afim de verem o sol erguer-se sobre o amplo estuario do Zambeze. Levantava-se glorioso, esse mesmo sol que havia allumiado a alanceada Benita Ferreira, e mais a outra Benita, a ingleza viva, quando esta alli estivera, cheia de desalento, a ver de longe o branco aprisionado pelos matabeles.

Disversa era agora a stuação, e n'essa mesma eminencia, d'onde talvez muitas miseras creaturas haviam sido despenhadas para a morte, d'onde com certeza a virgem portugueza a procurara, esses dois felizes entes não se envergonhavam de dar graças ao ceu pelo jubilo que lhes concedera e por suas esperanças de vida longa e venturosa que juntos vivessem. Para detraz d'elles ficava o terror da caverna, por detraz as nevoas do valle, mas em derredor reverberava scentelhas a luz do sol, e por sobre elles extendia-se o firmamento eterno!

Desceram da columna, e no sopé viram um velho assentado. Era Mambo, o molemo dos Makalangas: logo de longe lhe reconheceram a cabeça de neve e o semblante macilento e ascetico. Ao aproximarem-se, percebeu Benita que seus olhos estavam cerrados, e segredou a Roberto que elle estava dormindo. Elle comtudo sentira-os aproximar-se, e até adivinhara o pensamento d'ella.

— Virgem — disse elle em voz suave — virgem que não tardarás a ser esposa, eu não durmo, embora sonhe comtigo como ha

muito me succede. Que te disse eu logo no primeiro dia em que nos encontrámos? Que para ti eram bons os meus presagios; que escusavas de ter receio, embora a morte pairasse á roda de ti; que n'este mesmo logar tu, que grandes angustias havias soffrido, encontrarias quietação e felicidade. Tu porém, virgem, não quizeste dar credito ás palavras do Munwali, proferidas pelos labios do seu propheta, assim como esse que está a teu lado e que será teu esposo, não me quiz crer em annos passados quando eu lhe predisse que nos tornariamos a encontrar.

— Pae — replicou ella — suppuz que esse repouso seria apenas aquelle que no tumulo encontramos.

— Não me quizeste dar credito — proseguiu elle sem attender ao que ella dizia — e foi por isso que tentaste fugir, e por isso que teu coração se lacerou de terror e de angustia, quando deveria ter esperado pelo desfecho com confiança e em paz.

— Pae, crueis foram minhas provas.

— Virgem, isso sei eu, e porque tão crueis foram, padeceu-as comtigo o Espirito de Bambatse e atravez d'ellas guiou seguramente teus passos. Sim, comtigo andou esse Espirito, de noite e de dia, pela manhã e á tarde. Quem, senão elle, feriu o homem que alem jaz morto de horror e de loucura, quando elle fôra capaz de vergar á sua a tua vontade e de te fazer sua esposa? Quem te revelou o segredo do thesouro, e quaes os passos que te guiaram por aquelles degraus abaixo? Quem foi que te fez passar incolume por entre as sentinellas dos amandebeles, e te deu discernimento e engenho para arrancar ás mãos sangrentas de Maduna a vida de teu esposo? Sim, comtigo sempre andou e comtigo andará sempre. Nunca mais se erguerá a Feiticeira Branca sobre o pinaculo da columna, ao nascer do sol ou á claridade do luar.

— Pae, nunca te comprehendi, nem te comprehendo agora — disse Benita — Que tem comigo esse espirito?

Elle teve um ligeiro sorriso, e respondeu lentamente:

— Isso, não me cumpre a mim dizer-t'o; sabel-o-has um dia, mas não aqui. Quando tu tambem houveres immergido no silencio, então o saberás. Mas affirmo-te que tal não será, emquanto o teu cabello não houver embranquecido como o meu, e outros tantos annos como eu hajas tu de existencia. Ah! pensavas tu que eu te havia desamparado, quando, receiosa pela vida de teu pae, choravas e oravas na escuridão da caverna. Mas tal não era; eu deixava apenas que se cumprisse por si a sentença que eu lera, conforme estava determinado.

Ergueu-se, e, arrimando-se ao cajado, pousou a mão mirrada na cabeça de Benita.

— Virgem — disse elle — nunca mais nos encontraremos na terra. Mas porque a meu povo trouxeste a libertação, por seres meiga, pura e leal, leva comtigo a bençam do Munwali, proferida por boca de seu servo Mambo, o velho molemo de Bambatse. Embora uma vez por outra saibas o que são lagrimas e passes á sombra das desgraças, longos e felizes serão teus dias com aquelle a quem escolheste. Surgirão filhos em derredor de ti, e filhos dos teus filhos, e sobre todos elles recahirá a mesma bençam. E' teu o ouro que vós brancos tanto estimaes, e esse ouro multiplicar-se-ha, para dar alimento aos famintos e abrigo aos que tiritam de frio. Mas dentro do teu coração jaz thesouro mais opulento, que não se pode dissipar, o thesouro inestimavel da misericordia e do amor. No somno e na vigilia, o amor te tomará a mão, para te guiar atravez do antro tenebroso da vida para a eterna mansão de ouro purissimo, que cedo ou tarde será legado áquelles que o procuram.

E com o cajado apontou para o ceu resplendente da manhã, onde nuvemsinhas roseas fluctuavam e se sumiam uma por uma.

Aos olhos ennublados de Roberto e de Benita, assimilhavam-se ellas a archanjos de azas brilhantes, que escancarassem os negros portaes da noite, e annunciassem o sol victorioso, a cujo advento se dissipam o desespero e as trevas.

FIM

A Sympathia

Não houve nunca esculptor
Que do marmore te arrancasse;
Nem pintor,
Que, num relance de genio,
Te retratasse.

Não tens forma... e és quanto ha bello!
Dás o amor sem o ciume,
E com o mago perfume,
Que ha num beijo virginal!

A nada obrigas. Comtudo,
Esse nada... esse ideal...
Domina tudo!

Junho, 906.

Dia de Finados

Para a sciencia não ha,
Hoje Dia de Finados:
A vida não findará.

Porém quantos desgraçados,
Sabios dos mais afamados,
Vão, a occultas, neste dia,
Beijar, sobre a pedra fria,
Os seus mortos adorados!

Monte de Caparica, Torre.
Novembro, 2 — 906

Bulhão Pato.

VILLA FRANCA DO CAMPO

Vista geral — Ilheu e estufas

NAS TERRAS DOS AÇÔRES

A cultura do ananaz

Sólo bemdito, cultivado palmo a palmo pelo braço laborioso dos insulares, bem póde dizer-se que cada uma daquellas nove ilhas do archipelago açôriano é um pomar florido, que se desentranha em fructos.

Terra bemdita, querida pelos ilheus, que a trabalham amoravelmente, desde as rochas que a espuma do mar beija até ás montanhas por onde as nuvens roçam, as lindas terras dos Açôres lembram jardins virentes, que a natureza, num capricho de artista extraordinario, tivesse espalhado ali entre as ondas do Atlantico.

Nos Açôres, a terra é o maior e melhor cuidado do homem; que Deus não mande algum castigo violento, e ella fará encher as arcas de pão, porá risos nos labios e bençãos na bôca de todos os camponezes.

O homem dos campos açôrianos é o typo do homem bom por excellencia:

Raro a sua alma abriga odios, rancores, invejas. Derrubou-lhe o furacão as sementeiras? — Paciencia! Deus não o deixará morrer á mingua! — Produziram mais as terras do visinho? — Que Deus o ajude; e a graça de Deus é grande: a todos tocará o seu quinhão!

Sente-se a gente bem ao atravessar os campos dos Açôres: não ha cabeça

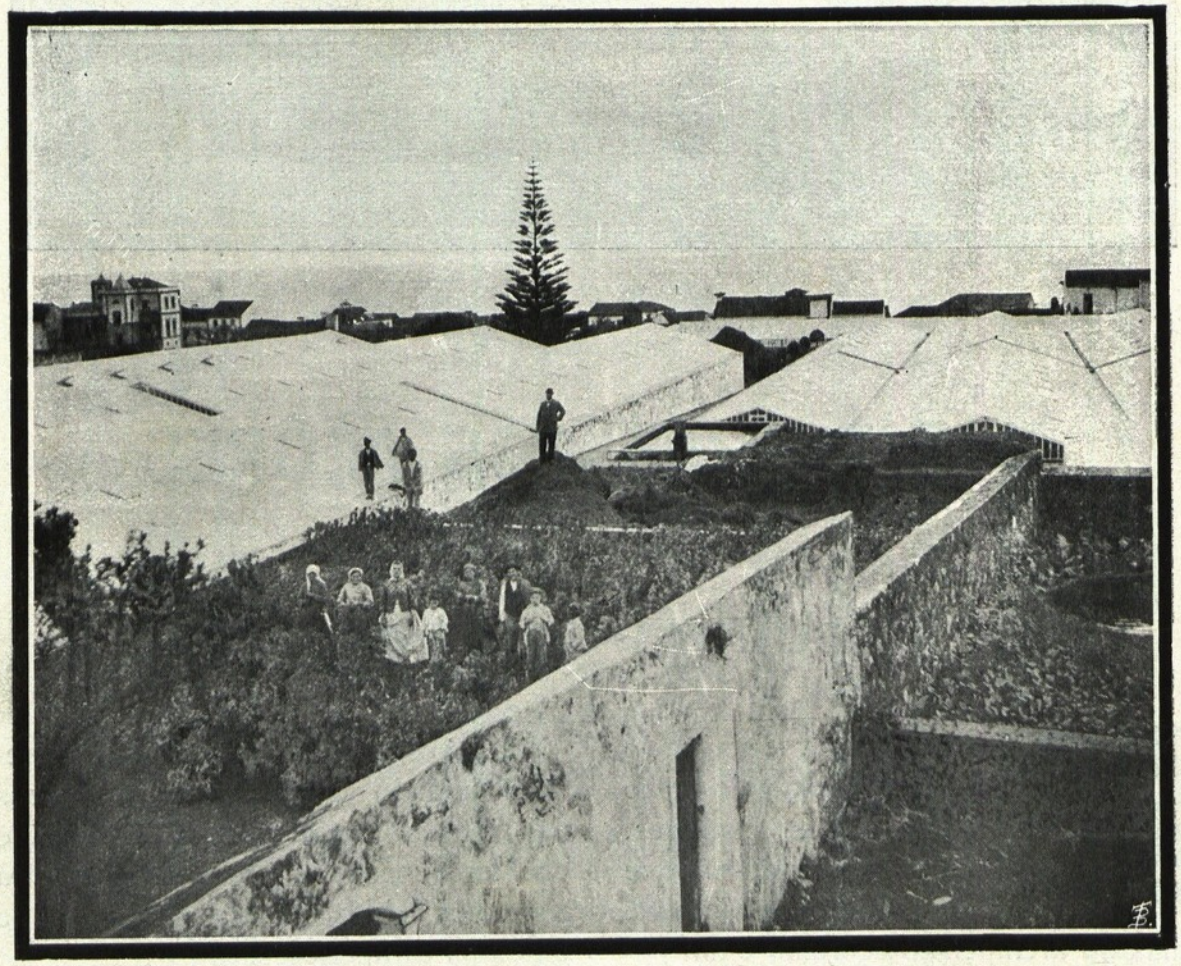
de aldeão que se não descubra num cumprimento, bôca que se não abra numa saudação.

Queimados do sol, olhar franco, almas claras, consciencias claras, no lar mais pobre ha sempre uma gôta de caldo e um pedaço de pão para um faminto sem lar.

O camponez insular tem tanto amor sempre, scintillam clarões de esperança, onde, alguma vez, passa uma nuvem de tristeza...

Cultivar a terra, cuidar da terra, amar a terra! — Eis o seu credo.

E a terra bem lhe paga essa ternura, desentranhando-se em pão — terra bemdita que os ilheus trabalham amoravelmente, desde as rochas que a es-



ESTUFAS NA PROPRIEDADE DO SR. VISCONDE DA PALMEIRA

á terra que cultiva, que, mesmo aos domingos, quando os seus braços descançam do labor fatigante de seis dias, e já quando a tarde desce e a luz morna do sol beija as searas, numa derradeira chuva de oiro, grupos se vão campos em fóra, para sentar-se nos atalhos, á beira das terras, passeiando o olhar pelas sementeiras — olhar onde, quasi puma do mar beija até ás montanhas por onde as nuvens roçam!

De todas as culturas açôrianas, a do ananaz, *(Bromelia ananas* L., *Ananas sativa, Lindley.)* é, a muitos respeitos, a mais interessante. Pratica-se exclusivamente na ilha de S. Miguel, concentrando-se, principalmente, nos arredores da cidade de Ponta Delgada e

em Villa Franca do Campo, e espalhando-se por varios pontos do sul da ilha.

Os ananazes cultivam-se em estufas, bem expostas ao sol, tendo 2 a 3 metros de alto por 6 a 10 de largo. Os seus telhados são de vidro, conservando-se fechados quando o calor é fraco, abrindo-se quando elle excede a 28.º centigrados, de forma a manter sempre, lá dentro, o calor necessario á vida das plantas, costumando conservar-se caiado no primeiro periodo da vegetação.

Os michaelenses fazem a reproducção pelo systema do *brolho*, e a plantação com plantas de 4 a 6 mezes de edade.

De ha muito tempo que a cultura do ananaz é conhecida, sendo quasi certo que o precioso fructo foi descoberto no Brazil, em 1555, por Jean Lery, e trazido dêste paiz para a Inglaterra.

Na França, foi em 1733 que elle fez a sua entrada triumphal, figurando na mêsa de Luiz XV.

INTERIOR DE UMA ESTUFA

Os ananazes *(Bromeliaceas)* são plantas originarias dos paizes tropicaes das Americas, e teem, nas varias regiões donde são originarias, os nomes de Pita, Jayama, Vanacous, Ponyama, Kapotsiana, Ungby, etc.

Da Costa Rica e da California são exportados ananazes para os mercados europeus, onde, todavia, os de origem

michaelense são os mais apreciados pelos consumidores.

O primeiro anno em que se cultivaram ananazes em S. Miguel foi o de 1867-1868, no qual a exportação foi apenas de 427 fructos.

De longe, vistas ao sol, as massas compactas das estufas apresentam um aspecto phantastico, reflectindo a luz numa esplendencia offuscante. Lá dentro, em filas mais ou menos longas, alinham-se as lindas plantas, ou em flôr, ou de fructo já verde, ou com aquella sua doirada côr, exhalando no ambiente suffocante um aroma consolador.

VISCONDE DA PALMEIRA

A cultura do ananaz, que tem constantemente trabalhadores ao seu serviço, exige multiplos e incessantes cuidados. O seu tratamento varia conforme o tamanho da planta, e a terra para a cultura é toda vegetal. As plantas devem estar de 50 a 60 centimetros de distancia umas das outras, para o seu regular desenvolvimento.

Entre os cuidados especiaes que a cultura do ananaz demanda, avultam os das aguadas e do grau de calor a manter nas estufas.

Desde a sua plantação até ao periodo da exportação, podem decorrer cêrca de dezoito mezes. Tendo as plantas attingido o tamanho conveniente, a floração é provocada pelo fumo, processo curioso, descoberto casualmente nos Açôres, e que consiste em queimar dentro das estufas queiró verde, deixando actuar o fumo sobre as plantas durante uns 3 dias. Passados 15 a 20 dias vem a floração.

É só depois que surgem os fructos, elegantemente erectos, encimados por uma corôa verde, e em seguida se vão doirando, amadurecendo, creando aquelle seu particular e precioso odôr. Depois é encaixotá-los, remettê los para Londres e Hamburgo, a bordo de vapores que, para esse fim, fazem carreiras especiaes a Ponta Delgada, com escala por Villa Franca do Campo.

A quantidade de fructos annualmente exportados é sem duvida importante, tendo vindo augmentando de anno para anno, como se vê do seguinte mappa elucidativo, correspondente aos ultimos oito annos de exportação:

Annos	Malotes	Ananazes
1898	70:166	659:439
1899	73:408	693:164
1900	81:431	770:174
1901	94:614	940:921
1902	93:826	930:688
1903	96:209	958:542
1904	106:429	1.072:301
1905	111:033	1.162:543

Daqui resulta que o numero de fructos exportados de 1898 a 1905 foi de 7.187:772, e o de malotes (1) de 727:116, tendo sido o anno findo aquelle em que a exportação se realisou em mais larga escala.

A média, sempre crescente, de ananazes, por cada malote, nesses oito annos, foi, respectivamente, de 9,39 — 9,44 — 9,45 — 9,44 — 9,91 — 9,96 — 10,07 e 10,47.

Assim, tambem por anno, a média de ananazes exportados para Londres e Hamburgo é de 898.471 ½, e a de malotes de 90.889 ½.

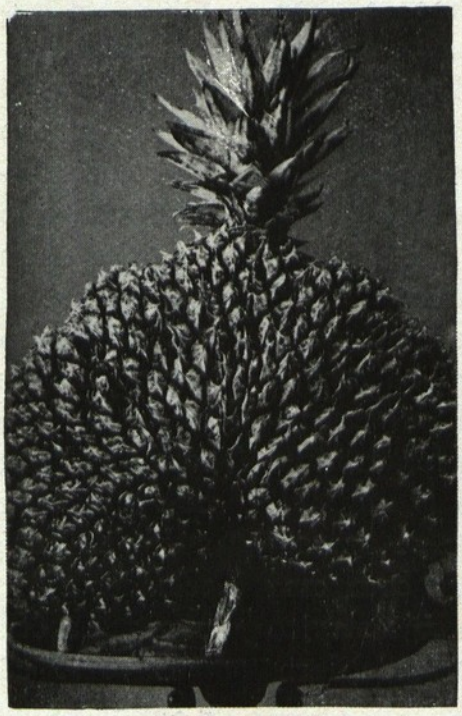
Tomando, para cada ananaz, o preço médio de 400 réis, foram recebidos em S. Miguel, nos oito annos citados, 2.875:108$800 réis, que dão uma média de 359:388$600 réis insulanos por anno, reduzidas as despezas feitas com a cultura e exportação do fructo.

Referem-se estes dados aos dois principaes mercados importadores, que são Londres e Hamburgo, sendo mesmo impossivel obter a nota de exportações para outros destinos.

Fica, no emtanto, ahi bem patente a importancia que tem o commercio de ananazes na vida economica michaelense.

*

Um dos primeiros cultivadores de ananazes é o visconde da Palmeira, na pittoresca Villa Franca do Campo. Possue ali este titular 16 estufas enormes, algumas das quaes comportando para cima de 1.000 plantas. O total de fructos produzidos nessas estufas é de 20.000, que permittem ao visconde da Palmeira fazer uma continuada exportação de ananazes, o que não é facil, attendendo ao longo periodo que decorre da plantação até estar o fructo em estado de poder exportar-se.



UM ANANAZ GIGANTE

E como em mais duma iniciativa rasgada o visconde da Palmeira se tenha salientado na sua honesta e laboriosa vida, concorrendo para o progresso da sua terra, vem a pêlo dizer que, de modesta origem, a sua grande fortuna, o seu titulo, as suas honrarias e a consideração que todos os seus conterraneos lhe tributam, obteve-as elle por direito de conquista, trabalhando constantemente, com tenacidade e com honra.

*

Aquellas duas grandes cidades estrangeiras, Londres e Hamburgo, são as principaes no consumo do precioso fructo.

O ananaz é elegante na forma, de sabor agradabilissimo, de delicioso e inebriante perfume. E não sendo o seu preço modesto, é um fructo para mêsas aristocraticas, em cujo centro brilha aristocraticamente entre os demais fructos.

Mesmo em S. Miguel, não sendo os

(1) Caixas de madeira, com divisões, onde os fructos vão acondicionados, envoltos em folhas.

proprietarios de estufas ou os mais afortunados, raros podem obter dos melhores ananazes, que nem apparecem á venda. Os bons vão para fóra, para serem regados a vinhos finos nas mêsas ricas da Allemanha, pagos em oiro na cidade das libras esterlinas.

Na ancia de exportar muito, o cultivador parece já não attender á qualidade: attende á quantidade.

Seja como fôr, porém, o que é certo é que este ramo da agricultura michaelense é o unico, pela sua importancia de exportação, a substituir o da laranja, nos bons tempos em que os terrenos da ilha se achavam coalhados de quintas de laranjeiras.

Tempos bellos, em que se fizeram muitas e grandes fortunas com essa exportação fabulosa, para cujo serviço iam do porto de Ponta Delgada dezenas e dezenas de escunas.

Foram-se já. Má doença definhou as laranjeiras. Esses campos agora estão transformados em terra de semeadura — campos rasos onde medram os altos milharaes e o trigo loiro ondula.

Agora a laranja não tem já o antigo tamanho e o sabor antigo; restrictos são os campos que a produzem, e pequena é a receita da sua venda local e da sua exportação.

Ainda assim, aquella boa Providencia que véla pela sorte do agricultor açôriano — Céres, talvez — anda de campo em campo, de pomar em pomar, de horta em horta, olhando por todas as sementeiras, para não deixar que se definhem, para evitar que a aza negra da miseria adeje por sobre os telhados e o côlmo das casas dos camponezes açôrianos.

E como elles, certamente, rusticos e simplices, não têm relações com Cé-

ESTRADA DE VILLA FRANCA PARA AS FURNAS

res, é a Deus, ao Deus que de pequeninos aprenderam a amar, de joelhos e mãos postas, á beira dos seus leitos pobres, pelas Avé-Marias, ou ante as luzes do altar da sua ermidinha — é a Deus que elles agradecem a abundancia das suas terras — sólo bemdito que os ilhéus trabalham amoravelmente, desde as rochas que a espuma do mar beija até ás montanhas por onde as nuvens roçam.

Lisboa — Julho de 1906.

RAPOSO DE OLIVEIRA.

VIGO

Sete horas da manhã. Vigo desperta. E eu sigo
Pelo caes que ladeia o seu porto d'abrigo.
Porto maravilhoso e segundo do mundo!
As encostas de lá, como um panno de fundo
Pintado por artista ingenuo e genial,
Dão-me toda a vizão da paizagem rural!
Aldeolas gentis surgem em meio d'arvoredos,
Lembrando, vagamente, amorosos segredos
A que mão infantil de leve erguesse o véo...
O sol campeia já no radioso céo!
E as aguas da bahia aonde o azul se espelha,
Teem, na superficie, algo de prata velha.
Pequeninos vapores de pesca erguem, seguindo
Ondas leves. O caes é largo, alegre e lindo.
Na encosta da cidade ha palacetes bellos;
Raros. Que pena! o mais, fructo de desmazelos,
Nem pittoresco tem. Reclama dynamite...
É preciso que alguem surgindo aponte e incite
Uma transformação n'esta cidade amiga
A que tanta e real sympathia nos liga.
Mas bandos feminis, pela avenida fóra,
Veem a praia buseando; e já encantadora,
Vestida do esplendor das bellezas vigenses,
Vigo se torna. Vê, mulher, como tu vences!

Alcantara Carreira.

EPITHALAMIO

Junto da casa nupcial, uma ***cerejeira centenária,*** coberta de cerejas, abre sôb o claro sol d'uma manhã de estio um ninho de sombra onde a Noiva se acolhe, a sonhar. O velho vegetal estremece ao vêl-a, alonga os braços andrajados de musgos — e do seio da sua verdura profunda de árvore generosa, uma voz se evola, cariciosa e subtil como uma neblina de pólens:

Senhora que vindes, candida e perfeita,
De que céus descestes? Que estrella vos guia?
— Tão formosa e alva, nem que fosseis feita
Do mais tenro trigo que agora se aleita
Aos seios da terra que tambem me cria!

Se sois uma noiva, sêde vós bemvinda,
Que outras, em passados tempos sem lembrança,
Tambem já viéram palpitar de esperança
Sôb estes meus ramos que dão sombra ainda.

Pendem-me dos braços fructos pequeninos
Que parecem feitos de esmolas da aurora;
Quando sopram brandos ventos matutinos,
Todos elles bailam, num folgar de sinos
Repicando em festa pelos campos fóra!

Inda neste musgo que me faz selvagem,
Ha signaes dos passos d'ágeis rapazinhos,
Que vinham outróra disputar aos ninhos
O sádío embalo da minha ramagem.

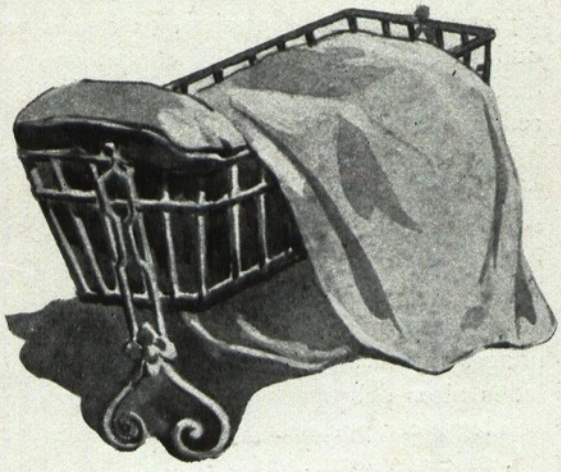
Mal o sol batia na mais alta serra,
Já elles saltavam barrocaes e vallos!
— Passaram os annos, passou uma guerra...
Hoje são já mortos — e em vão sôb a terra
Estendo raizes longas a buscal-os.

Vós que sois, Senhora, pura como o linho,
Se tiverdes filhos (assim Deus o queira!)
Dizei-lhes que subam á velha fructeira
Que foi ama-sêcca de seu avôsinho.

E vereis que logo todos os meus braços,
Rijos como penhas, grossos como traves,
Vergarão contentes p'ra lhes dar abraços
E darão mais fructo só de ouvir seus passos
Entre o arfar das folhas e o cantar das aves!

Assim já tão velha, mártyr de pelejas
Com o vento e a neve, minha esp'rança extrema
É que um filho vosso com beijos esprema
Algum dia o sangue das minhas cerejas.

Depois, quando eu morra, calma, sem terrores
D'árvore de fôrca lésa de vinganças,
Fazei do meu tronco berços creadores,
Porque quem balouça fructos, aves, flôres,
Sabe embalar sonhos puros de creanças.



D. João de Castro.

VISTA D'UMA PARTE DA FABRICA

Um passeio

Como nodoa de oleo, em panno fino, Lisboa alastra, constantemente, febrilmente, ha uns annos para cá, invadindo montes, surribando encostas, atulhando valles, arrazando, com os seus tentaculos de polvo gigante, os casaes tranquillos, as velhas casas de campo enegrecidas, os olivaes alpendurados e tristes dos arredores.

É um pequeno mundo de poesia, de graça pittoresca, de frescura que desapparece. Vão-se os caminhos, tortuosos, irregulares, sombreados pelo velho arvorêdo de musculosos braços retorcidos, apertados entre balsas — desapparecem as curvas encantadoras, as azinhagas mysteriosas, cheias de silencio, de vallados altos debruados de piteiras aggressivas, de alegra-campos, de azinhos, de silvas coleantes, de espinheiros.

Aqui e ali, o regato que atravessava a estrada, onde os passaros vinham beber e as mulheres lavavam, cantando, de agua serena — a linfa dos poetas — transparente, a derivar por seixos brancos, silenciosa e limpida, desviado... seccou!

Desmembram-se, mutilam-se os casaes: partiu-se ao meio o pomar unido e fresco; entulhou-se a horta; seccou-se o morangal, esvasiou-se o tanque. Ao alto, a nora erguida nos pilares musgosos emudeceu inutil, e quedase, hirta, sombria, a apodrecer, a desconjunctar-se, como um cadaver de pé. O seu machinismo, mudo, primitivo parece chorar... os raros alcatruzes de barro, sanguineos, escorregando nos calabres, remedam as lagrimas do monstro. Quem sabe como as coisas falam e as noras cantam, sente ao aspecto d'esta agonia um peso no coração.

O inesperado das voltas, a mutação do quadro, a variedade da paisagem nos tons diversos da luz, a poesia bucolica do terreiro sombrio, da lapa escusa da fonte, do bosquesito de sôbros, do canavial rumoroso ladeando o regato, estes pequenos oásis de graça humilde, de frescura, de caricia para o corpo e de repouso para o espirito, esbandalhou-os a picareta bruta, o alvião, ás ordens do commercio e da industria. Como os grandes deuses da antiga Hellada, os deuses gnomicos da vegetação humilde, do côrrego, do algar, do ribeiro manso, da nascente escondida, das flôres da urze e da madresilva, do rosmaninho e da murta... vão-se!

*

Pensamentos com que ia, n'um d'esses passeios em que me apraz perder-me pelos bairros excentricos de Lisboa, andando ao acaso, vendo, olhando como estrangeiro. A rua nova acabou. Parei. A léste abre se um valle profundo; ao longe, como fita de prata que ligue os montes, curva-se uma fita do Tejo. Um caminho serpeia a embrenhar-se no valle; meti por elle. Pleno campo: chão pedregoso, cheio de socalcos, de rodados de carros, de lama endurecida; bocados de muros que se esboroam pelos declives, grenhas de silvas sahindo á estrada a filarem as calças, a pescarem o chapéu. De um lado e outro, pelos montes, o olivedo sombrio. Ao fundo um portão, aberto para um caminho que atravessa o valle e entesta com uma casa grande, branca, a meia encosta, de aspecto alegre.

Passava um carroceiro.

—Que casa é aquella?

—É uma fabrica.

—De quê?

—De camisas.

Sentei-me n'um marco de pedra, acendi o cigarro e deixei divagar o pensamento.

—Fabrica de camisas... Uma camisa!... coisa branca, coisa leve. Em fralda de camisa... faz rir. Uma camisa de onze varas... faz mêdo. Adão não tinha camisa... nem Eva. Depois da maçã devia ser sério. Saltei os seculos.

OFFICINA DE PREPARAÇÃO DE COLLARINHOS

Camisa vem de *camisia* romana; seriam os romanos que a inventaram? Não sei. Sei que veio da Italia para a Europa e que por cá, foi durante muitos annos, um objecto de luxo, só usado pelos ricos e pelos grandes, com parcimonia. A rainha de França mulher de Carlos VII, tinha só duas. É natural que a amante, a formosissima Ignez Sorel tivesse mais. Joias tinha, porque empenhando-as sustentou as tropas reaes por mezes, se é certo o que nos conta Schiller, na sua *Joana d'Arc*. De camisas de rainhas portuguezas, nada sei. Os chronistas não publicaram os róes da roupa. Apenas me lembra que o João Andeiro, n'um dia em que Leonor Telles lhe deu um bocado do véu para limpar o suor, lhe disse que preferia limpar-se-lhe á camisa. A rainha chorou a rir.

Tinha muita graça, o Andeiro.

N'esse tempo, as camisas de mulher eram de linho fino, bôas, bem que não attingissem a riqueza dos seculos futuros, em que se encheram de pedras e oiro. Para que se vissem, as mulheres decotavam os corpetes e os homens rasgavam o peito e as mangas dos gibões. Usavam-se de todas as côres; mas a mais celebre foi a côr *Izabel*...

Izabel de Hespanha, filha de Carlos V, casada com Maximiliano II, foi para a guerra dos hollandezes com o marido. Deante de Ostende prometteu que emquanto não fossem vencidos os inimigos, não despiria a camisa. A guerra durou tres annos e D. Izabel, senhora de palavra, não a despiu. Quando a tirou estava amarella, de um amarello ruivo, diz o chronista. Imagine-se. Pois a camisa immunda da rainha deu a côr da moda para esse tempo.

UMA DAS OFFICINAS DE COSTURA

D'então para cá, a camisa esconde-se pudicamente; confidente intima, furta-se aos olhares indiscretos. Começa por ser simples, de linho fino, ampla como uma alva, branca como uma açucena, casta como um lyrio. Os tres inimigos do homem — e da mulher — tomam conta d'ella; e adeus simplicidade, ó castidade, adeus! Fizeram-nas de bretanha de seda, subli-

maram-lhe o corte, aboliram-lhe o collo, encurtaram-lhe a fralda, suprimiram-lhe as mangas, crivaram-na de bordados, entremearam-na com rendas finissimas, ornaram-na com fitas e laços setineos e fizeram d'ella essa graciosa tunica, delicia da pelle, encanto do olhar, que faz falar a nudez e que se fecha na mão. Uma camisa... coisa leve... coisa bella!

Apagou-se o cigarro. Reacendo-o.

Que camisas celebres conheço? Celebres para o mundo, está visto... porque particularmente, todos nós temos, na nossa vida, uma camisa... Adeante. Mas... conheço duas: a camisa negra da Sarah Bernhardt, uma cabotina, e a camisa vermelha de Garibaldi, um heroe. E lá ia eu metter-me em recordações burlescas do espinafre tragico, ou em evocações das proezas medievaes do heroe de Caprera, quando um homem novo, de aspecto agradavel e vivo olhar, me perguntou:

—Deseja vêr a fabrica de camisas?

—Com o maior prazer. De mulher?

—De homem—responde com um ligeiro sorriso.

—É menos poetico; mas, com o maior prazer, vamos.

*

Uma fabrica é hoje, uma verdadeira maravilha.

O operario é, apenas, o dirigente mais ou menos habil, de uma força mysteriosa, omnipotente, que o cerca, que o envolve, dentro da officina. A fabrica é um animal vivo, cuja alma, cujo sangue se sente latejante em todos os apparelhos, em todos os orgãos. Tem o seu estomago—a caldeira; o seu coração—o motor; o seu cerebro—o gerador electrico; os seus nervos—os fios conductores. Entrei.

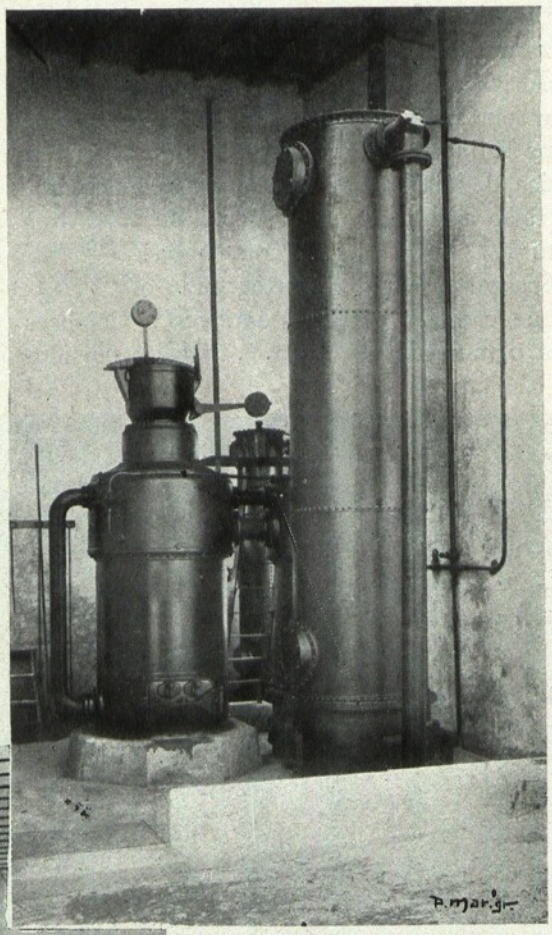
N'um telheiro isolado, altas, cilindricas, duas caldeiras—os gazogeneos—digerem silenciosamente a sua ração de hulha. Os gazes da digestão correm a animar dois motores, n'uma ampla casa rez do solo de paredes bran-

PARTE DA OFFICINA DE ENGOMMADOS

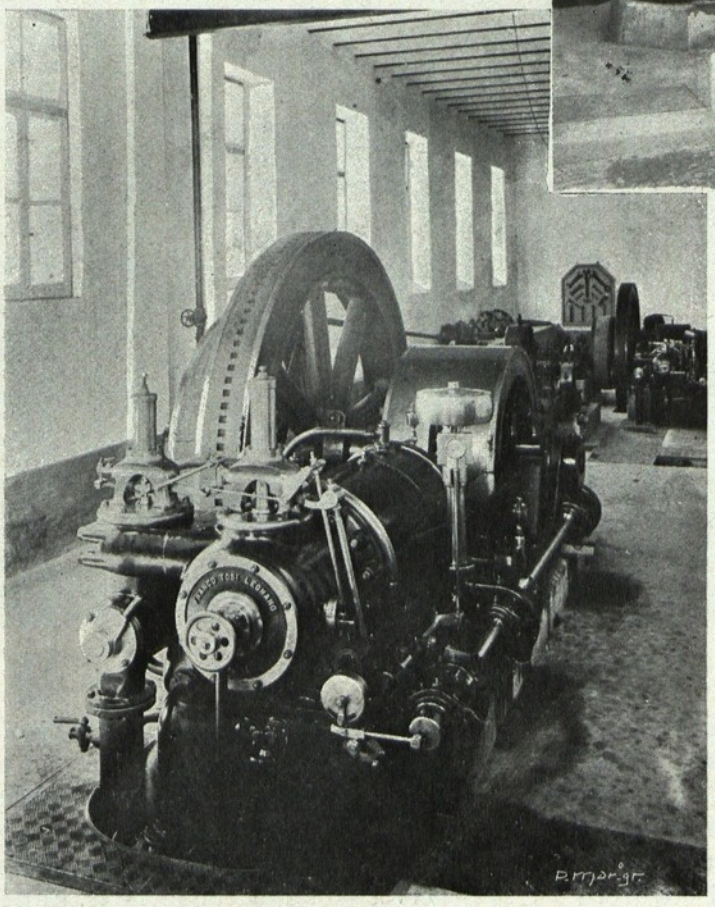
cas, limpa como um salão. São dois, o mais pequeno da força de 20 cavallos, descança; o maior de 150, trabalha, com uma serenidade, uma precisão e ao mesmo tempo com uma energia assombrosa. O pezado volante volteia com a rapidez de um astro; um ligeiro suór, discreto, humedece as articulações do monstro que ronca, poderosamente, isochronamente, entre inspirações e respirações de um titan.

E complicado e é simples. Ninguem o vigia, está só. Disse-se-lhe: trabalha. Eil-o que trabalha horas e horas sem um simples descanço, sereno, grave, imperturbavelmente. E um gigante e é uma creança. Tem uma chapa da casa italiana: Franco Tosi.

Á direita, a lavandaria. Varões de ferro cruzando-se no alto, tambôres, correias que descem a fazer girar enormes cilindros de ferro, horizontaes, cheias de roupa e que



GAZOGENEOS



CENTRAL ELECTRICA

invertem, automaticamente, o sentido do movimento, a espaços, como se pensassem... os brutos. Aos lados, os seccadôres volteiam, de modo, com tal rapidez, que o olho não alcança o movimento e os vê immoveis, n'um halo pardacento da agua que se evapora. Sabe-se que se movem porque produzem um sibilo, agudo, estridulo, indiscriptivel. Em casas proximas machinas para dar gômma, vaporisadores electricos, estufas, apparelho branqueador, pela electrolise.

Subo ao primeiro andar. A vista é empolgante. O espaço enorme é um salão colossal de alto tecto, as altas paredes fendidas por amplas janellas envidraçadas. A luz entra em ondas. Centenas de mulheres, de todas as idades, de aspecto agradavel, um grande ar de aceio, trabalham afanosamente. A variedade das posições, dos movimentos, anima o enxame rumoroso. O ne-

gro das cabeças, as côres vivas dos lenços, o branco dos aventaes, dão ao conjuncto um aspecto kaleidoscopico, polichromico, delicioso á vista. Ha uma multidão de arrematadeiras, de alinhavadeiras, de revistadeiras, de cazeadeiras.

Cento e cincoenta machinas de coser, americanas e allemãs, alinham-se em fila, parallelas, elegantes, com o seu machinismo gracil, cheias de tintilações metalicas, de rodopios, de tinidos. Um rumôr baixo, zumbido alegre que nasce do bicar das agulhas, do parar brusco das rodas, da trepidação dos sobrados, do fallar das mulheres, enche o enorme salão de uma melopeia, acariciadôra e suggestiva.

PARTE DA OFFICINA DE CORTE

Vê-se que ha a suggestão collectiva do movimento, de trabalho.

E assim é que em grandes cestos de vime cahem, continuamente, molhos de punhos, de collarinhos, de camisas, de todos os feitios e côres, como se a vara de uma fada os fizesse surgir, magicamente, dentre as mãos habeis das raparigas ou de sobre as mezas polidas das machinas buliçosas.

N'uma officina junto ao salão, sobre amplas mezas, descem de forcas metalicas serras verticaes, delgadas como fitas, cortando com um ruido de vôo de insecto, massas folhadas de panno, seguindo com uma obediencia absoluta ás mãos dos camiseiros a curva exigida pelo contorno do molde. A tesoira elegante morreu. A industria, mais uma vez, matou a arte. Mas se o poude fazer no corte do panno não o conseguiu no endurecel-o, no abrilhantal-o. O engommar é ainda uma arte. Como prova, n'um comprido salão parallelo, em duas enormes bancadas, noventa mulheres trabalham com noventa ferros electricos de engommar, presos a fios que descem do alto, sobre nuvens brancas de pannos alvissimos.

Curiosa officina! É tudo branco: as paredes, as mezas, o chão, o fato das mulheres, a roupa que atulha os aparadores, os taboleiros em que se empilha, engommada. Parece que neva n'aquella casa, ou que as mulheres trabalham entre flocos de espuma. Os corpos movem-se languidamente, em curvas sensuaes, em posições ora altivas ora humildes, erguendo-se, curvando-se, debruçando-se, rithmicamente, graciosamente, n'uma mimica sugestiva que arremeda ora o fugir de um abraço, ora o embalar de um berço. Poucas as falas, macio o correr dos ferros, branca a luz, branca a roupagem, a officina tem um ar calmo e religioso de um templo onde as sacerdotisas officiassem n'um comprido altar, em ritos singulares.

*

Sobre cada operario pende em todas as officinas uma pêra electrica, fôsca, no alto das

janellas redemoinham as ventoinhas sibilantes. Nos anexos da fabrica, na casa de jantar dos operarios, a volta de um botão accende os fogões; em baixo nos pateos, aqui e alli, nas suas cazotas de madeira, bombas aspiram, continuamente, a agua de profundas nóras e atiram-na para os tanques superiores de milhares de metros de capacidade.

Não ha gazes deleterios, nem cheiros corrosivos, nem exalações doentias nas casas de trabalho. De dia a luz clara do sol, a jórros; á noite dão-na os globos, brancos, intensa como um luar de janeiro.

N'um momento, todo este colossal movimento pode parar; n'um instante, de chofre, recomeçará, sem fim, á vontade do homem.

CASA DAS OFFICINAS DE LAVANDARIA E ENGOMMADARIA

Pois bem, todo este movimento, este trabalho, continuo, heterogeneo, cumplicado, o esfuziar das agulhas, o andar das calandras, o roer das serras, o voltear dos cilindros de lavagem, o rodar vibrante dos seccadores, o chupar alto das bombas, o zunir zombeteiro das ventoinhas, o rir luminoso e convulso das lampadas, todo este trabalho enorme, esfôrço colossal que exigiria milhões de braços, milhares de vontades e de aptidões inteligentes, combinados n'um esfôrço titanico, tudo isto se consegue com o esfôrço que se podia exigir a um recemnascido movendo uma espatula polida sobre um quadro metalico!

Não é verdade que uma fabrica de hoje é uma pequena maravilha?

*

Quando sahi, ao olhar para traz, subindo a ladeira para a cidade a fabrica illuminou-se subitamente, como um palacio encantado.

Ressaltava batida pela luz dos globos electricos dos umbraes a brancaria das alas paralellas; fachas brancas de luz sahiam pelas vidraças luminosas como durante um baile. Os ruidos vagos do interior, lembravam o con-

fuso esmorecer das conversas e folguêdos de um grande festim.

Não era, era a respiração de uma grande officina.

Pensando nas antigas instalações operarias, sem hygiene, sem luz, sem conforto, sente-se que o trabalhar se adoçou ao mesteiral dando-lhe a casa limpa, o bom ar, a luz farta.

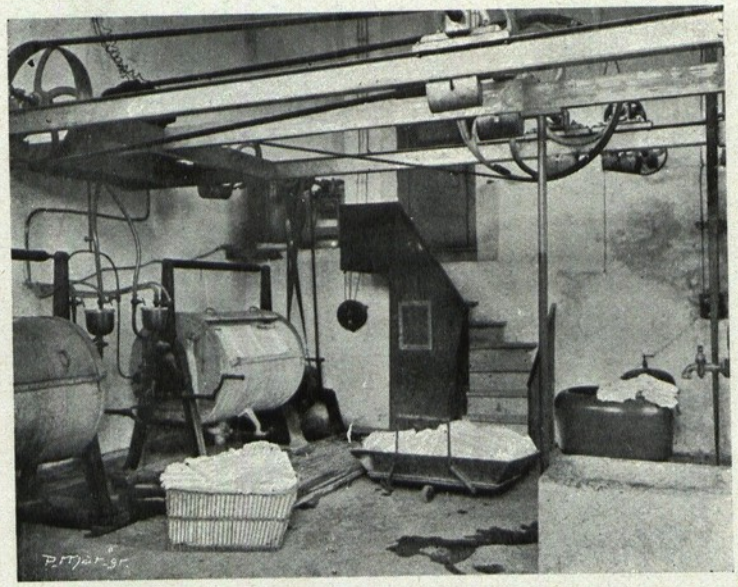
O trabalho é e será sempre um castigo — lá o diz a Biblia; a mais alta conquista do coração humano será o de dulcificar esse castigo; o supremo bem seria o poder conseguir transformal-o n'um prazer.

Então o pobre sentiria que a porta da fabrica era a entrada de um logar amado; e quando o motôr enchesse de vida com o seu rom-rom de gato colossal, corredôres, escadas e salas; quando as lampadas illuminassem as galerias, o operario sentir-se-hia alegre, feliz, contente e estaria, realmente, n'uma festa de trabalho, que por tal sêr não seria nem menos bella, nem menos consoladôra festa.

(Pht. de Arnaldo da Fonseca)

MARCELLINO MESQUITA.

Nota. — Não se julgue que este valle e esta linda fabrica são inventados. O valle é o Valle-Escuro, alli para os lados do Monte. A fabrica é a dos srs. Barros & Santos. Dir-me-hão que o passeio parece um reclamo! Talvez



UM TRECHO DA LAVANDARIA

1.º premio

AO MEIO DIA — ORANDO PELA AVÓ

Cliché do sr. Joaquim Fernando Dias Daniel, Leça da Palmeira

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

O TERCEIRO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "Serões"

Como os leitores verão pelas provas que começamos hoje a publicar, teve o mais brilhante resultado o nosso terceiro concurso photographico. Muitos dos concorrentes nao se compenetraram comtudo perfeitamente das condições exaradas, e assim dá-se o caso que algumas provas enviadas, embora technicamente interessantes, são simples retratos sem intenção, e outras denunciam um artificio demasiado convencional para a composição do quadro.

Congratulamo-nos pelos bellos quadros photographicos que os concorrentes classificados nos deram ensejo de apresentar aos nossos leitores.

Os resultados foram os seguintes:

1.º premio — Sr. Joaquim Fernando Dias Daniel, Leça da Palmeira.

2.º premio — Sr. X. de Sousa, Porto.

3.º premio — Sr. Viriato Campos, Alcaçovas.

Menções honrosas

Os Srs.:

Alves Junior, Porto.

Antonio Francisco de Lemos, juiz de Fóra (Minas, Brazil).

Bergamin, Porto.

João Ignacio Leal Junior, Lisboa.

Manuel Gomes Pinto, Porto.

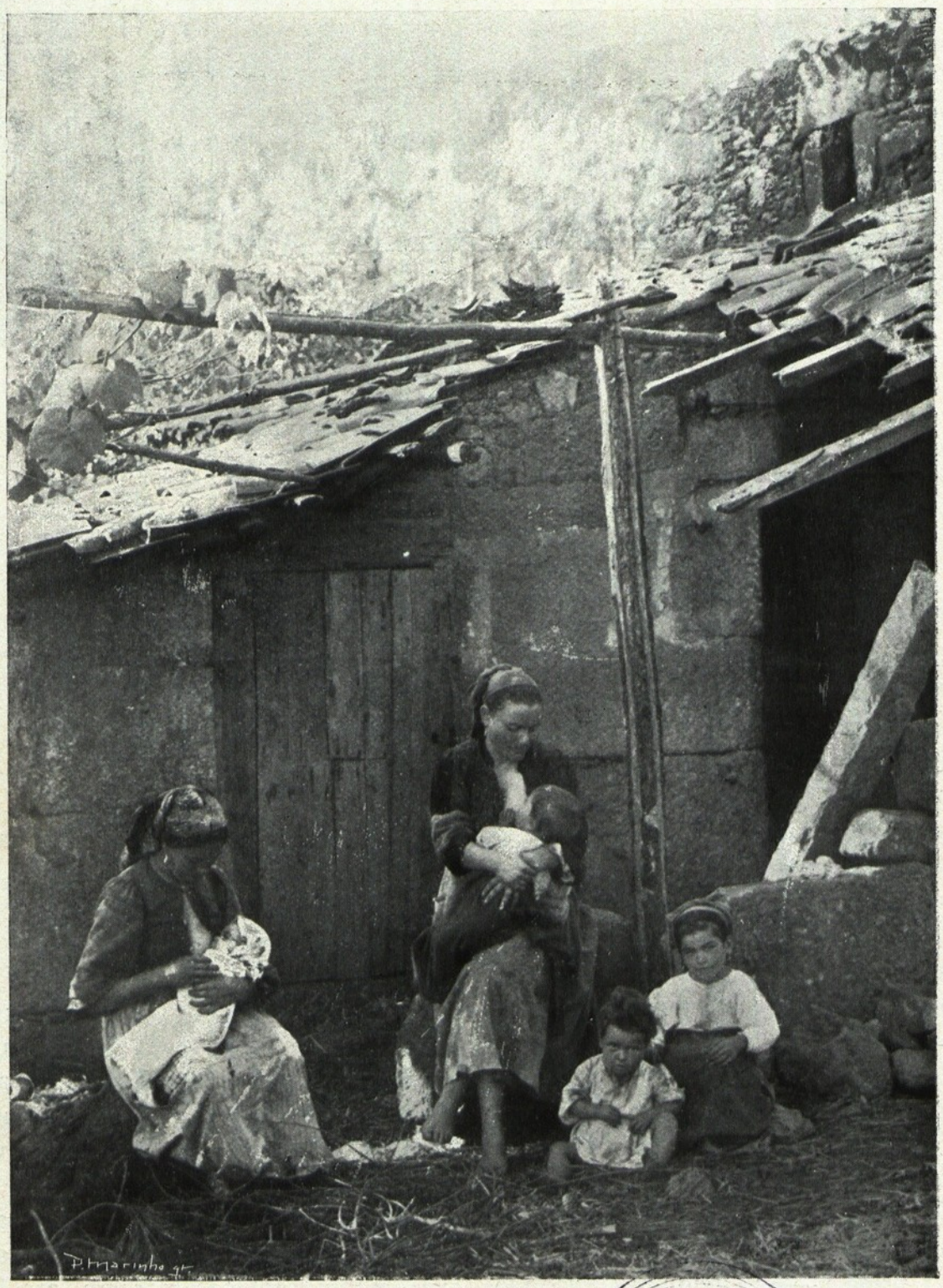
Thiago Silva, Alcacer do Sal.

X. de Sousa, Porto.

Abrimos desde já o nosso quarto concurso, para o qual pedimos uma **paizagem de caracter bem portuguez**, podendo ter quaesquer figuras humanas ou de animaes para darem vida ao quadro.

Esse concurso deverá encerrar-se no dia 31 de março, para que os amadores photographicos possam escolher entre aspectos de inverno ou do despontar da primavera. Qualquer d'essas quadras tem a sua belleza propria, á qual convém dar realce.

2.º premio



MATERNIDADE

Cliché do sr. X. de Sousa (Porto).

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

3.º premio

COLHENDO AMORAS

Cliché do sr. Viriato de Campos (Alcaçovas)

Os Serões dos Bébés

O Capuchinho Vermelho

Comedia phantastica para creanças

Personagens

ELSA, chamada *O Capuchinho Vermelho*
A MÃE DE ELSA.
A AVÓ DE ELSA.
O LOBO.
UM LENHADOR.

QUADRO I

Uma cozinha. Meza ao centro. Armario á direita. Janella á esquerda. Porta á direita.

SCENA I

A MÃE DE ELSA. — *(Está sentada á meza, trabalhando n'um chale de malha de lã).* — Mau! Lá me cahiu outro ponto! Quando acabarei este chale para minha mãe?... Coitada! Está muito velha e precisa abafar-se bem do frio do inverno!... De mais a mais mora no meio da matta!... E ninguem a arranca de lá. Diz que as arvores são suas amigas velhas e fieis! Se estará melhor d'aquella doença?... Ou ainda não se levantará? *(Pára de trabalhar e vae á janella.)* Que dia tão lindo! Vou mandar a pequena saber d'ella. E ha de levar-lhe um presente. O que ha de ser?... *(Abre o armario.)* Ah! Este bolo, que fiz hontem... meia duzia de ovos muito fresquinhos e um queijo de ovelha. *(Tira estas coisas do armario e põe-n'as sobre a meza; depois vae chamar á porta da direita.)* Elsa! Elsa! Vem cá, minha filha!

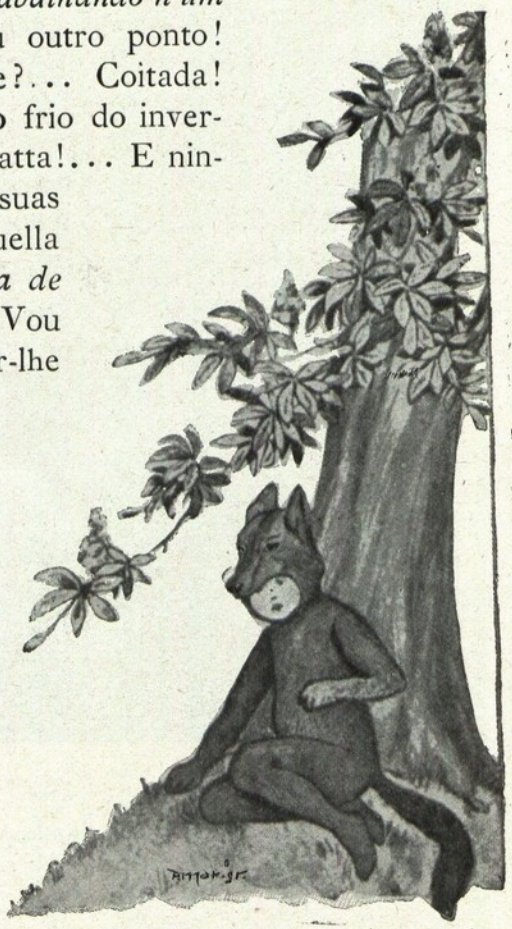
ELSA. — *(Dentro.)* Lá vou, minha mãe.

MÃE. — E traze o teu cestinho!

SCENA II

A MÃE E ELSA

ELSA. — *(Entra com o cestinho e uma corda para saltar).* — Aqui estou, minha mãe!



LOBO. — Estou com as pernas que não as sinto!

ELSA. — A avósinha tambem gosta muito d'estas flores.

Tenho andado a saltar á corda. Gosto muito d'esta brincadeira.

MÃE. — Por hoje acabou-se. Tens de ir ver a avósinha, que está doente de cama. Ha de estimar muito que lhe faças companhia um bocado. Vive tão só! *(Pondo-lhe uma capa vermelha com capuz, que foi buscar.)* Bom! Já estás bem abrigada contra o frio. E não tires o capuchinho da cabeça, ouviste? Se alguem te chamar, como costumam, Capuchinho Vermelho, não dês cavaco. E' a maneira de nunca mais brincarem comtigo.

ELSA. — Sim, minha mãe. Ah! Para que me mandou trazer o cesto?...

MÃE. — Para levares dentro d'elle um presente.

ELSA. — A' vóvó?...

MÃE. — Adivinhaste. *(Pondo dentro do cesto o que tinha levado para cima da mesa.)* Este bolo...

ELSA. — Ai! Que bom! A avósinha ha de gostar muito d'elle, não ha de?... E tambem d'estes ovos e d'este queijinho?...

MÃE. — Espero que sim. *(Cobre o cesto com um guardanapo e dá-lh'o.)* E agora vaes direitinha a casa da avó, e tambem voltas para cá direitinha, quando ella te mandar embora. Não fales a ninguem, que encontrares no caminho. Bem sabes que na matta anda um lobo. Mette pavor a quantos o veem e é muito mau. Não lhe digas nada, percebeste?... Os lobos comem ás vezes as pessoas, e aquelle, se puder, come-te sem te deixar inteiro um dedo mindinho.

ELSA. — *(A tremer.)* Fique descançada, minha mãe. Ainda que o horrendo bicho me venha falar, eu não lhe respondo. Adeus! *(Beija a mão e a cara da mãe.)*

MÃE. — Adeus, meu amor, e dá muitas saudades minhas á tua avó. Não te esqueças do que eu te recommendei. *(Sae Elsa pela porta da direita.)* Tenho toda a esperança em que o lobo não ande esta tarde a passeiar na matta. *(Vae á janella espreitar Elsa. Diz-lhe adeus com a mão e senta-se depois á meza, a fazer meia. Desce o panno.)*

QUADRO II

Na matta. Caminho atravessando a scena. Mouta de flores na direita. Arvore no centro. Entradas pela direita e esquerda.

SCENA I

O LOBO *(Só, passeia pela scena, coçando os vasios).* — Safa! Que fome! Que fome! Ainda hoje não pude ver sequer um pardal, quanto mais tomar-lhe o gos-

to! Uma vida assim não chega a netos, nem a filhos com barbas! *(Olha para a arvore e abana a cabeça.)* Já é ter pouca sorte!... Nem já posso andar n'esta roda viva! *(Deixa se cair no chão, ao pé da arvore, e encosta-se a esta.)* A' força de sentir o estomago vasio, estou com as pernas que não as sinto. Morrer é sempre triste... *(Bocejando e fazendo cruzes na bocca)* principalmente quando se morre de *peneira. (A cabeça pende-lhe para o tronco da arvore. A meia voz e por entre dentes.)* Isto já está por pouco. *(Ouve-se a voz de Elsa, cantando a distancia. O lobo ergue-se n'um pulo, escuta e fareja.)* Que é isto? *(Vae pé ante pé em direcção ao lado d'onde vem a voz. O canto continua a ouvir-se cada vez mais proximo. O lobo abana a cauda satisfeitissimo e lambe gulosamente os beiços.)*

ELSA. — *(Cantando dentro.)*

O' minha mãe da minh'alma!
O' pae do meu coração!...
Por muitos annos que eu viva
Não vos pago a creação.

O LOBO. — Não é um pardal, nem um franganito, é uma rapariguinha, talvez muito rechunchuda. *(Ri e salta de alegria. Vae espreitar por entre as arvores.)* Oh! E' o Capuchinho Vermelho! Não caibo em mim de contentamento! *(Esconde se atraz do tronco da arvore. Entra Elsa da direita, desce até ao proscenio, pára e fica a olhar para umas flores que traz na mão.)*

SCENA II

ELSA. — *(Só.)* A avósinha tambem gosta muito d'estas flores. E' o meu presente. Vou enfeitar com ellas o cestinho. *(Senta-se deante da arvore e arranja as flores no cesto.)* Estou a sentir o cheirinho do bolo! Ainda é melhor que o das flores!... Se eu tirasse um bocadinho? Nada! Nada! E' para a vóvó... Se ella m'o der, como costuma, agradeço-lh'o muito, porque já estou n'uma fraqueza!...

O LOBO. — *(Escondido atraz da arvore.)* Que direi eu?

ELSA. — *(Olhando para a mouta da direita.)* Oh! Estão acolá umas flores ainda mais bonitas do que estas. *(Vae apanhal-as, volta para junto da arvore, e sem querer faz tombar o cestinho).* Oh! Queira Deus não se partissem os ovos. Deixa-me ver... *(Examina os ovos, um por um. O lobo sae muito sorrateiramente de traz da arvore e senta-se por deante d'esta. Elsa, sempre entretida com os ovos, querendo sentar-se de encontro á arvore, senta-se de encontro ao lobo. Volta-se e dá um grito fortissimo.)* O lobo! *(Levanta-se de esfuziote e corre para a direita).*

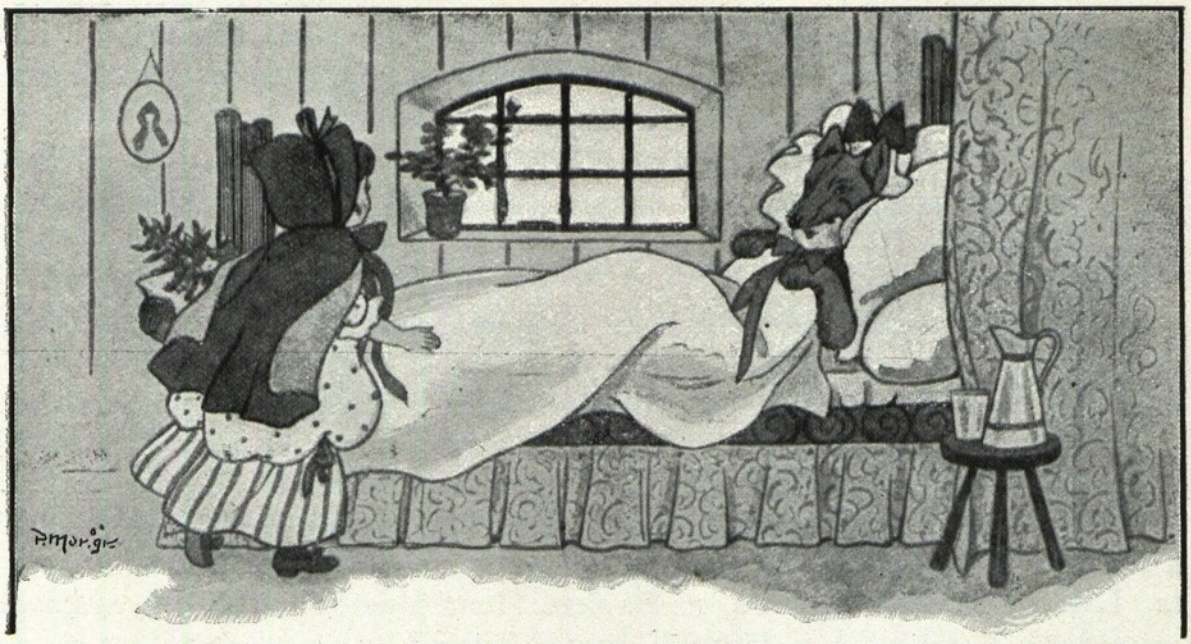
SCENA III

ELSA E O LOBO

O LOBO. — *(Com voz meiga.)* Não tenhas medo, querida Elsa.

ELSA. — Tenho, oh! se tenho! Minha mãe disse-me que mettes pavor e que és muito mau e podias comer-me toda, não deixando sequer um dedo mindinho.

O LOBO. — Tua mãe está enganada. Foi-lhe dizer isso alguem que me quer



ELSA — Boas tardes, avósinha

mal. Tenho o estomago estragado e só posso comer ervas e fructas. A carne ha mais de um anno que não vae á minha bocca.

ELSA. — Estimo que assim seja, mas com licença... Vou-me embora, porque minha mãe me recommendou que me não demorasse pelo caminho. *(Pega no cestinho e afasta-se um pouco do lobo.)*

O LOBO. — Oh! Não te vás ainda. E' raro o dia em que tenho alguem com quem conversar. Vivo aqui tão sósinho!...

ELSA. — Tambem a minha avó vive sósinha e eu tenho de ir ter com ella. Desculpa-me, sim?

O LOBO. — Ah! Vaes ter com a tua avósinha?... Isso mostra quanto és boa.

ELSA. — *(A' parte.)* Mas o lobo não é tão mau como dizem... nem mette pavor.

O LOBO. — Sabes?... Tambem vou para os lados onde mora a tua avósinha. Se queres, acompanho-te.

ELSA. — Muito obrigada, mas o senhor lobo vae mais depressa e eu tenho estes ovos para levar...

O LOBO. — Levo-t'os eu e chego lá n'um instante, não só porque vou por um atalho, que ha pelo meio da matta, mas tambem porque tenho pernas mais ligeiras e compridas.

ELSA. — *(Dando-lhe o cestinho.)* Deixe-m'o á entrada da choupana da minha avó.

O LOBO. — Deixo, sim, fica descançada. Em todo o caso vamos a ver quem chega lá primeiro. Pode ser que esteja enganado. Tu és mais nova do que eu... Vou dizer um, dois e tres. Quando disser tres, desatamos ambos a correr, cada um pelo seu lado. Um! Dois! Tres! *(Elsa sae a correr pela esquerda. O lobo dá dois saltos para a direita, mas pára e fica a rir.)* Tem graça!... Não a engoli n'este mesmo sitio, porque podia apparecer algum caçador que me interrompesse o banquete. Em casa da avó estou muito melhor. Primeiro papo a velha,

e depois... E eu que a fazia já enterrada. Por isso ainda não tinha lá ido. Oxalá não esteja muito dura de roer. *(Sae pela esquerda, rindo ás gargalhadas. Desce o panno.)*

QUADRO III

A choupana da avó. O lobo está deitado na cama, com a camisa de dormir e a touca da pobre da velha.

SCENA I

O LOBO, *só.* — Ah! que bello jantar eu papei! *(Apalpando o estomago.)* Mas aqui ha logar para muito mais. A pequena vae com certeza tomar-me pela avó. Que pena o meu nariz ser tão comprido! Admira que não tenha já chegado o Capuchinho Vermelho. Talvez ande a apanhar mais flores. O peior é se me esqueço das palavras que disse a velha, quando bati á porta... Como foi?... Ah! «Levanta o bedelho e entra, minha neta». Mas a minha voz não é bem egual á da avó... Como ha de ser isto? O que eu faço é tossir muito. *(Batem á porta.)* Levanta o bedelho e entra, minha neta. Hum! Hum! Hum! *(Tosse e esconde um pouco o focinho com a dobra do lençol. Entra Elsa e pára junto aos pés da cama.)*

SCENA II

O LOBO E ELSA

ELSA. — Boas tardes, avósinha. *(O lobo tosse e espirra.)* A vóvó está mais constipada! Tem uma tosse tão funda!... *(O lobo tosse outra vez e rosna. Elsa põe o cestinho em cima da mesa.)* Tenho muita pena de vir encontral-a peior. *(Approxima-se da cama.* (A minha mãe manda-lhe um bolo, uns ovos e um queijinho. *(Mostra o que traz no cesto.)* Ai! Mas como a avósinha está transtornada! Não parece a mesma! As suas orelhas cresceram muito...

O LOBO. — E' para te ouvirem melhor.

ELSA. — E os seus olhos fizeram-se tamanhos!...

O LOBO — E' para te verem melhor.

ELSA. — *(Com a voz a tremer)* E os seus dentes tornaram-se tão compridos!...

O LOBO. — *(Saltando para fora da cama.)* E' para te comerem melhor! *(Elsa foge para um canto do quarto, gritando muito e perseguida pelo lobo.)*

ELSA. — *(Com voz muito forte.)* Acudam! Acudam! E' o lobo! E' o lobo! *(Barulho dentro. A porta é arrombada e entra da esquerda um lenhador armado com uma espingarda.)*

ELSA. — Deus Nosso Senhor lh'o pague!

SCENA III

OS MESMOS, UM LENHADOR

LENHADOR. — Que é isto

aqui?... Ah! Maroto! Espera que já te ensino! *(O lobo quer fugir, mas o lenhador dá-lhe um tiro e mata-o.)*

ELSA. — *(Soluçando.)* Deus Nosso Senhor lh'o pague. Ah! Eu bem sei porque tudo isto me aconteceu. E' porque não cumpri á risca as ordens de minha mãe.) *Encosta-se á cama, chorando. Olhando para o lobo pelo cantinho do olho.)* Mas elle estará bem morto?

LENHADOR. — Lá isso está. Escapaste da morte por uma unha negra. *(Olhando pela janella para fora.)* Oh! Ahi vem a tua mãe... Não a vês acolá, correndo do lado do arvoredo?

ELSA. — Ah! E' verdade! E' verdade! *(Chamando-a.)* Minha mãe! Minha mãe!

LENHADOR — Estiveste quasi a não tornar a vel-a. *(Entra da esquerda, apressadamente a mãe de Elsa. A pequenita corre para ella.)*

SCENA IV

OS MESMOS, A MÃE DE ELSA

ELSA. — Ai! Minha rica mãe! Sempre tive um susto! O lobo ia-me comendo!

MÃE. — Quem sabe se foste má e se falaste com elle, contra o que eu te recommendei!... E que é feito de tua avósinha, coitada? Não sou capaz de a ver... *(Elsa chora.)*

LENHADOR. — Parece-me que foi comida pelo patife do lobo!

MÃE. — *(Soluçando.)* Minha querida mãe!

ELSA. — *(Soluçando.)* Minha pobre avósinha! *(Encostam-se ambas á cama.)*

LENHADOR. — Fazem-me tanta pena!... Ora esperem! Levo d'aqui o lobo, abro-lhe o bandulho e talvez possa tirar para fora a pobre da velhinha ainda viva. Vou experimentar. *(Leva o lobo para fora de scena, pela direita.)*

ELSA. — Será possivel, minha mãe?

MÃE. — Não ouviste ler, outro dia, que nos tempos antigos um homem viveu depois de ter estado na barriga de uma baleia?

LENHADOR. — *(Dentro.)* Bravo! Bravo! Isto é que foi! *(Entra da direita com a avó. Elsa e a mãe ficam boquiabertas de espanto.)*

SCENA V

OS MESMOS, A AVÓ DE ELSA

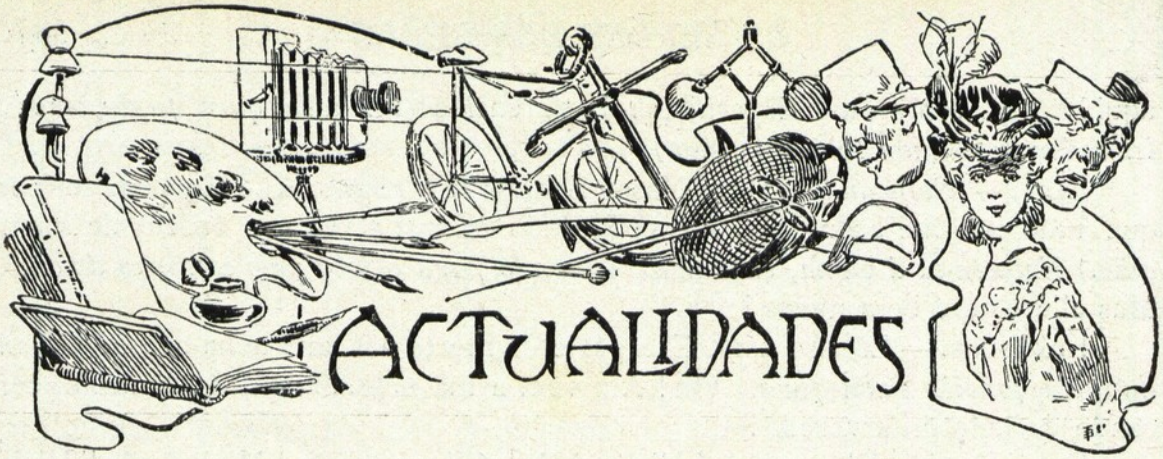
A AVÓ. — Não estejam afflictas, minhas queridas. O lobo estava tão sofrego, que me enguliu sem mastigar. Por isso não me doe nada. *(Elsa e a mãe precipitam-se para os braços da avó.)*

ELSA. — *(A' mãe, indicando o lenhador.)* Foi quem me acudiu!

MÃE. — Obrigado, meu senhor. Tambem me salvou a vida, porque eu morria com certeza se perdesse o meu Capuchinho Vermelho! *(Abraça e beija Elsa. Desce o panno.)*

FIM

(Imitado do inglez de Hilda Dawdson.)



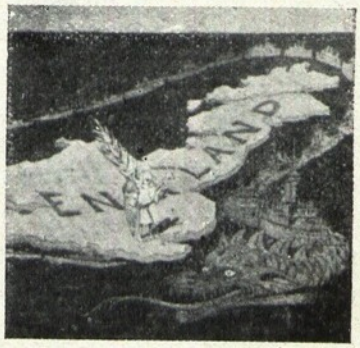
Grandes topicos

Fumos bellicos

DUAS são as questões que actualmente representam ameaças de conflicto armado. A primeira está localisada ás portas da Europa, em Marrocos, onde o desgoverno do sultão tornou indispensavel a intervenção das duas nações ás quaes, segundo a conferencia de Algeciras, cabe o officio da policia internacional. Em Tanger se reunem as esquadras da França e da Hespanha, sob o commando supremo do almirante francez Touchard, afim de iniciarem a obra de pacificação interna necessaria para a futura europeanisação do estado norte-africano. Parece que d'esta vez, graças á acção diplomatica da conferencia, a intervenção se fará desafogada de entraves opostos pelas potencias da Europa. E o proprio sultão, annunciando a sua visita official ás esquadras, manifesta a formal adhesão aos intuitos civilisadores, que dão pelo menos côr a quaesquer projectos ambiciosos.

REPOUSA, ESPIRITO INQUIETO!
KAISER — *Com mil raios! cuidei que nunca mais te poria a vista em cima*
SOMBRA DE BISMARK — *Isso sim! Espera até veres as* MINHAS *revelações!*
Do «*Punch*»

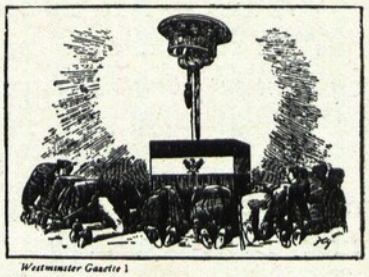
Outro conflicto se desenha entre as duas mais recentes potencias do mundo civilisado: os Estados-Unidos e o Japão. A exclusão dos japonezes das escolas da Califoinia é a determinante d'esse conflicto, que já deu logar a atoardas de guerra imminente. A circumspecção conhecida dos dois governos parece porem de molde a desviar esses perigos, que seriam enormes e infructiferos para os dois adversarios egualmente. O governo central da republica americana entende que ao estado da California compete a resolução do conflicto. Este decerto o ha de resolver pacificamente, e o governo japonez aplanará sem duvida o caminho da conciliação.



DIVISA DA INGLATERRA
Paz em terra... guerra nos mares!
Do «*Ulsk*»

A crise hespanhola

O governo liberal de Lopez Dominguez cahiu deante de uma intriga politica, acrescendo o prestigio do velho general,



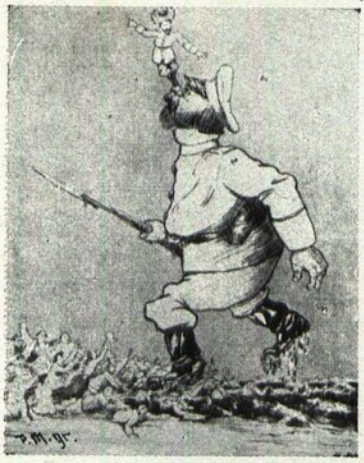
O FEITIÇO DO KEPI E DA ESPADA
(A proposito do incidente de Köpenich)
Da «*Westminster Gazette*»

A TRISTE CONDIÇÃO DO JOVEN POLACO

Se rezo em polaco, sova do preceptor. | *Se rezo em allemão, sova de meu pae.* | *Se não rezo, sova do padre.*

Do «*Ulk*»

que sahiu do Congresso entre acclamações, misturadas de clamores anti-dynasticos. Não admira, porque concitara as sympathias dos elementos democraticos de Hespanha.



O ESTEIO DO THRONO RUSSO

O czar recommenda aos que o aguentam que corram com firmeza e não vacillem, para elle não ser precipitado para o meio do seu povo, no momento em que este não está preparado para o acolher.

Do «*Wahre Jacob*»

Seguiu-se-lhe o ephemero gabinete, presidido por Moret, o principal fautor da intriga, e que, embora organisado dentro dos partidos liberaes, não teve alento para durar mais de tres dias. Mais accentuadamente liberal parece ser a nova situação, presidida pelo marquez de la Vega de Armijo, que não foi recebida com hostilidade pela maioria das camaras, e que poderá manter-se se não renunciar ao programma radical de Lopez Dominguez, pelo menos nas suas linhas essenciaes. O mais importante d'esse programma é certamente o projecto de lei sobre associações, o qual é afinal de contas o pomo de discordia dentro das proprias facções do liberalismo. Guerreiam-no todos que teem as suas opiniões eivadas de qualquer untura clerical; e é verdadeiramente a questão religiosa que surde na Hespanha, a exemplo do que succedeu em França. É porém duvidoso que na nossa irmã peninsular surjam estadistas da energia e da força de Combes, de Waldeck-Rousseau e de Clemenceau, tanto mais que o adversario dispõe para aquem dos Pyrineus de muito mais poderosos recursos de resistencia, conjugado como se acha até certo ponto com as instituições.

A questão do Congo

No parlamento da Belgica discute-se a questão de annexação do Estado do Congo. É assumpto complicado, no qual en-

NOS ALPES POLITICOS

O urso russo — O' camarada, quantas varas quadradas de pelle me custará a tua intervenção?

Do «*Wahre Jacob*»

O FIEL EXERCITO RUSSO

OFFICIAL — *Puxe o cordelinho, senhor, que elle faz exactamente o que Vossa Majestade ordenar.*

Do «*Wahre Jacob*»

O EMFERMO

AS POTENCIAS — *Ora este! está outra vez a espertar! E os seus subditos são ainda peiores do que elle!*

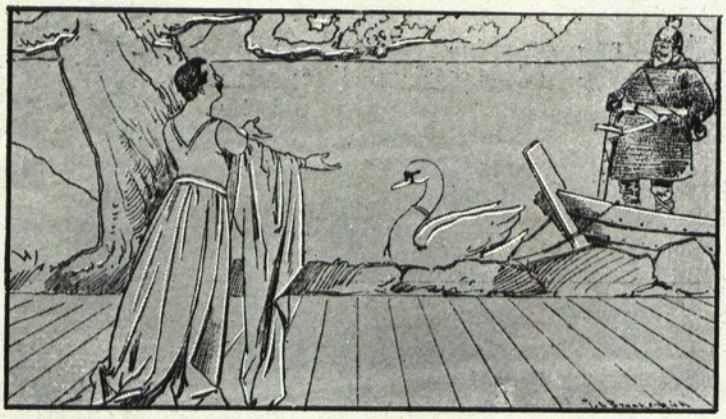
De «*La Silhouette*»

tram em jogo, tentando sobrepôr-se nos interesses nacionaes, os interesses mercantis do proprio rei Leopoldo, e o conflicto não será de facil solução sem sahir das pontas de um dilemma: ou o descontentamento do paiz, ou o desprestigio do rei. Mas cá por fóra, as tremendas accusações contra os funccionarios do estado africano determinarão porventura a acção collectiva das potencias signatarias do tratado de Berlim, e a intentada annexação não é provavel que exima de responsabilidades a administração transacta do Congo belga. Debalde a intriga internacional tenta desviar d'aquelle ponto as attenções universaes, engendrando libellos, mais ou menos calumniosos, contra a administração colonial de varios paizes. Como é de suppôr, não tem sido poupado Portugal, quasi sempre bode expiatorio n'estes conflictos de interesses ultramarinos. Victoriosamente responderam tanto o governo como varios particulares ás asserções deprimentes que alvejavam a nossa colonia de S. Thomé. Não será tão facil ao governo allemão lavar-se de culpas. Mas, seja como fôr, cremos que todas as nações interessadas se preparam, a exemplo de Inglaterra, para uma nova modificação de cousas na Africa, por accordo internacional.

A FRUTA MADURA

Emquanto os cubanos estão disputando a maçã, será o tio Sam quem a comerá.

Do «*Wahre Jacob*»



GUILHERME-ELSA E EDUARDO-LOHENGRIN

Serei a tua Elsa, se queres ser o meu Lohengrin.

Do «*Weekblad voor Nederdand*»

Allemanha e Dinamarca

ATTRIBUE-SE uma alta significação politica á recente visita dos reis da Dinamarca a Berlim. Diz-se que terminou pela ratificação de um tratado entre a Dinamarca e a Allemanha. Por elle, a Allemanha garantiria a integridade da Dinamarca, tendo o privilegio de fechar o Baltico contra esquadras hostis. Ha motivos de sobra para não tomar a serio este boato. Ainda não se apagou da memoria dos dinamarquezes a guerra do Schlewig-Holstein, e, embora o rei Frederico VIII se tenha sempre mostrado bem disposto para com a Allemanha, não é provavel que vá buscar os seus alliados a Berlim. Mais sorrirá aos dinamarquezes a ideia de uma confederação scandinava, e espera-se que o rei voltará de preferencia as suas vistas para a Suecia e a Noruega. Demais, caso a Allemanha se empenhasse n'uma guerra com uma potencia naval de primeira ordem, a alliança dinamarqueza decerto não afastaria as esquadras hostis dos portos allemães do Baltico. E assim se tornaria absolutamente inutil.

Kladderadatsch.] [Berlin

ANCIEDADES FRANCEZAS

Qual é a voz de commando?

Do «*Kladderadatsch*«

A REVOLTA CONTRA A EGREJA NA HESPANHA

O PAPA, *a Affonso XIII—Et tu, Brute!*

Do «*Neue Glühlichter*»

Vida na sciencia e na industria

Radiographia A descoberta da radio-actividade foi muito auxiliada pela existencia das chapas photographicas sensiveis, especialmente das secas que permittem prolongadas exposições. A pellicula photographica offerece ao homem meio de descobrir forças naturaes que elle desconhecia completamente. A chapa em que se obteve a imagem junta de uma chave foi mettida dentro de um saco de papel amarello e depois n'outro de papel preto, de fórma que a luz ordinaria não podia attingil-a.

A chapa foi então collocada n'uma meza e o objecto a photographar collocou-se por cima. Suspendeu-se então sobre a chave um pequeno tubo de brometo de radio e deixou-se actuar sobre a chapa. A exposição foi de quinze horas. Vê-se que os papeis negro e amarello pouca ou nenhuma resistencia offereceram aos raios do radio, e que estes penetraram egualmente até certo ponto no metal da chave.

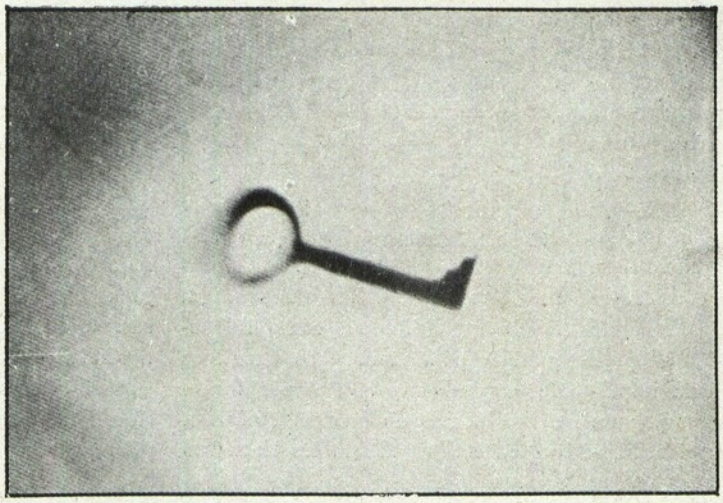


IMAGEM RADIOGRAPHICA

Cozinhar sem lume É curioso que não se tenha ampliado o uso de conservar o bule quente dentro de uma boceta propria, desde que é baseado n'um principio scientifico. Ha treze annos que M.me Back, mulher do director da escola industrial de Frankfort, faz investigações n'esse sentido, e ha pouco apresentou perante um numeroso auditorio os resultados, completamente satisfatorios, dos seus esforços constantes.

Ha uma caixa dividida em compartimentos ou *ninhos*, onde se collocam as vasilhas que conteem os alimentos. Esses compartimentos acabam de se encher de feno, aparas de madeira ou papel, sendo preferivel a primeira substancia. A caixa é fechada hermeticamente com uma tampa, para evitar a sahida do ar quente. Qualquer caixa serve para o caso, comtanto que se feche bem. As vasilhas (panellas, tachos, pratos cobertos, etc.), enterram-se no feno, o qual se calca bem em roda d'ellas. Claro que todas devem ter tampas bem apertadas. Obtem-se os melhores resultados com o uso da louça de barro, a qual retem melhor o calor. Por cima das vasilhas põe-se uma almofada de feno, e fecha-se a tampa da caixa.

Descobriu M.me Back que o alimento não só se conserva quente, mas que continua a cozer dentro da caixa. Iguarias, que tinham fervido apenas alguns minutos, continuaram a cozinhar-se no interior da caixa, ficando promptas no espaço de tres horas, pouco mais ou menos. M.me Back fez um certo numero de experiencias que despertaram o interesse geral e agradaveis surprezas, e agora consegue acabar dentro da caixa toda a especie de pratos, cozidos ou assados, peixes, sopas, legumes, fructas, em summa tudo que não exija uma passagem rapida por um lume forte. Esta descoberta é de grande importancia e de valor transcendente para as donas de casa, tanto pela economia como pela facilidade das preparações culinarias simultaneas.

Os raios X e o cabello Dois medicos francezes, segundo consta, descobriram um novo meio de transformar os cabellos grisalhos. O professor Imbert e o dr. Marques, no laboratorio da faculdade de medicina de Montpellier, descobriram que, no decurso do tratamento pelos raios Röntgen, tornava-se preto o cabello que apparecia ao doente sob a influencia directa dos raios. Accentuou-se este phenomeno com um doente de lupus, cujo rosto não estava protegido, mudando de grisalho para negro parte do cabello e do bigode. Primeiro os cabellos cahiram, depois cresceram rapidamente, intensamente negros em vez de brancos como os restantes. Não houve alteração depois de cortados repetidas vezes. Além d'isso, o cabello de um dos medicos foi egualmente influenciado. Sabemos que em França a pratica de tingir o cabello pelos raios X ficará rigorosamente limitada aos medicos, visto que a Academia de Medicina incluiu o uso dos raios Röntgen na categoria dos processos vedados ao publico profano.

É conveniente que assim succeda, para que o charlatanismo não explore com mais um preparado a vaidade da velhice.

A maior cidade de mortos

O cemiterio mais extenso no mundo é o de Roma, no qual se teem enterrado para cima de seis milhões de entes humanos.

A borboleta gigante

A maior borboleta conhecida é a Atlas Gigante, natural da China, cujas azas extendidas medem uns 25 centimetros de envergadura.

Boa nova para os cegos

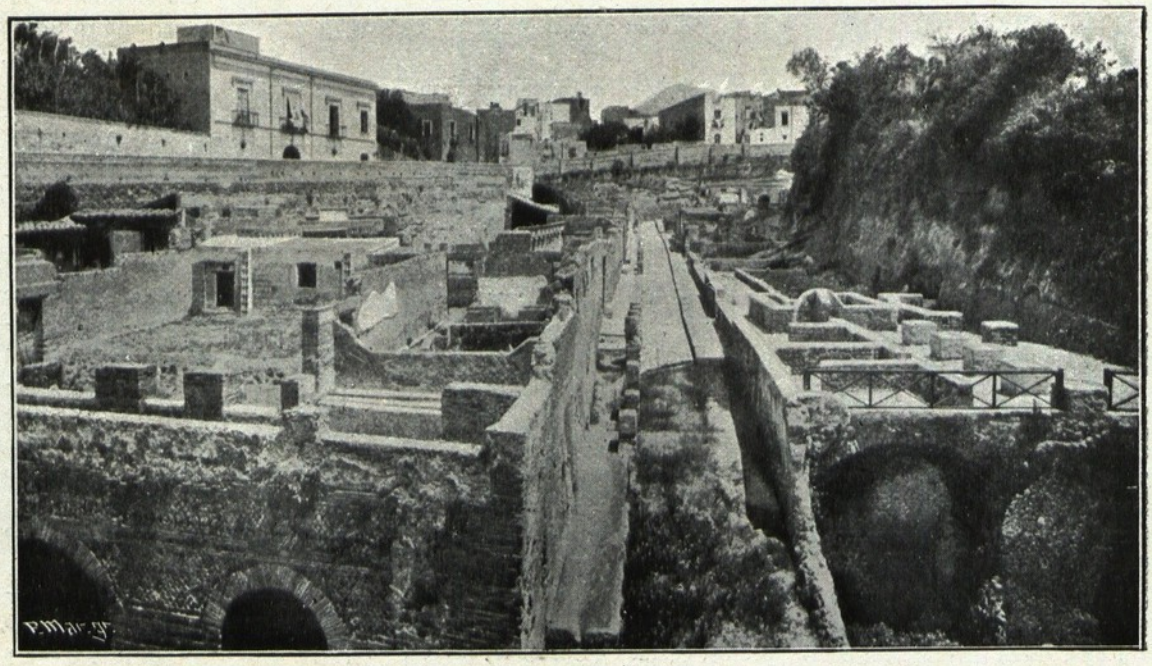
A impressão pelo systema Braille, para uso dos cegos, foi sensivelmente melhorada e barateada pelo invento de um impressor de Edimburgo. Como se sabe, o methodo consistia em pontear com furos a chapa de cobre da qual se devia imprimir uma pagina. Pela nova invenção, o tempo e a despeza para este trabalho reduzem-se sensivelmente, os erros podem ser corrigidos, e a rapidez da impressão accelera-se mais de 1:500 vezes. A Companhia Braille, de Edimburgo, adoptou este novo methodo, e está imprimindo livros para os cegos por um preço extraordinariamente reduzido. Em breve tenciona publicar um semanario especial para os infelizes privados de vista.

Desenvolvimento dos telephones na Dinamarca

É a Dinamarca um dos paizes mais favorecidos no que toca á facilidade e multiplicidade das relações telephonicas. Com effeito, contam-se alli 17 postos telephonicos por 1:000 kilometros, e o só a Companhia dos Telephones de Copenhagen tem 24:000 subscriptores. Ha sobretudo companhias particulares de telephones no paiz; e, ao lado dos 7:000 kilometros de linhas pertencentes ao estado, essas companhias contam mais de 172:000. Durante o ultimo anno de que temos dados estatiscos, o numero dos assignantes das companhias particulares teve o augmento de 6:000.

Excavações em Herculaneum

Ao passo que Pompeia tem sido largamente explorada, Herculaneum tem ficado quasi intacta como foi sepultada pela lava, e os trabalhos de exploração devem ser muito mais difficeis do que em Pompeia, a qual está sepultada em cinzas. O dr. Waldstein, de Cambridge, delineou um plano para a exploração completa de Herculaneum, e está sendo viva e severamente criticado pela imprensa italiana, a qual sustenta que os trabalhos devem ser confiados a archeologos italianos, e que a proposta do sabio inglez colloca a Italia no mesmo nivel que a Turquia e a Grecia. Pelo seu lado, o dr. Waldstein assegura que o seu plano salvaguarda a honra nacional da Italia e que tem por si as sympathias do professor Boni. Os thesouros sepultados em Herculaneum devem ser preciosos, visto que esta cidade era uma estação estival de gente opulenta da velha Roma. O pouco que se tem feito em Herculaneum, excavando os restos da cidade enterrada, offerece resultados bastante animadores. É de esperar que dentro em pouco o governo italiano emprehenda uma excavação completa. Entre as preciosidades já postas á luz podem citar-se estatuas de Mercurio em repouso, do luctador, do Fauno somnolento, de Bucephalo. Acham-se já a descoberto, entre outras casas, a de Argus, uma taverna, a herdade de Dissogno, e o aspecto geral das ruinas é já importantissimo, como se pode apreciar pela photogravura que publicamos.



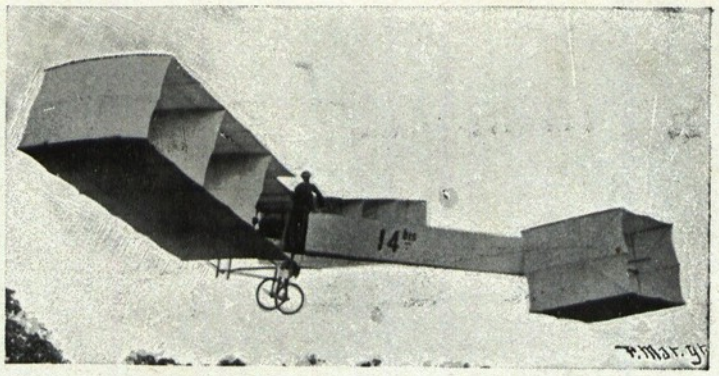
VISTA GERAL DAS RUINAS DE HERCULANEUM

Vida no sport

Aeronautica No nosso numero passado nos referimos aos novos apparelhos de Santos Dumont e de M. Deutsch de la Meurthe, e dos dois publicamos agora as photogravuras. O aeroplano de Santos Dumont fez experiencias concludentes. Tem a forma de um grande T com azas levantadas a um pequeno angulo. Na base do T ha um engenho que actua como leme, e toda a machina é supportada sobre a terra por um systema de rodas com protectores de borracha. O motor, uma Antoinette de 50 cavallos, pode dar 1:500 revoluções por minuto e move a machina com uma velocidade de 28 milhas por hora. O aeroplano pesa cerca de 250 kilogrammas e custou perto de 700 libras.

Pelo que respeito á aeronave de M. Deutsch, tem na cauda oito tubos cheios de gaz e é actuada por um motor de força de 100 cavallos.

A aeronave *Patrie*, construida por M. Lebandy, o segundo navio da esquadra aerea que se está organisando sob a direcção do ministerio da guerra francez, fez em meiados de novembro uma ascensão em Moisson, e manobrou por mais de uma hora, com excellentes resultados.



O NOVO AEROPLANO DE SANTOS DUMONT

A taça do Imperador da Alemanha O Imperador da Allemanha deu uma taça para um concurso internacional, que deve realisar-se no proximo junho, para uma corrida de automoveis de cerca de 500 kilometros. As condições foram elaboradas pela commissão technica do Club Imperial Automobilista de Berlim. Reservam o direito de limitar a tres carros a entrada de cada fabricante. Os carros não devem pesar menos de 1:750 kilos. O preço de inscripção é de 3:000 marcos por cada carro, e devem fazer-se as inscripções até 31 de dezembro proximo.

DESENHO PARA A TAÇA VANDERBILT

Allusão ás devastações produzidas pelo automobilismo

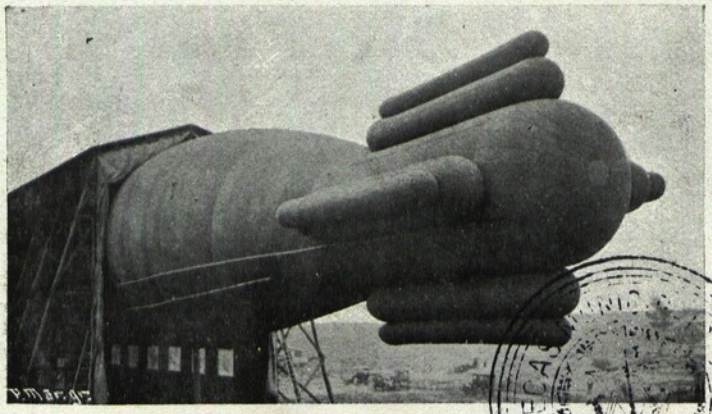
Da «*Chicago Sunday Tribune*»

Concursos de apparelhos voadores Os jornaes inglezes *Graphie* e *Daily Graphie* offereceram um premio de 1:000 libras á primeira machina que consiga voar uma milha. Outro periodico inglez, o *Daily Mail*, offereceu tambem um premio de 10:000 libras para a viagem aerea de Londres a Manchester.

A este juntou Lord Montagu de Beaulieu mais 1.000 libras, o club *Autocar* 500 libras, e a Companhia Manufactora de Adams 2:000 libras, perfazendo tudo um total de 13:500 libras.

Em França, abre o *Matin* um concurso para a viagem aerea de Paris a Londres, em 1908, com o premio de 250:000 francos.

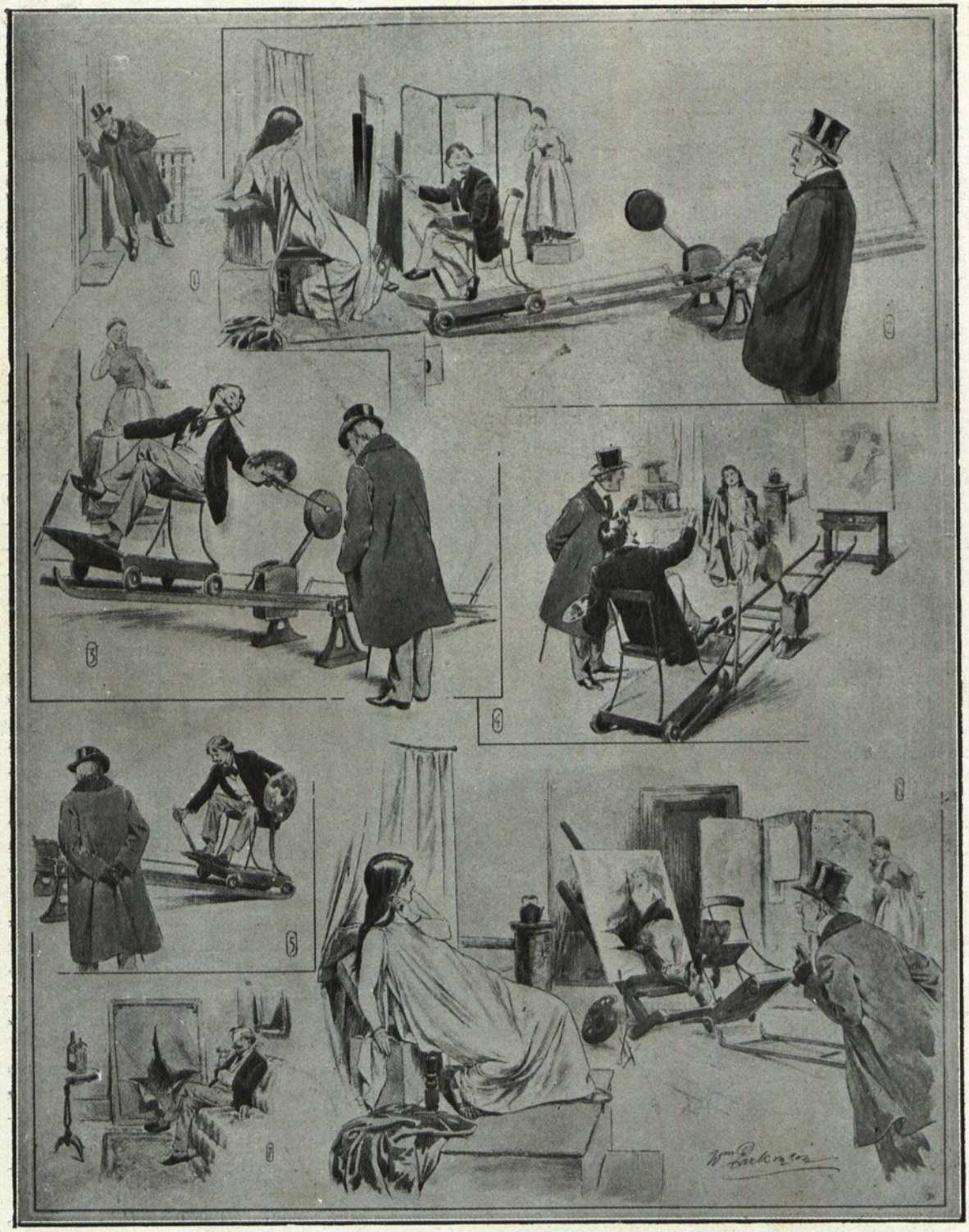
Mais outro premio de 2:500 libras offerece Lord Montagu, em nome de um club de Brookfield, ao primeiro aeroplano, mais pesado que o ar, que percorra tres milhas, n'uma altitude não inferior a 10 metros, sem tocar em terra, n'um periodo de dezoito minutos. O prazo é entre o dia de abertura do concurso e o dia 31 de dezembro de 1907.



A NOVA AERONAVE DEUTSCH

BIBLIOTECA ... LISBOA

Uma linda invenção



1. — Pode-se entrar? — 2. — Está admirando o meu invento? — 3. — Como vê, é um simples systema de balanço. — 4. — Quero afastar-me para ver de longe o effeito do quadro... e cá estou! — 5. — Quero de novo aproximar-me e... — 6. — Oh! com seiscentos!... — 7. — E quinze dias de molho